



PRESS BOOK

SEMANA IGUALDADE 2018

1. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Correio da Manhã Online, 05/03/2018	1
2. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Destak Online, 05/03/2018	2
3. Mulheres portuguesas trabalharam 70 dias sem remuneração, Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online, 05/03/2018	3
4. Greve dos educadores de infância, RTP 3 - Bom Dia Portugal, 05/03/2018	4
5. "Dia Internacional da Mulher" - Marcelo Rebelo de Sousa, RTP 1 - Telejornal, 08/03/2018	5
6. CGTP promoveu hoje um protesto em Lisboa para assinalar o "Dia Internacional da mulher", RTP 3 - 18/20, 08/03/2018	6
7. CGTP realizou esta tarde um protesto em Lisboa, RTP 3 - 18/20, 08/03/2018	7
8. Dia Internacional da Mulher, Porto Canal - Mundo Local, 08/03/2018	8
9. Dia Internacional da Mulher, TVI - Jornal da Uma, 08/03/2018	9
10. Há mais mulheres do que homens na Madeira, Diário de Notícias da Madeira, 08/03/2018	10
11. Dia Internacional da Mulher, Diário do Minho, 08/03/2018	11
12. Edilidade comemora Dia Internacional da Mulher com iniciativas diversificadas, Diário do Sul, 05/03/2018	12
13. O Tempo das mulheres, Notícias Magazine, 04/03/2018	14
14. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento (C/ÁUDIO e VÍDEO), Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	24
15. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	25
16. União Local/CGTP-IN - Dia Internacional da Mulher, Distrito Online, 08/03/2018	26
17. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Diário de Notícias Online, 08/03/2018	27
18. SETÚBAL - Comemorações do dia Internacional da Mulher pelo CGTP, Diário do Distrito Online, 08/03/2018	28
19. "Quanto mais mulheres trabalham, maior é o fosso salarial", Expresso Online, 08/03/2018	29
20. USAM assinala Dia da Mulher distribuindo informação à população em geral, JM Online, 08/03/2018	31
21. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Jogo Online (O), 08/03/2018	32
22. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	33
23. Centena de manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	34
24. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, Notícias ao Minuto Online, 08/03/2018	35

25. Mónica Antunes: A luta das mulheres da Triumph é a luta de todos os trabalhadores, Notícias Magazine Online, 08/03/2018	36
26. Greves e manifestações marcam o Dia da Mulher em Espanha, RTP Online, 08/03/2018	39
27. Marcha pelo Dia Internacional da Mulher, RTP Online, 08/03/2018	41
28. Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento, TSF Online, 08/03/2018	42
29. Desigualdade laboral vai continuar em 2018 para as mulheres, Dinheiro Vivo Online, 07/03/2018	43
30. Opinião. Coragem para acabar com a discriminação salarial, Dinheiro Vivo Online, 07/03/2018	45
31. Coragem para acabar com discriminação salarial, Diário de Notícias Online, 07/03/2018	46
32. Também com a Beyoncé o feminismo chegou mais longe?, Público Online, 07/03/2018	47
33. Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados, Diário de Notícias Online, 05/03/2018	51
34. Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados, Jogo Online (O), 05/03/2018	52
35. Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados, Jornal de Notícias Online, 05/03/2018	53
36. Ourém "Semana da Igualdade" da CGTP começa em Fátima, Médio Tejo Online, 05/03/2018	54
37. Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados, Notícias ao Minuto Online, 05/03/2018	55
38. SEMANA DA IGUALDADE: AFIRMAR A IGUALDADE, Rádio Cova da Beira Online, 05/03/2018	56
39. CGTP promove Semana da Igualdade, Rádio Voz da Planície Online, 05/03/2018	57
40. Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados, TSF Online, 05/03/2018	58
41. Comemorações do dia Internacional da Mulher - Desfile Setúbal, Distrito Online, 02/03/2018	59
42. Dia Internacional da Mulher, Antena 1 - Notícias, 08/03/2018	60
43. Dia Internacional da Mulher, Antena 1 - Notícias, 08/03/2018	61
44. Dia da Mulher - Portugal é o país europeu onde o fosso salarial mais se agravou, Público, 08/03/2018	62
45. "O assédio devia estar tipificado na lei como crime", Público Online, 08/03/2018	75
46. Assédio sexual: O que está a mudar em Portugal, Sábado, 08/03/2018	78
47. Elas ganham menos 19% do que eles, mas será que sabem?, TVI 24 Online, 08/03/2018	84
48. A setubalense intrépida que lutou por direitos ainda hoje a caminho da conquista, Setubalense (O), 07/03/2018	86
49. Antena Aberta: igualdade de género, Antena 1 - Antena Aberta, 05/03/2018	88
50. CGTP inicia semana reivindicativa com tema da desigualdade salarial de género, Delas Online, 05/03/2018	89
51. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Dinheiro Vivo Online,	91

05/03/2018

52. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Diário de Notícias da Madeira Online, 05/03/2018	92
53. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Diário de Notícias Online, 05/03/2018	93
54. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Jogo Online (O), 05/03/2018	94
55. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Jornal de Notícias Online, 05/03/2018	95
56. CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Notícias ao Minuto Online, 05/03/2018	96
57. CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, Porto Canal Online, 05/03/2018	97
58. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, RTP Online, 05/03/2018	98
59. CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, SIC Notícias Online, 05/03/2018	99
60. CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, SIC Notícias Online, 05/03/2018	100
61. Hoje é notícia, SIC Notícias Online, 05/03/2018	101
62. CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda, TSF Online, 05/03/2018	105
63. Diferença salarial entre homens e mulheres, TSF - Fórum TSF, 08/03/2018	106
64. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Antena Minho Online, 08/03/2018	107
65. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Antena Minho Online, 08/03/2018	108
66. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Destak Online, 08/03/2018	109
67. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	110
68. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	111
69. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Diário de Notícias Online, 08/03/2018	112
70. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Diário de Notícias Online, 08/03/2018	113
71. Marcelo pede "oposição muito forte", Expresso Online, 08/03/2018	114
72. Trabalhadores têxteis, vestuário e calçado em greve no dia 23, Guimarães Digital Online, 08/03/2018	115
73. Trabalhadores têxteis e do vestuário em greve no dia 23, Guimarães Digital Online, 08/03/2018	116

74. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Impala Online, 08/03/2018	117
75. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Jogo Online (O), 08/03/2018	118
76. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Jogo Online (O), 08/03/2018	119
77. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	120
78. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	121
79. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online, 08/03/2018	122
80. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Lusa Online, 08/03/2018	123
81. CGTP DEIXA AVISO AO GOVERNO EM GUIMARÃES, Mais Guimarães Online, 08/03/2018	124
82. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve, Minho Online (O), 08/03/2018	125
83. Federação de sindicatos dos têxteis anuncia greve para março, Notícias ao Minuto Online, 08/03/2018	126
84. Governo não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Notícias ao Minuto Online, 08/03/2018	127
85. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Observador Online, 08/03/2018	128
86. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de Março, Público Online, 08/03/2018	129
87. Têxtis em greve a 23 de março, Renascença Online, 08/03/2018	130
88. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de Março, RTP Online, 08/03/2018	131
89. FESETE convoca greve para 23 de Março, Rádio Fundação Online, 08/03/2018	132
90. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, Sapo Online - Sapo 24 Online, 08/03/2018	133
91. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, Sapo Online - Sapo 24 Online, 08/03/2018	134
92. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, SIC Notícias Online, 08/03/2018	135
93. Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março, TSF Online, 08/03/2018	136
94. CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita, TSF Online, 08/03/2018	137
95. Sindicatos dos têxteis anunciam greve para 23 de março, TVI 24 Online, 08/03/2018	138
96. Trabalho. Taxa de desemprego pode ficar abaixo dos 8,6% em 2018, Negócios, 07/03/2018	139
97. CGTP: Sindicatos com Semana da Igualdade, Reconquista Online, 07/03/2018	140

98. Duelo de galos têxteis pelas fábricas da Ricon, Antena 1 - Notícias, 06/03/2018	141
99. Sonix quer activos da falida Ricon e já contratou 120 ex-trabalhadores, Negócios Online, 05/03/2018	142
100. Sonix quer activos da falida Ricon e já contratou 120 ex-trabalhadores, Sábado Online, 05/03/2018	144
101. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam em Rio Maior por aumentos salariais, Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	146
102. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, Dinheiro Vivo Online, 08/03/2018	148
103. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, Diário de Notícias Online, 08/03/2018	150
104. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, Jogo Online (O), 08/03/2018	152
105. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	154
106. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam por aumentos salariais, Mirante Online (O), 08/03/2018	156
107. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, Público Online, 08/03/2018	158
108. Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais, TSF Online, 08/03/2018	160
109. Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora, Rádio Nova Antena Online, 06/03/2018	162
110. Março é o mês de todas as greves e manifestações, Expresso, 03/03/2018	164
111. Évora assinala Dia Internacional da Mulher, MetroNews Online, 02/03/2018	166
112. Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora, Tudobem - Informação Regional Online, 02/03/2018	168
113. Marcha das Mulheres, RTP 3 - 360, 08/03/2018	170
114. "Dia Internacional da Mulher" com uma marcha até ao Parlamento, RTP 1 - Telejornal, 08/03/2018	171
115. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Diário de Notícias Online, 08/03/2018	172
116. Mulheres que trabalham em hospitais e grandes superfícies são das que têm mais dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar, Expresso Online, 08/03/2018	173
117. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Impala Online, 08/03/2018	175
118. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Jogo Online (O), 08/03/2018	177
119. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Jornal de Notícias Online, 08/03/2018	178
120. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Notícias ao Minuto Online, 08/03/2018	180
121. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Observador Online, 08/03/2018	182

122. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, Sapo Online - Sapo 24 Online, 08/03/2018	184
123. CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira, TSF Online, 08/03/2018	186
124. Mulheres que trabalham em hospitais e grandes superfícies são das que têm mais dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar, Expresso Online, 07/03/2018	187
125. Professores do distrito juntam-se em Beja, Rádio Pax Online, 06/03/2018	189
126. Greve dos educadores de infância, Porto Canal - Jornal Diário, 05/03/2018	190
127. Greve de educadores de infância, TVI 24 - Diário da Manhã, 05/03/2018	191
128. CGTP nas ruas para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Delas Online, 28/02/2018	192
129. CGTP realiza semana para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Dinheiro Vivo Online, 27/02/2018	194
130. CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Dinheiro Vivo Online, 27/02/2018	195
131. CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Diário de Notícias Online, 27/02/2018	196
132. CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Jogo Online (O), 27/02/2018	197
133. CGTP realiza ação em março para reivindicar igualdade de género, Jornal de Notícias Online, 27/02/2018	198
134. CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, Jornal de Notícias Online, 27/02/2018	199
135. CGTP prepara semana de luta pela igualdade entre mulheres e homens, Notícias ao Minuto Online, 27/02/2018	201
136. CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens, TSF Online, 27/02/2018	202
137. Data celebrada em várias frentes, JM, 09/03/2018	203
138. Rio Maior: Cerca de 400 trabalhadores aderiram à greve da Nobre, Comércio e Notícias Online, 09/03/2018	204
139. CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta, Diário de Notícias Online, 09/03/2018	205
140. Federação dos Sindicatos Têxteis anuncia greve pelo aumento de salário mínimo, Diário do Minho, 09/03/2018	207
141. Ativistas, JM, 09/03/2018	208
142. CGTP: desfile por igualdade salarial, Jornal de Notícias, 09/03/2018	209
143. CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta, Jornal de Notícias Online, 09/03/2018	210

144. Centenas de mulheres protestam pela discriminação de género na Baixa do Porto, Porto Canal Online, 09/03/2018	212
145. Têxteis em greve a 23 de março, Renascença Online, 09/03/2018	213
146. CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta, TSF Online, 09/03/2018	214

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Correio da Manhã Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d6c9316a>

05:43

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Por Lusa

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Destak Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=23ff5336>

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

05 / 03 / 2018 05.43H

Mulheres portuguesas trabalharam 70 dias sem remuneração

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	05/03/2018
Melo:	Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online	Autores:	Almerinda Romeira

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=46d332a2>

Mulheres portuguesas trabalharam 70 dias sem remuneração Almerinda Romeira 05 Mar 2018

A desigualdade entre mulheres e homens atingiu 19,1% no ganho médio mensal, em 2016, refere um estudo da CGTP divulgado no âmbito da Semana de Luta pela Igualdade, que decorre de 5 a 9 de março.

Vasily Fedosenko/Reuters

As mulheres portuguesas ganham menos do que os homens em trabalho igual ou de valor igual. Isto é ainda mais verdade se compararmos os ganhos mensais, ou seja, se nas contas entrar não só o salário, mas também o pagamento por horas suplementares ou extraordinárias, prémios e subsídios regulares, "uma vez que os homens tendem a fazer mais trabalho extraordinário e a alcançar mais prémios geralmente de carácter discricionário".

O retrato é traçado pelo estudo "Caraterização e dados sobre as desigualdades das mulheres no trabalho", da CGTP, divulgado esta segunda-feira, no âmbito da Semana de Luta pela Igualdade, que decorre de 5 a 9 de março.

A desigualdade entre mulheres e homens atingiu 19,1% no ganho médio mensal, em 2016. "Se traduzirmos esta diferença em dias, significa que as mulheres trabalharam 70 dias no ano sem remuneração!", explica a CGTP. Continuar a ler

Esta desigualdade, acrescenta a análise da CGTP, é ainda mais elevada quando comparamos os ganhos médios de quadros superiores: 27,9%. Considerando que as as mulheres são a maioria dos quadros licenciados, isto significa que, na prática, as qualificações são irrelevantes no combate à desigualdade salarial.

Na base desta situação, segundo a central sindical, estão "diversos tipos de discriminação, quer relativamente às atividades e profissões que as mulheres desempenham - habitualmente associadas a baixos salários - quer no acesso e ascensão na carreira, discriminações com origem em estereótipos de diversa ordem que são usados pelo patronato para as sujeitar a uma maior exploração".

Embora não existam dados publicados sobre as remunerações na administração pública por sexo, o Eurostat estimava o diferencial relativo aos ganhos das mulheres na administração pública em Portugal em 13,6%, em 2015.

Além de terem salários em média mais baixos, as mulheres ocupam com maior frequência postos de trabalho em que apenas se recebe o salário mínimo nacional.

Em abril de 2016, 32% das mulheres recebiam o salário mínimo nacional, comparativamente com 19,7% de homens.

Contas feitas, alerta a CGTP, a subvalorização das competências e qualificações das mulheres, bem como as discriminações indiretas refletem-se "numa retribuição mais baixa ao longo da vida, em prestações de proteção social e pensões de reforma inferiores e em grave risco de pobreza."

2018-03-05 18:23:39+00:00

Almerinda Romeira



Greve dos educadores de infância

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=1419cc01-8b13-480d-8769-054aa81d9905&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Hoje há greve dos educadores de infância em Lisboa. A paralisação é por 24 horas: é uma das iniciativas inseridas na semana pela igualdade de géneros, promovida pela CGTP.

Repetições: RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 07:09

RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 08:46

RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 09:12

RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 06:38

RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 07:10

RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 08:46

RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2018-03-05 09:12



"Dia Internacional da Mulher" - Marcelo Rebelo de Sousa

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=b36cffb2-f2d6-4b6e-bf74-b4d243a60f1b&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Marcelo Rebelo de Sousa pediu às mulheres que passem às filhas a mensagem de maior igualdade entre homens e mulheres. Foram várias as iniciativas pelo país, para denunciar a discriminação das mulheres no mercado de trabalho ou até mesmo o assédio sexual.

Declarações de Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República; Catarina Martins, BE; Jerónimo de Sousa, PCP.

Repetições: RTP 3 - 360 , 2018-03-08 21:30

RTP 3 - 24 Horas , 2018-03-08 00:28



CGTP promoveu hoje um protesto em Lisboa para assinalar o "Dia Internacional da mulher"

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=d2030bee-238c-48d4-b52a-75f95b64c193&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

A CGTP promoveu hoje um protesto em Lisboa para assinalar o "Dia Internacional da mulher". A manifestação que teve início no Largo Camões e seguiu depois para a Assembleia da República.



CGTP realizou esta tarde um protesto em Lisboa

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=6e9d1640-e39b-4261-b8d5-b8cd4f55b7f7&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

A CGTP realizou esta tarde um protesto em Lisboa para assinalar o "Dia Internacional da Mulher". A manifestação teve início no Largo de Camões e seguiu depois para a Assembleia da República.



Dia Internacional da Mulher

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=059ec492-c3c7-42f6-b065-68e517097890&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

No Dia Internacional da mulher, falamos de mulheres que ocupam profissões tradicionalmente associadas ao sexo masculino. Nesse dia, o Porto canal foi conhecer Carla Dutra, agente da PSP e Alice Calado, que além de taxista, é também sócia gerente de uma empresa no ramo automóvel.

Repetições: Porto Canal - Jornal Diário , 2018-03-08 20:45

Porto Canal - Último Jornal , 2018-03-08 00:22



Dia Internacional da Mulher

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=60b15209-23c1-4755-906f-ca0d8a01c8a5&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

No Dia Internacional da Mulher está no Jornal da Uma, a CEO da Media Capital, Rosa Cullell.

Repetições: TVI 24 - Jornal da Uma , 2018-03-08 13:36

● EFEMÉRIDE

Há mais mulheres do que homens na Madeira

O DIÁRIO mostra hoje os números que revelam o domínio das mulheres

SANDRA ASCENSÃO SILVA
ssilva@dnoticias.pt

No Dia Internacional da Mulher, data histórica que hoje se assinala em vários países, através de diversas iniciativas que pretendem valorizar a mulher, discriminada muitas vezes pela sua condição feminina, o DIÁRIO mostra hoje os números que revelam o domínio das mulheres na Região Autónoma da Madeira.

Os números disponíveis na Direção Regional de Estatística da Madeira remontam a 2016 e apontam para um aumento de pessoas do sexo feminino em todos os concelhos da Região.

De acordo com os dados da distribuição geográfica na Madeira, dos quase 255 mil habitantes, 11.886 são homens e 13.6016 são mulheres. Analisando por grupos etários, verifica-se que há mais homens com idades até aos 29 anos. A partir dos 30 e até mais de 85 anos, os números invertem-se, passando a haver mais mulheres residentes nos 11 concelhos da Madeira.

Recuando um pouco, as desigualdades sociais entre homens e mulheres foram sempre muito acentuadas, prejudicando o sexo feminino em detrimento do masculino, que viu, durante muitos anos, os seus direitos serem desrespeitados.

Em termos laborais, a Madeira registava, em 2015, quase 42 mil trabalhadores por conta de outrem nos diversos estabelecimentos comerciais espalhados pela ilha. Funchal era o concelho que empregava mais trabalhadores (65,4%), seguido de Santa Cruz (11,8%), Machico (5,1%) e Câmara de Lobos (4,9). No polo

oposto encontravam-se os municípios da Costa Norte, mais concretamente Porto Moniz (0,5%), São Vicente (1,0%) e Santana (1,1%).

52,8% destes trabalhadores eram homens. No entanto, apesar da minoria, verificou-se um crescimento no sector feminino de 1,6%, atingindo em 2016 cerca de 47,2% de mulheres a trabalhar nos diversos estabelecimentos empresariais. Mesmo dando o seu melhor, a análise mostra que os homens ganham mais do que as mulheres. Enquanto eles auferem um rendimento médio na ordem dos 1.160 euros, elas ficam-se pelos 944 euros. Uma tendência antiga que ainda perdura em diversas áreas laborais.

Na área agrícola, pode parecer estranho, mas dos 11.538 trabalhadores madeirenses que em 2016 se dedicavam à agricultura como produtores singulares, mais de metade eram mulheres com 65 anos de idade.

Em termos de aprendizagem, a Região registava quase 45% de pessoas, entre os 18 e os 64 anos, que participaram em pelo menos uma aprendizagem ao longo da vida. Nesta matéria, as mulheres lideram a tabela em relação aos homens, sobretudo na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Na questão das doenças e dos óbitos, 2016 perdeu 1.309 homens e 1.305 mulheres. As doenças do aparelho circulatório mantêm-se como a principal causa de morte na Região, vitimando sobretudo mulheres com 65 e mais anos.

Em segundo lugar estão os tumores malignos que registaram 562 óbitos, sendo 332 homens e 230 mulheres que lideram ainda a taxa de mortalidade relacionada com as doenças respiratórias.

INICIATIVAS DECORREM ATÉ DOMINGO

■ As iniciativas alusivas ao Dia Internacional da Mulher arrancaram ontem. O MDM-Movimento Democrático de Mulheres realizou um debate sob o tema 'Desigualdades Salariais em função do género' e a Associação Olho-te, na Nazaré, protagonizou uma performance 'Ser Mulher'. De hoje até domingo estão programadas outras tantas actividades. Saiba quais:

■ DIA 8 DE MARÇO

19h00 - Circuito do Livramento 2018 / Corrida da Mulher na sede social do clube Carvalheiro

11h30 - PCP assinala o Dia Internacional da Mulher na rua Fernão de Ornelas

15h30 - UMAR/Madeira realiza ação dedicada ao dia das Mulheres no Jardim Municipal do Funchal

16h00 - Machico assinala Dia Internacional da Mulher (tertúlia + exposição + música) na Junta de Freguesia de Machico

18h00 - Exposição sobre Chiara Lubich (1920-2008) no Campus da Penteada

19h - Tertúlia 'O papel das Mulheres na História do SPM' + Cocktail + espectáculo Baladas na Sede Sindicato de Professores

Noite - Jantares + Festas em diversos espaços de animação Dia - BE aborda mulheres nas ruas do Funchal

■ DIA 9 DE MARÇO

09h00 - Caminhada + aula de ginástica do Almirante Reis até à Praça do Município

10h30 - Apresentação dos trabalhos vencedores do Prémio Maria Aurora na Sala da Assembleia Municipal

15h00 - Sessão comemorativa do Dia da Mulher na Junta de Freguesia São Martinho

18h00 - Lançamento do livro de poemas de Joana Martins no Espaço Paulo Martins

18h00 - Homenagem às Mulheres nas artes no Museu Henrique e Francisco Franco

■ DIA 10 DE MARÇO

09h30 - Maratona 'Artes + Feminismos na Losofonia 2018+' no Campus da Penteada

■ DIA 11 DE MARÇO

10h00 - Igualdade de géneros nos países da CPLP no Complexo Habitacional de Santo Amaro.



Opinião



SILVA ARAÚJO

SERENAMENTE

Dia Internacional da Mulher

1. Celebra-se hoje o Dia Internacional da Mulher. Recorda o 8 de março de 1857, quando operárias nova-iorquinas da indústria têxtil fizeram uma greve pela igualdade de salários e a redução da jornada de trabalho para dez horas. Foram fechadas na fábrica onde, entretanto, se declarara um incêndio, e cerca de 130 morreram queimadas. Em 1910, numa conferência internacional de mulheres realizada na Dinamarca, decidiu-se, em homenagem àquelas trabalhadoras, comemorar o 8 de março como “Dia Internacional da Mulher”. Celebra-lo hoje é mais uma oportunidade para refletir sobre a sua dignidade e missão.

2. Nem sempre se vê na mulher um ser igual ao homem em dignidade e em direitos. Todavia, ambos são seres humanos. Ambos, numa visão cristã, são filhos de Deus. Ambos são chamados a caminhar na vida, de mãos dadas, lado a lado, na execução de um projeto comum.

Que este dia contribua para que a mulher tome cada vez mais consciência da sua dignidade e da grandeza da sua missão. Para que se sintam, sempre, respeitadas por todos. Para que ninguém a coisifique nem ela mesma se coisifique.

3. Sendo iguais em dignidade e em direitos, homem e mulher são diferentes.

O facto de o serem não significa que um seja mais do que o outro. São, simplesmente, complementares um do outro.

É um erro haver maridos que se consideram donos das esposas como é errado haver senhoras que aceitam submissamente a sujeição ao marido.

4. Não embarco na tão propalada teoria da igualdade de género, mas lamento a existência de escandalosas e injustas desigualdades de que a mulher é vítima.

Não aceito que a mulher seja vista como criada do homem, embora continue a haver famílias onde as meninas são educadas para servirem os irmãos e mães que atuam como empregadas dos filhos. O rapaz pode deixar tudo em desalinho. Quem, depois, tem de fazer as arrumações é a irmã ou a mãe.

No estilo de sociedade em que vivemos, em que a mulher precisa de trabalhar fora de casa como o marido, a justiça e o respeito pelo outro exigem se proceda a uma adequada distribuição de tarefas, para que

não recaia tudo sobre a mulher.

Não aceito que para trabalho igual haja salário diferente.

Não aceito que a maternidade penalize no acesso ao emprego ou na progressão da carreira

5. É um escândalo a forma como, em diversos meios que se dizem civilizados, a mulher é tratada, considerada mais como objeto sexual do que como ser humano. E é lamentável haver mulheres que se deixam tratar assim, quando não acontece de até darem a ideia de assim quererem ser tratadas.

É injusto tratar a mulher como cidadã de segunda e não como cidadã de corpo inteiro.

Nos casos de violência doméstica e de violência no namoro, regra geral, a vítima é a mulher.

O tráfico de seres humanos normalmente atinge as mulheres, para serem exploradas e usadas como fonte de lucro.

6. É importante educar as pessoas para o respeito mútuo. Igualmente importante é que as pessoas se respeitem a si mesmas, o que nem sempre acontece. Que cada um tome consciência da sua dignidade e da dignidade dos outros e procure agir em conformidade.

7. De lembrar, finalmente, a importância das mulheres na vida da Igreja. Se desta as retirarmos, o que fica? Quem mais colabora nas diversas atividades eclesiais?

Lê-se numa nota do Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos, divulgada para assinalar este dia:

«Reconhecer hoje o valor da mulher, é fazer memória também do valor e do reconhecimento que Jesus Cristo deu às mulheres do seu tempo. Aproximou-se delas, reprovou as atitudes de quem delas abusava, e fez-las precursoras do anúncio da Boa Nova da Sua Ressurreição.

A mulher, disse o Papa Francisco, traz a harmonia ao mundo, ensina-nos a amar com ternura.

9. Que este dia contribua para que a mulher tome cada vez mais consciência da sua dignidade e da grandeza da sua missão. Para que se sintam, sempre, respeitadas por todos. Para que ninguém a coisifique nem ela mesma se coisifique.

Há gestos de delicadeza que vão desaparecendo, e é pena. Sou do tempo em que o cavalheiro dava a direita à senhora e em que a senhora caminhava pela parte de dentro do passeio.



Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora

Évora realiza as comemorações do Dia Internacional da Mulher nos dias 8, 10 e 11 março com um conjunto de iniciativas diversificadas, onde se destacam um debate sobre direitos e uma manifestação em Lisboa.

Sob o lema “Espaços de Igualdade: Oficinas de Encontro” é inaugurada uma mostra de trabalhos da oficina de costura no dia 3 de Março, no Auditório da Junta de Freguesia do Bacelo. Teve lugar a apresentação do Grupo de Teatro com Memória. A organização de ambos os eventos é da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

A exposição “Mulher - De onde viemos onde queremos chegar” é inaugurada no dia 7 de Março, às 18 horas, na sede da Junta de Freguesia da Malagueira. Esta mostra é da responsabilidade da União de Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras e do Movimento Democrático das Mulheres (MDM).

Uma sessão evocativa sobre “A luta e os Direitos das Mulheres”, com a participação de Deolinda Machado (Secretariado do Conselho Nacional da CGTP-IN) e Carmem Almeida que apresentará a comunicação “100 anos depois, uma reflexão – As mulheres e a 1ª Guerra Mundial”, tem lugar no dia 8, a partir das 14:00 horas, no Salão Nobre

da Câmara Municipal de Évora. Será moderada pela Vereadora da Câmara Municipal de Évora, Sara Fernandes e é organizada pela Comissão Sindical do STAL da Câmara Municipal de Évora. As inscrições para orador/a devem ser feitas para o email gapv.divulgacao@mail.evora.net ou 266 777 000 - Helena Lacerda ou Sofia Sousa).

Nesse dia, decorre também um lanche convívio com a com a actuação das Cantadeiras da ARPIFSS, a partir das 15 horas, na sede da ARPIFSS (Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia da Senhora da Saúde. Esta iniciativa é organizada pela ARPIFSS, com o apoio da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

Ainda no dia 8, é também inaugurada a exposição de cartazes “De pleno direito e à luz da igualdade”, com a actuação do Grupo Vozes do Imaginário, pelas 16 horas, na Igreja de São Vicente. O evento é dinamizado pelo MDM e Colecção B. O “Cordão humano – a luta e os direitos da mulher” organizado pela CGTP/STAL será feito a partir das 17:30 horas, no Largo Luís de Camões e, às 18 horas, realiza-se uma Serenata à Mulher, a cargo da Associação Académica da Universidade de Évora.

Uma manifestação nacional

decorre no dia 10 de Março, a partir das 14:30 horas, em Lisboa, subordinada ao tema “A voz das mulheres pela igualdade | direitos | desenvolvimento | paz”. Haverá transporte a partir de Évora e as inscrições devem ser feitas para mdmevora@hotmail.com ou 967 840 360.

Esta manifestação visa dar voz às mulheres, à sua luta contra as desigualdades, discriminações e violências que marcam o seu quotidiano e contra as situações de desrespeito pelos seus direitos; afirmar o valor da participação das mulheres em igualdade em todas as esferas da vida – no plano familiar, laboral, social, político, cultural e desportivo; e dar visibilidade à força da luta das mulheres pelo exercício dos seus direitos específicos, condição necessária à concretização de uma verdadeira política de igualdade, de justiça e de desenvolvimento do país.

O dia 11 de março será marcado por um circuito desportivo que engloba caminhada, mega aula de zumba e de hidroginástica, entre as 9.30 e as 13 horas, nas Piscinas Municipais. As inscrições devem ser feitas para o email mariapeleve@cm-evora.pt ou 266 777 186 – Maria Pé-Leve. Este evento é promovido pela Câmara de Évora.

vista Sánchez Trancón
Oftalmólogos
+34 924 240 351
www.vistasancheztrancon.com

DETÉM A MIOPIA
 2 em cada 5 crianças têm problemas de visão.
 É possível corrigir e impedir o avanço da miopia.

www.vistasancheztrancon.pt

PELA SUA SAÚDE VISUAL E DESEMPENHO ESCOLAR

Pub.

diário do **SUL**

FUNDADOR E DIRECTOR: MANUEL MADEIRA PIÇARRA

DIRECTORES ADJUNTOS: MARIA DA CONCEIÇÃO PIÇARRA e MANUEL J. PIÇARRA

ANO: 49.º
NÚMERO: 13.221PERIODICIDADE DIÁRIA
SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 2018PREÇO AVULSO: 1,00 €
(IVA incluído)Publicações
PeriódicasAutorizada a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.Taxa Paga
Portugal
Código 02345678922.ª edição da cerimónia de entrega na
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Gonçalo M. Tavares recebe Prémio Vergílio Ferreira



Este ano, o júri deliberou no sentido de atribuir o Prémio a Gonçalo M. Tavares, um dos mais proeminentes escritores de Língua Portuguesa. A entrega do galardão ocorreu na passada quinta-feira, dia 1 de março, pelas 17h00, na Sala dos Atos do Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora.

.... PÁG. 7

FALTA PODE AGRAVAR-SE EM 2018

Litoral Alentejano está carente de enfermeiros

.... PÁG. 2

ESTE JORNAL
VALE 1 € DE DESCONTO

Cinemas **NOS**

1 EURO
Válido até
05/03/2018

Vale 1€ na compra de um bilhete normal, estudante, criança ou sénior. Válido apenas nos Cinemas NOS Évora Plaza.
Não cumulável no interior.

ALANDROAL

**Mostra
Gastronómica
do Peixe do Rio
de mãos dadas
com a tradição e
inovação no seu
relançamento**

.... PÁG. 5

VIANA DO ALENTEJO

**Município
prepara e forma
para vários
cenários Equipas
de Emergência
de Edifícios
Escolares**

.... PÁG. 5

ÉVORA

**Edilidade
comemora
Dia
Internacional
da Mulher
com iniciativas
diversificadas**

.... PÁG. 5

**CAMPANHA
assinaturas**
diário do **SUL**

= 10€/mês

= 5€/mês

SABOR DO ANO 2018
Produto aprovado
per consumidores

SEL
SALSICHA • V.S. • ESTREMOCENSE

O Sabor do Saber Alentejano

www.sel.pt
A Charcutaria mais Premiada do País

Pub.

MARIA VIVE PARA A FILHA E PARA A SUA ARTE. RAQUEL ESCOLHEU NÃO OLHAR A PRESSÕES SOCIAIS, NUNCA TEVE FILHOS E VIVE FELIZ COM ESSA ESCOLHA. MARIA DAS DORES ARREGAÇOU AS MANGAS PARA CUIDAR DOS FILHOS QUANDO TUDO FALHO. MÓNICA ERGUEU O PUNHO E FOI À LUTA PELOS SEUS DIREITOS QUANDO A EMPRESA LHE VIROU AS COSTAS. MARIA DO CÉU CONSTRUIU UMA CARREIRA DE SUCESSO, CRIOU DOIS FILHOS E ACONSELHA AS MULHERES A CUIDAREM MAIS DE SI. NO DIA 8 DE MARÇO CELEBRA-SE O DIA INTERNACIONAL DA MULHER. NUNCA COMO AGORA SE FALOU TANTO DO SEU PAPEL E DOS SEUS DIREITOS. OPRAH WINFREY DISSE QUE CHEGOU O TEMPO DELAS [TIME'S UP]. TALVEZ. FALÁMOS COM CINCO MULHERES COM PERCURSOS, HISTÓRIAS E ESCOLHAS DIFERENTES PARA PERCEBER QUE SIM. O TEMPO CHEGOU. ESTÁ A CHEGAR.

IA DE HISTÓRIAS

Texto **Ana Patrícia Cardoso**
Fotografias **Jorge Simão**

MULHERES

MARIA RUEFF

«ESTOU SOZINHA JUSTAMENTE PORQUE ACREDITO NO AMOR»

Maria. Ou Mariazinha, como lhe chamavam na leitaria do bairro da Graça onde se cruzava com a Natália Correia. Ou mãe da Laura, de treze anos. Ou Zé Manel Taxista, para o público com memória. Com todas as peles que foi vestindo, Maria Rueff é uma mulher completa aos 45 anos. Nome inconfundível do humor em Portugal, vive apaixonada pelo que faz. «Tenho dois grandes amores, a minha filha e a minha arte.»

Com horários de trabalho pouco convencionais, a atriz mantém uma relação de companheirismo com a filha. «Levo sempre a Laura pelo menos um dia para o trabalho. A mãe está a fazer isto, não desapareceu. Depois, tenho dias a meio da semana só para ela. Nem todas as crianças têm essa sorte. Ela é muito lúcida. Num teste em que teve uma nota menos boa, pediu à professora "por favor, diga depois de a minha mãe estreiar a peça". Tenho uma grande filha. E depois tenho amigos que me ajudam imenso.»

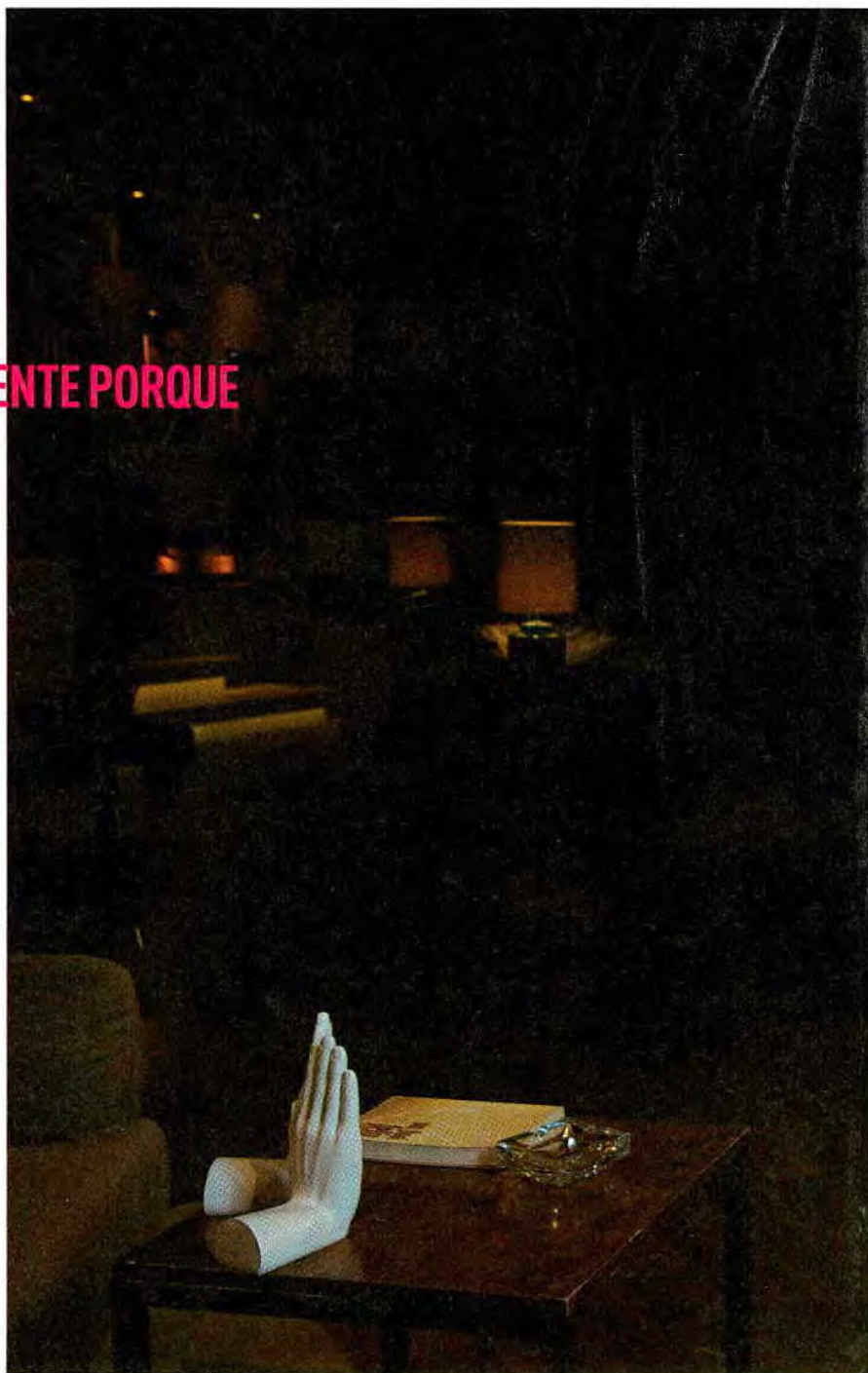
Sozinha há vários anos, a atriz sente que fez «um mergulho profundo» para dentro de si e que conseguiu encontrar a serenidade. «Estou sozinha justamente porque acredito no amor. Sou independente, estou a criar uma mulher e acho que devo ser um exemplo de que é possível ser-se só e feliz. O amor acontece-nos. Não vale a pena ir para o Tinder provocá-lo. Isso são cambalhotas. O amor é outra coisa.»

Nunca sentiu necessidade de se justificar mas colocou um travão quando as perguntas se tornaram demasiado insistentes. «Não, não tenho um caso escondido, um senhor casado. Por mais que vos custe, estou bem assim. Prefiro um livro ou um filme e a minha própria companhia, pode ser?», chegou a responder. Mas o preconceito continua lá, no dia-a-dia.

Para lidar com isso, serve-se do humor e não dá grande importância porque, diz, «talvez a minha única coragem tenha sido este salto de fé para o vazio. Muitas mulheres não têm coragem para o fazer. Achem que "mais vale mal acompanhada do que só". E olhe que não é nada verdade».

É uma grande admiradora da resiliência feminina. «A quantidade de mulheres anónimas que são verdadeiras heroínas.

Levantam-se às quatro da manhã, já trataram dos filhos, do marido, vão trabalhar e mantêm sempre o sorriso e um amor infinito pelos seus. Se sairmos do Facebook e olharmos para o lado, vamos perceber. A vizinha viúva que criou os filhos sozinha e ainda me fez um bolinho e fica com a minha filha uma hora para eu ir trabalhar... isto não é de uma bondade desarmante?» Começou cedo no humor, um meio





Maria Rueff assume a tristeza por não ter tido outro programa em nome próprio. «Não é por não ter proposto. Por alguma coisa é, faço-me entender?»

maioritariamente masculino, mas teve a sorte de encontrar um grupo de pessoas «bem formadas» que acreditavam no mérito e no talento. «Comecei com o Herman José, a Ana Bola, o Vítor de Sousa. Estas pessoas eram revolucionárias. O Herman é o maior revolucionário do nosso país.»

Ainda assim, aponta o dedo a uma moralização excessiva atualmente. «Há rábulas minhas e do Herman que

passaram sem "pis" na altura – há 20 anos – e agora na RTP Memória têm "pis".» Se morresse amanhã, estas seriam as suas últimas palavras: «Não fiz só o que pude, fiz essencialmente o que me deixaram.»

Assume a tristeza pelo *Programa da Maria* não ter continuado e de não ter tido outro em nome próprio, desde então. «E não é por não ter proposto projetos. Por alguma coisa é, faço-me entender?

O machismo tem sempre que ver com o poder. Uma mulher independente provoca medo porque não se vende por uma cama ou por uma carteira.» Feminista convicta, acredita que só teremos conquistado alguma coisa quando já não houver necessidade de um Dia da Mulher. «Estes dias servem para colocar a lupa num assunto que ainda não foi resolvido. Vamos lá chegar mas, por agora, há ainda muito por varrer.»



MÓNICA ANTUNES

«NINGUÉM DAVA NADA POR NÓS. A LUTA DAS MULHERES DA TRIUMPH É A LUTA DE TODOS OS TRABALHADORES»

Pouco mais de um mês depois de ter sido decretada a insolvência da Têxtil Gramax Internacional (ex-Triumph), as 463 trabalhadoras que fizeram parte do despedimento coletivo começam a ter a vida regularizada. «Hoje (23 de fevereiro), recebemos o primeiro mês completo do subsídio de desemprego», diz Mónica Antunes, 42 anos, sindicalista e uma das porta-vozes da vigília de vinte dias à porta da fábrica de *lingerie*. Mónica tem o seu caminho bem traçado. «Nunca gostei de ser

costureira. Gosto mesmo é de Recursos Humanos. Vou voltar a estudar.» Entrou para a Triumph em 2000, com vinte e poucos anos e a filha Bianca, de 2, ao colo. «Fui para desenrascar. Tive o Tiago dois anos mais tarde e acabei por ir ficando. As condições eram boas e pagavam bem para a época. A minha tia e a minha prima também lá estavam.» Passaram 18 anos. Como ela, a maioria das funcionárias trabalhava ali há muito tempo. «Éramos uma empresa familiar. Tínhamos mesmo doze casais, que agora ficaram no desemprego. Eles e elas.»

Todo o processo começou em 2015 quando a empresa anunciou que a sede em Portugal já não era viável e ia mudar-se para a Ásia. Em agosto de 2016, a venda à Gramax foi oficializada e, durante um ano, continuou a haver trabalho, o que levou a que muitas pessoas ainda acreditassem que tudo iria ficar na mesma. «Eu nunca acreditei. A Triumph injetou produção durante doze meses certinhos. Depois, em setembro de 2017, a produção caiu a pique». Uma fábrica que produzia 60 a 120 mil peças por dia passou a produzir 20. «Parece novela mas não é. As pessoas passaram a levar livros, croché... E o pior é que não podíamos falar umas com as outras. Era proibido interagir. Das oito da manhã às cinco da tarde, assim.» Em finais de outubro, Mónica entrou de baixa para tratar uma tendinite no braço direito. «Em novembro, recebemos menos cinco dias e fomos avisadas de que não haveria subsídio de Natal. Sabíamos que sem subsídio não havia ordenado.» As coisas começaram a piorar e as colegas ligavam a Mónica todos os dias a chorar, desesperadas, sem saber o que fazer.



Por ser reivindicativa, sofreu represálias das chefias que chegaram a colocá-la a trabalhar virada para uma parede. «Sempre fui assim, não conseguia virar costas a uma colega sem saber que estava bem». Sem conseguir ficar mais tempo em casa, voltou ao trabalho em janeiro, antes de terminar o tratamento. No dia 5, um camião tentou levar matéria-prima e as operárias bloquearam o caminho.

Não saía material ou maquinaria da empresa. «Num leilão ou venda, é o que nos vai pagar o que nos devem.» Com uma capacidade de organização notável, cerca de 200 mulheres, em meia hora, definiram turnos de quatro horas, trinta pessoas por vez. «Houve uma grande união e um grande espírito de sacrifício porque não deixámos os nossos postos de trabalho. Todos os dias picámos o cartão.» Apanharam dias de chuva forte. Valeu-lhes as tendas disponibilizadas pela Câmara Municipal, a ajuda dos bombeiros, dos escuteiros e da população. O momento mais difícil, que ainda assombra Mónica, aconteceu a 15 de janeiro quando a administração acabou com a refeição. Fez-se uma sopa à pressa e era tudo o que tinham para comer. Ninguém falava e a maioria das mulheres não conseguiu conter as lágrimas.

Para Mónica era impensável como «num país desenvolvido, em pleno século XXI, às portas de uma grande cidade, ali estávamos, com uma tigela na mão». Foram vinte dias de muito cansaço, «sobretudo mental», porque não sabíamos qual seria o desfecho. Mónica sempre contou com o apoio da família e os filhos chegaram a acompanhá-la nos turnos da noite. «O que me dava alento era chegar a casa e o meu filho abraçar-me e dizer-me “és a minha guerreira, mãe”. Eu chorava no banho para ninguém ver mas eles davam-me toda a força para acordar de manhã e continuar a luta.» No dia 25 de janeiro, com a insolvência decretada, uma batalha foi vencida. «Ninguém dava nada por nós e vejam o que conseguimos.»

A nossa luta não era só para nós. Espero que o nosso exemplo faça que os portugueses comecem a acordar porque todos temos direitos. A luta das mulheres da Triumph é a luta de todos os trabalhadores.»

Maria das Dores nasceu com 780 gramas. «Fiquei seis meses numa caixa de sapatos enrolada em algodão. Sou lutadora desde que cheguei ao mundo.»



MARIA DAS DORES LEMOS

«NO MEU MÊS DE FÉRIAS TINHA DE GANHAR PARA AS PROPINAS DO ANO INTEIRO DA MINHA FILHA. E GANHAVA.»

Maria das Dores é uma mulher bonita, de conversa fácil e gargalhada alta. Tem 54 anos e dois filhos, Ana Rita, de 30, e Miguel, de 16. Hoje, a vida sorri-lhe e viaja todos os anos com os colegas da SMAS de Vila Franca de Xira (é administrativa há 36 anos).

Conta a sua história com o tom orgulhoso de quem venceu uma guerra e não precisa de introduções para falar do que interessa. «O pior ano da minha vida foi 2005. Tinha 42 anos e fiquei sozinha, uma filha a entrar para a faculdade, um miúdo de 3 anos e

vejo-me obrigada a entregar tudo o que de morei anos a conquistar para pagar dívidas que não eram minhas.» O ex-marido Rui Manuel contraiu dívidas no valor de 46 mil euros por falta de pagamentos referentes à gestão do negócio que tinham em conjunto – um restaurante no centro de Vila Franca. Como sócia-gerente, Maria das Dores teve de entregar a casa da família ao banco como garantia.

Os problemas começaram uns anos antes. «Em 2003 e 2004, começou a crise e o restaurante dava menos lucro. Às tantas,



MULHERES

ele não ia trabalhar, estava sempre maldispuesto, tratava-me muito mal. Chegava bêbado a casa, às quatro e cinco da manhã. Não queria este ambiente para os meus filhos. Quando soube de tudo já estava em processo de divórcio. Fiquei desesperada», lembra. Só mais tarde soube que o ex-marido frequentava uma casa de jogo clandestino. Disse-lhe: «Trocares-me por outra melhor do que eu, batia-te palmas. Mas ser trocada por jogo e álcool... é muito triste.»

O ex-marido tinha entrado numa espiral. «Estava perdido, não tinha coragem de sair à rua, tinha vergonha. Começou a ver trabalhos para a Holanda e foi embora. No dia antes disse-me que só tinha vinte euros para a viagem. Fui a casa da minha mãe, trouxe dinheiro, fiz-lhe comida para vários dias e dei-lhe 400 euros para se governar.» Nunca mais voltou a Portugal.

Com dívidas ainda por pagar e os dois filhos a seu cuidado, a administrativa teve de arregaçar as mangas. «O meu trabalho era bom mas não chegava. Eu saía dos SMAS às cinco da tarde, limpava uma loja até às oito. Vinha para casa e tinha roupas para passar até às três da manhã. Limpava prédios a 10 euros à hora. No meu mês de férias tinha de ganhar para as propinas do ano inteiro da minha filha e ainda para o passe. E ganhava.» Neste ritmo, chegou a perder 36 quilos em dois meses. «As minhas colegas diziam-me, “mas tu não te vais abaixo?” E eu respondia, “não tenho vagar para isso”.»

A filha mais velha foi sempre um grande apoio e foi ela quem incentivou a mãe a pedir o divórcio. Treze anos depois, não tem relação com o pai. O mais novo tinha 3 anos e não tem memórias. «Há dois anos, foi conhecer o pai à Holanda. Eu nunca lhe disse nada de mal dele. Ele sofria no infante porque os outros meninos tinham presentes e ele não. Por isso, quando tinha 8 anos, comprei uma PlayStation e disse-lhe que tinha sido com dinheiro que o Rui tinha enviado. A felicidade do miúdo... ficou a achar que tinha o melhor pai do mundo.» Depois de duas viagens, os dois não têm grande contacto.

Por causa de um problema na coluna, Maria das Dores foi operada e diminuiu as horas de trabalho. «Mas continuo a ter uma escada para lavar e faço a administração de um prédio. Esse dinheiro é o meu mealheiro.» O passado parece bem resolvido e a distância ajuda. «Para mim, o assunto está encerrado. Estou bem agora. Sei que ele foi o amor da minha vida. Mas foi também a pessoa que mais me magoou.»

MARIA DO CÉU SANTO

«O MEU FILHO UMA VEZ ESCREVEU:
“A MINHA MÃE É UMA AMBULÂNCIA”»

É uma das vozes mais conhecidas quando se fala sobre sexualidade. Quando a conhecemos, percebemos porquê. Fala rápido mas de forma clara, rabisca argumentos, não usa metáforas para disfarçar os assuntos e tem piada. Muita piada. Com quase quarenta anos de profissão, Maria do Céu Santo é especialista em ginecologia e obstetrícia. Entre as clínicas privadas, o Hospital de Santa Maria ou o Hospital da Luz, vários livros lançados, participações em programas de televisão, a noção de horários nunca foi uma coisa estante. «Sempre fiz banco. Havia uma noite por semana em que não dormia em casa. Quando temos filhos pequenos pode ser complicado mas eu tive uma base de apoio muito grande.» Casou com 23 anos, teve o primeiro filho, Gonçalo, aos 24, e David, aos 26. Sempre teve de conjugar a vida profissional e pessoal e viver no prédio ao lado dos pais ajudou muito. O marido, engenheiro, também tinha uma vida profissional exigente. «Costumo brincar dizendo que a minha mãe, Celeste, e a minha avó, Jesuína, criaram os meus filhos e eu dei uma ajudinha.»

A família é unida. Maria do Céu fala todos os dias com os filhos, apesar de um viver em Nova Iorque e outro na Cidade do México – «eduquei dois cidadãos do mundo» –, mas chegou a ter um susto com o mais velho. Na escola, a professora pediu-lhe para escrever uma composição sobre a mãe. Ele só escreveu: «A minha mãe é uma ambulância.» «Ele explicou-me que “quando alguém precisa a mãe está lá sempre. Pode

«A principal queixa das mulheres quando vêm ao meu consultório é a diminuição da libido», diz Maria do Céu Santo.



chegar tarde aos jantares ou festas de anos, mas se nos acontece alguma coisa, ela larga tudo e vem socorrer-nos." É o que interessa, não é?"

Nunca pensou em deixar a carreira para cuidar dos filhos e chegou a passar períodos fora, em Paris, Barcelona e Bruxelas. Contudo, nas pacientes que atende diariamente nota a tendência contrária. «As mulheres entre os 30 e os 40 anos, desde que tenham capacidade económica, voltam a casa. Mesmo algumas mulheres em cargos de topo querem o terceiro filho como justificação para ficarem em casa. Os divórcios são uma realidade e se a mulher não tiver autonomia profissional e económica como é que ficam? Não sei se estão a ver bem as consequências destas escolhas.» Na medicina, a escolha da especialidade também acontece muito em função dos horários. «Já ouvi que não escolhem determinada área porque não têm horário para ir buscar os filhos. Escolhem medicinas com horários mais programáveis.»

Ainda que não seja para ficar em casa a tempo inteiro, o horário de trabalho é reduzido substancialmente. «Em geral, fazem uma *startup*, um projeto com uma amiga, para ter um *part-time*. Um negócio próprio que não lhes ocupe muito tempo. É o sonho de uma grande percentagem mas estamos a falar de uma classe em que o marido possa manter a casa e o ordenado da mulher não seja imprescindível para a sobrevivência da família. E quem não o faz é apenas porque não tem as condições para tal, não é porque não quer», reforça. «Na minha geração, nem pensar. Nem que eu tivesse as condições.» A justificação que encontra passa pela pressão social que tem vindo a aumentar de geração em geração. «As pessoas cansam-se precocemente. Existe uma competição desde muito cedo para ter boas notas, para entrar para a faculdade. Muito maior do que antes.» E as mulheres sofrem uma pressão ainda maior. «A sociedade é



MULHERES

muito exigente com a mulher. Tem de ser eternamente jovem, bonita, sedutora. Há uma fase em que somos autênticas supermulheres porque somos esposas, mães, profissionais, domésticas.»

Com ritmos de vida alucinantes, as pessoas estão menos dispostas para as relações porque dão trabalho. «A principal queixa das mulheres que vêm ao meu consultório é a diminuição da libido», diz a especialista. A maioria das pacientes receia ter uma disfunção sexual mas, para Maria do Céu, a disfunção é outra. «É uma disfunção de vida. Se me levantar às seis ou sete da manhã não vou querer fazer amor à meia-noite. Não há energia para tudo. O amor torna-se a última coisa ao fim do dia. A rotina é a grande inimiga dos casamentos. Sabe que a principal causa de divórcio dos países desenvolvidos é a falta de sexo?»

Como se reverte esta tendência? «Com criatividade, planeamento, eu sei que não é o que gostaríamos mas tem de ser. Vão a sítios diferentes, deixem os filhos em casa de amigos ou família. Senão a coisa vai acabar por desmoronar.»

Em relação a um dos temas mais falados dos últimos tempos, o assédio sexual, a médica coloca o tema «para segundo plano». «É importante porque tornou-se parte da consciência global que existe esta realidade e os predadores começam a ter receio das consequências. Isso é muito importante. Mas o primeiro plano é a luta pessoal de cada um. O aumento das depressões é assustador. As pessoas não têm tempo para si.»

O assédio moral no local de trabalho preocupa Maria do Céu. «O assédio moral é muito, muito mais frequente do que o sexual. A pessoa vive no limite. Não aceita faltar, mesmo grávidas trabalham até à última com medo de perder o trabalho. Sujeitam-se a condições sobre-humanas por causa do medo.»

Como se combate? «Façam uma reavaliação. Mulheres e homens. Estão no trabalho certo? Será altura de mudar? Somos dos países que mais consome antidepressivos. Não pode ser. E façam amor. É como costume dizer, cheguem a casa, comam dois quadradinhos de chocolate e façam amor.»

RAQUEL MACEDO

«O ARGUMENTO QUE MAIS IRRITA É O 'TU NÃO TENS FILHOS, POR ISSO, NÃO PERCEBES'»

Quem conhece a noite do Bairro Alto, provavelmente, frequenta o Clube de Esquina, na Rua da Barroca. Raquel Macedo, 45 anos, concilia o trabalho na área de marketing jurídico com a atividade de empresária. «Diziam que eu era *workaholic* mas nunca pensei nesses termos. Era o trabalho e pronto. Mas há quatro anos tive de repensar a minha vida.»

Uma mamografia de rotina revelou o pior. O diagnóstico de cancro da mama acontecia dois meses depois da morte da sua mãe, Virgínia. «Foi o pior ano da minha vida. Ter continuado a trabalhar ajudou-me a não mergulhar numa tristeza profunda.»

Numa das consultas o médico perguntou-lhe se pensava engravidar. Com 42 anos e nas condições em que se encontrava, teria de ser planeado e no prazo de dois anos. Não tinha parceiro e ter um filho sozinha estava fora de questão. «Para mim, a decisão de ter um filho implica uma relação biparental. Uma criança deve nascer no seio de uma família. Não podemos decidir por alguém que ainda não nasceu que não vai ter pai.»

Ao longo da vida, a empresária nunca sentiu a necessidade de ser mãe. E não entende as pessoas que estabelecem metas para si mesmas que não conseguem controlar. «Como é que se pode ter como metas casar, viver junto, ter uma família? Um momento que depende de terceiros não pode ser uma meta porque existem variáveis que são incontroláveis. É falível à partida. E eu gosto de coisas concretas.»

Chegou a viver um relacionamento, entre os 27 e os 30 anos, em que o companheiro queria filhos. Sentiu que não era o momento e não se arrependeu. Aos 35 estava sozinha e colocou a hipótese de adotar mas não se concretizou. «Não sou o caso de alguém que colocou totalmente de parte a ideia de ter filhos. Simplesmente, não

aconteceu», explica. E vai mais longe. «Porque é que as pessoas têm filhos? Têm porque vivem com a pessoa que amam? É válido. Mas nem sempre é assim. Uma grande percentagem dos nascimentos são os não planeados. É um risco enorme.»

Raquel sabe do que fala. «Eu fui fruto de um acidente. A minha mãe biológica, Eugénia, tinha 19 anos quando engravidou. Não conheço o meu pai. A minha mãe ficou em casa e os meus avós acabaram por ser os meus pais (Virgínia, que morreu dois meses antes do diagnóstico de cancro era, na realidade, avó de Raquel). Quando a minha mãe biológica casou, eu tinha 9 anos, quis ficar em casa.» Tem ainda oito tios a quem chama de «irmãos» e 21 sobrinhos. A família sempre foi muito unida. «Para mim, a família é tudo.» Por outro lado, a hipótese de lhe acontecer o mesmo nunca se colocou. «Eu não tenho acidentes. Sempre tive dupla preocupação.»

No seu grupo de amigos, há quem tenha crianças e quem não as tenha e há poucas coisas que a enervem tanto como o clássico «tu não tens filhos, por isso, não percebes». «Às vezes, numa discussão mais acesa, lá vem esse argumento. Isso irrita-me. Não preciso de filhos para me afirmar. Não me sinto em dívida com nada.»

Outra ideia preconcebida que a empresária tenta combater é a de que «se estás sozinha, estás disponível. O que não é, de todo, verdade». No bar, à noite, ou nos escritórios de advogados onde trabalhou já foi alvo de provocações, mas nada que a afetasse. «Nunca me senti ameaçada e nunca dei troco.»

Desde que esteve doente, Raquel passou a valorizar cada dia e a cuidar conscientemente da sua felicidade. Por isso, gostaria que lhe fizessem uma pergunta diferente: «Porque é que as pessoas perguntam se temos filhos e não perguntam se somos felizes?» ■



CLUBE

COCKTAIL & GIN BAR

Caipirinha · Caipiroska
Caipiroska Black · Mojito
Morangoska · Pina Colada
Hendricks · Gin Vine
Bulldog · Gin Mare · Tanqueray
Gin Mare · Bombay Sapphire
Gordon's

WINE MENUS

Porto · Red · White
Rose · Verde

Pioneer

CDJ-1000

PIONEER

POWER

AUX

CE

Aos 42 anos, foi-lhe diagnosticado cancro da mama. Nesse momento, quando lhe perguntaram se ainda queria ter filhos, Raquel disse que não.



4 MARÇO 2018 N.1345

MAGAZINE

NOTÍCIAS

25
anos

CINEMA

O PORTUGUÊS QUE PODE
GANHAR UM ÓSCAR

REFUGIADOS

DE LISBOA A NÁPOLES,
HISTÓRIA DE UM
REGRESSO A CASAO TEMPO
DAS MULHERES

Nunca como hoje se falou tanto delas. Na semana em que se celebra o seu dia internacional, cinco mulheres com percursos, escolhas e vidas diferentes contam a sua história.

A médica obstetra Maria do Céu Santo fala sobre como conciliou carreira, filhos e amor.

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento (C/ÁUDIO e VÍDEO)

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4ad5e795>

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

08.03.2018

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4f5bd89f>

Centenas de manifestantes assinalaram o Dia Internacional da Mulher, em Lisboa

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

08.03.2018

Dinheiro Vivo/Lusa

União Local/CGTP-IN - Dia Internacional da Mulher

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Distrito Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=75567a0a>

2018-03-08T14:40:48+00:00

Comemorações do Dia Internacional da Mulher

8 de Março - Hospital Litoral Alentejano A União Local de Alcácer, Grândola, Santiago e Sines, em conjunto com os sindicatos dos sectores irá realizar no próximo dia 8 de Março, pelas 7H30, 9H30; 15H30 e 17H30 contactos com as trabalhadoras do Hospital do Litoral Alentejano. Na semana de 5 a 9 de Março os sindicatos estarão em mais de 50 locais de trabalho nos 4 concelhos a "Afirmar a Igualdade - Por Emprego, Direitos e Dignidade". Para a União Local, a igualdade é uma luta de todos os dias e é urgente pôr fim a discriminação salarial, aos vínculos precários, reafirmar os direitos de maternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal e combater o assédio no trabalho e as doenças profissionais. Apelamos ainda às trabalhadoras para se juntarem à manifestação nacional de Mulheres sob o lema "Igualdade e Justiça Social, no Presente e com Futuro" promovida pelo MDM, no próximo dia 10 de Março, em Lisboa pelas 14H30 Praça dos Restauradores. Fonte: União Local dos Sindicatos de Alcácer, Grândola, Santiago e Sines/CGTP-IN

Distritonline

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f42a0437>

2018-03-08T15:49:56Z

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Lusa

SETÚBAL - Comemorações do dia Internacional da Mulher pelo CGTP

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/03/2018
Melo:	Diário do Distrito Online	Autores:	Maria do Carmo Torres

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b2d7a33e>

Dia Internacional da Mulher

Um desfile entre a Praça do Bocage e o Largo Misericórdia, em Setúbal, é a forma de assinalar o Dia Internacional da Mulher pela União de Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN.

Localidade

A União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN, em conjunto com os sindicatos do distrito irá realizar no próximo dia 8 de Março, pelas 16h00 um desfile que saíra da Praça do Bocage até ao Largo da Misericórdia, onde será realizada uma tribuna pública.

A anteceder o desfile irão ser efectuados contactos com mulheres trabalhadoras pelas 15h00 na Praça do Bocage.

Na semana de 5 a 9 de Março os sindicatos do distrito irão estar em mais de 460 locais de trabalho a "Afirmar a Igualdade - Por Emprego, Direitos e Dignidade", de destacar ainda o plenário conjunto que irá ser realizado dia 6 de Março no Hospital Garcia de Orta.

No comunicado enviado ao Diário do Distrito, a União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN refere que a igualdade é uma luta de todos os dias e é urgente pôr fim a discriminação salarial, aos vínculos precários, reafirmar os direitos de maternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal e combater o assédio no trabalho e as doenças profissionais.

Apelamos ainda às trabalhadoras do distrito para se juntarem à manifestação nacional de Mulheres sob o lema "Igualdade e Justiça Social, no Presente e com Futuro" promovida pelo MDM, no próximo dia 10 de Março, em Lisboa pelas 14H30 Praça dos Restauradores.

2018-03-08 04:14:07

Carmo Torres

"Quanto mais mulheres trabalham, maior é o fosso salarial"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/03/2018
Meio:	Expresso Online	Autores:	Susana Frexes

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8df4671>

getty

A diferença salarial entre homens e mulheres mantêm-se há anos nos 16% e voltou hoje a ser confirmado pelo Eurostat. A Comissão para a Justiça e Igualdade de Género diz-se frustrada com esse facto e pede mais ação aos Governos. Portugal é o país onde o fosso mais aumentou entre 2011 e 2016. Vera Jourová pede ao Executivo português que procure as causas do problema

Susana Frexes, correspondente em Bruxelas

O relatório publicado esta quarta-feira dá conta da estagnação da diferença salarial entre homens e mulheres. Há vários anos que está nos 16%. Significa isto que os esforços feitos são insuficientes?

Sim. É o que isso significa. Vemos que a diferença salarial entre homens e mulheres está estagnada. Todas as propostas que temos feito têm de ser levadas à prática. Tentamos dar resposta à discriminação direta, quando há diferença de salários entre homens e mulheres que têm o mesmo trabalho. Isto é proibido pela lei e os Estados-membros deveriam garantir que a lei é aplicada. Depois existe a questão da família, que está principalmente nos ombros das mulheres, e isso também contribui para a diferença. E é por isso que estamos a propor medidas para melhorar as condições para as mães que trabalham. Estou muito frustrada com a estagnação destes números.

Olhando para Portugal: em 2011, antes do resgate, a diferença salarial entre géneros era de 12,9%, bem abaixo da média. Em 2015 era de 17,8% e os últimos números disponíveis, referentes a 2016, apontam para 17,6%. Portugal foi o país da UE onde a diferença mais aumentou. O que é que explica isto?

Há mais um fator, que tem a ver com a diferença no emprego. Em Portugal, a taxa de mulheres empregadas aumentou, mas também aumentou a diferença salarial. Isto é um paradoxo. Quanto mais mulheres trabalham, maior é o fosso salarial. Recomendaria ao Governo português - e vou discuti-lo com o ministro com esta pasta - que olhe para a origem desta tendência de aumento do fosso. Deve haver um problema estrutural no sistema. Quando tento entender este fenómeno de "quanto mais emprego, maior o fosso salarial", percebo que a raiz do problema pode estar relacionada com os trabalhos em "part-time".

Em todos os países ou só em Portugal?

Em geral. Porque tem acontecido também noutros países.

Por outro lado, o relatório divulgado hoje também dá como exemplo a lei portuguesa de agosto de 2017, que define o regime da representação equilibrada entre mulheres e homens nos órgãos de administração e de fiscalização das entidades do sector público empresarial e das empresas cotadas em bolsa. Foi uma boa decisão?

Dentro de dois anos devemos começar a ver os efeitos destas medidas, com um aumento das mulheres em cargos mais elevados das empresas. Este tipo de decisão é algo que deveríamos ter nos vários estados membros. É por isso que tento pressionar para que a diretiva sobre o número de mulheres nos conselhos de administração avance. Queremos assegurar que haja 40% de mulheres nos cargos de supervisão das empresas cotadas. Esta legislação está bloqueada (no Conselho). Espero que seja retomada, e haverá um novo debate na primavera.

Esta quinta-feira é o Dia Internacional da Mulher. Que conselho deixa às mulheres portuguesas?

São necessárias três condições para que haja mudanças nesta área: vontade política, mudanças culturais e de mentalidade e remoção das barreiras que as mulheres têm dentro delas. Muitas mulheres dizem que não querem mudanças e aquelas que querem uma mudança devem pedir melhores condições, melhores salários. Se algo de errado se passa com elas, devem pedir explicações aos seus superiores. Temos de ser mais ativas.

2018-03-08T08:00:58.000Z

[Additional Text]:

Susana Frexes, correspondente em Bruxelas

Susana Frexes, correspondente em Bruxelas

USAM assinala Dia da Mulher distribuindo informação à população em geral

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: JM Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7f2617cd>

A USAM - União dos Sindicatos da Madeira esteve esta tarde a distribuir informação sobre os direitos, muitas vezes negados, às mulheres enquanto trabalhadoras e mães.

Em declarações aos JM, a porta-voz da iniciativa, Maria José Afonseca, referiu que esta ação esteve integrada no âmbito das comemorações do Dia Internacional da Mulher e na Semana da Igualdade, a qual está a ser promovida a nível nacional pela CGTP e Comissão para a Igualdade entre Homens e Mulheres, sob o lema "Afirmar a Igualdade - Emprego - Direitos - Dignidade".

No panfleto que foi distribuído tanto a homens como a mulheres, a USAM alerta para os direitos das mulheres enquanto trabalhadoras e mães, ressaltando para os problemas relacionados com as desigualdades salariais que ainda persistem, perseguições nos locais de trabalho devido ao género e as dificuldades que existem em conciliarem o trabalho com a maternidade.

2018-03-08 16:49:00

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f63bb801>

2018-03-08T15:49:56Z

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Lusa

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4874901f>

2018-03-08 15:49

LusaHoje às 15:49, atualizado às 15:53FacebookTwitterComentar

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Lusa

Centena de manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3854320f>

2018-03-08 16:47

Hoje às 16:47FacebookTwitterComentar

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional esta quinta-feira, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=eae22ca2>

Thu, 08 Mar 2018 16:52:03 +0100

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Mónica Antunes: A luta das mulheres da Triumph é a luta de todos os trabalhadores

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/03/2018
Melo:	Notícias Magazine Online	Autores:	Patrícia Cardoso

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c38f9224>

OPINIÃO

Mónica Antunes: A luta das mulheres da Triumph é a luta de todos os trabalhadores

Mónica ergueu o punho e foi à luta pelos seus direitos quando a empresa lhe virou as costas. Hoje é o Dia Internacional da Mulher. Nunca como agora se falou tanto do seu papel e dos seus direitos. Oprah winfrey disse que chegou o tempo delas. Falámos com cinco mulheres com percursos, histórias e escolhas diferentes para perceber que sim. O tempo chegou.

08/03/2018

Mónica Antunes, 42 anos, sindicalista e uma das porta-vozes da vigília de vinte dias à porta da fábrica da Triumph.

Com uma capacidade de organização notável, cerca de 200 mulheres, em meia hora, definiram turnos de quatro horas, trinta pessoas por vez.

Houve uma grande união e um grande espírito de sacrifício porque não deixámos os nossos postos de trabalho. Todos os dias picámos o cartão , lembra Mónica.

O momento mais difícil, que ainda assombra Mónica, aconteceu quando a administração acabou com a refeição. Num país desenvolvido, em pleno século, XXI às portas de uma grande cidade, ali estávamos, com uma tigela na mão .

Patrícia CardosoMAIS DO AUTOR

Texto de Ana Patrícia Cardoso | Fotografia de Jorge Simão e Paulo Spranger/Global Imagens

Pouco mais de um mês depois de ter sido decretada a insolvência da Têxtil Gramax Internacional (ex-Triumph), as 463 trabalhadoras que fizeram parte do despedimento coletivo começam a ter a vida regularizada.

Hoje (23 de fevereiro), recebemos o primeiro mês completo do subsídio de desemprego , diz Mónica Antunes, 42 anos, sindicalista e uma das porta-vozes da vigília de vinte dias à porta da fábrica de lingerie.

Mónica tem o seu caminho bem traçado. Nunca gostei de ser costureira. Gosto mesmo é de Recursos Humanos. Vou voltar a estudar. Entrou para a Triumph em 2000, com vinte e poucos anos e a filha Bianca, de 2, ao colo.

Éramos uma empresa familiar. Tínhamos mesmo doze casais, que agora ficaram no desemprego. Eles e elas.

Fui para desenrascar. Tive o Tiago dois anos mais tarde e acabei por ir ficando. As condições eram boas e pagavam bem para a época. A minha tia e a minha prima também lá estavam. Passaram 18 anos. Como ela, a maioria das funcionárias trabalhava ali há muito tempo. Éramos uma empresa familiar. Tínhamos mesmo doze casais, que agora ficaram no desemprego. Eles e elas.

Todo o processo começou em 2015 quando a empresa anunciou que a sede em Portugal já não era viável e ia mudar-se para a Ásia. Em agosto de 2016, a venda à Gramax foi oficializada e, durante um ano, continuou a haver trabalho, o que levou a que muitas pessoas ainda acreditassem que tudo iria ficar na mesma. Eu nunca acreditei. A Triumph injetou produção durante doze meses certinhos. Depois, em setembro de 2017, a produção caiu a pique .

Uma fábrica que produzia 60 a 120 mil peças por dia passou a produzir 20. Parece novela mas não é. As pessoas passaram a levar livros, croché... E o pior é que não podíamos falar umas com as outras. Era proibido interagir. Das oito da manhã às cinco da tarde, assim. Em finais de outubro, Mónica entrou de baixa para tratar uma tendinite no braço direito.

Com uma capacidade de organização notável, cerca de 200 mulheres, em meia hora, definiram turnos de quatro horas, trinta pessoas por vez.

Em novembro, recebemos menos cinco dias e fomos avisadas de que não haveria subsídio de Natal. Sabíamos que sem subsídio não havia ordenado. As coisas começaram a piorar e as colegas ligavam a Mónica todos os dias a chorar, desesperadas, sem saber o que fazer.

Por ser reivindicativa, sofreu represálias das chefias que chegaram a colocá-la a trabalhar virada para uma parede.

Sempre fui assim, não conseguia virar costas a uma colega sem saber que estava bem . Sem conseguir ficar mais tempo em casa, voltou ao trabalho em janeiro, antes de terminar o tratamento. No dia 5, um camião tentou levar matéria -prima e as operárias bloquearam o caminho.

Não saía material ou maquinaria da empresa. Num leilão ou venda, é o que nos vai pagar o que nos devem. Com uma capacidade de organização notável, cerca de 200 mulheres, em meia hora, definiram turnos de quatro horas, trinta pessoas por vez. Houve uma grande união e um grande espírito de sacrifício porque não deixámos os nossos postos de trabalho. Todos os dias picámos o cartão.

Apanharam dias de chuva forte. Valeu -lhes as tendas disponibilizadas pela Câmara Municipal, a ajuda dos bombeiros, dos escuteiros e da população. O momento mais difícil, que ainda assombra Mónica, aconteceu a 15 de janeiro quando a administração acabou com a refeição.

Fez-se uma sopa à pressa e era tudo o que tinham para comer. Ninguém falava e a maioria das mulheres não conseguiu conter as lágrimas. Para Mónica era impensável como num país desenvolvido, em pleno século, XXI às portas de uma grande cidade, ali estávamos, com uma tigela na mão .

Foram vinte dias de muito cansaço, sobretudo mental , porque não sabíamos qual seria o desfecho. Mónica sempre contou com o apoio da família e os filhos chegaram a acompanhá-la nos turnos da noite. O que me dava alento era chegar a casa e o meu filho abraçar-me e dizer-me "és a minha guerreira, mãe". Eu chorava no banho para ninguém ver mas eles davam-me toda a força para acordar de manhã e continuar a luta. No dia 25 de janeiro, com a insolvência decretada, uma batalha foi vencida. Ninguém dava nada por nós e vejam o que conseguimos.

A nossa luta não era só para nós. Espero que o nosso exemplo faça que os portugueses comecem a acordar porque todos temos direitos. A luta das mulheres da Triumph é a luta de todos os

trabalhadores.

Percorra a galeria de imagens acima clicando sobre as setas.

Notícias Magazine

LER MAIS

Facebook

2018-03-08 08:00:05+00:00

Patrícia Cardoso

Greves e manifestações marcam o Dia da Mulher em Espanha

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3b822998>

Sandra Salvado - RTP08 Mar, 2018, 11:57 | Mundo

| Vincent West - Reuters

"Se pararmos, o mundo pára". É este o lema da greve no dia Internacional da Mulher em Espanha. Uma inédita greve feminista para exigir o fim das desigualdades de género que é apoiada, pela primeira vez, por sindicatos e alguns partidos políticos. Estão organizadas 120 manifestações e já se fazem sentir os efeitos dos protestos, principalmente nos meios de comunicação social, escolas, hospitais e serviços de transporte.

A paralisação, inspirada na greve das mulheres que em 24 de outubro de 1975 parou a Islândia, foi convocada em mais 170 países, incluindo em Portugal mas apenas o Bloco de Esquerda apoiou esta greve das mulheres.

"É uma forma de dar visibilidade a tudo o que fazem as mulheres e ver o que acontece quando não estamos lá", explicou María Álvarez, a porta-voz da Comisión 8-M, que está a organizar a greve.

As mulheres espanholas fazem greve ao trabalho nos escritórios, em fábricas ou em casa. O objetivo é demonstrar como seria um dia sem todas as tarefas e responsabilidades a cargo das mulheres e ao, mesmo tempo, exigir o fim da desigualdade salarial, o fim da violência de género e a possibilidade de conciliar melhor o trabalho e a família.

¡Y seguimos en Moratalaz! #8MarzoHuelgaFeminista #8Marzo pic.twitter.com/kWWCProkpl

- Madrid 8 de Marzo (@FeminismosMad) 8 de março de 2018

O Dia Internacional da Mulher é objeto de um grande debate há já várias semanas, com os políticos de direita a acusar os de esquerda de se apropriarem indevidamente de uma jornada que devia ser de todos.

O Podemos, partido de esquerda, apoia a greve de 24 horas. Já o PSOE defende a paralisação de duas horas convocada, pela primeira vez, pelos sindicatos Confederación Sindical das Comisiones Obreras (CCOO) e UGT. Já o PP, partido no Governo, e o Ciudadanos apoiam as exigências mas desmarcam-se da greve feminista.

Dez sindicatos espanhóis vão aderir à greve mas dois dos mais relevantes pediram aos seus membros para limitarem os protestos a uma paralisação de duas horas.

As autoridades espanholas estão a antever impactos na rede ferroviária e também na circulação do metro. De acordo com uma sondagem do jornal El País, 82 por cento dos 1500 inquiridos deram o seu apoio à greve das mulheres e 76 por cento defendem que, no geral, as espanholas têm vidas muito mais difíceis do que os homens.

Em Portugal, a greve foi convocada pelo movimento Rede 8 de Março mas só tem o apoio, pelo menos

declarado, do Bloco de Esquerda. "Traz vassoura que vamos varrer o machismo!", pede o movimento na página do Facebook. Está marcada uma manifestação em Lisboa, do Terreiro do Paço até ao Rossio, e na Praça dos Poveiros, no Porto.

Também o Ministério espanhol dos Transportes revelou esta quinta-feira que ao longo do dia haverá muito menos comboios em circulação no país, na sequência desta greve.

Em comunicado, o Ministério espanhol disse que pelo menos 300 comboios não vão operar ao longo do dia, depois de dez sindicatos terem anunciado a sua adesão à greve de 24 horas. Uma paralisação necessária, dizem, para chamar a atenção para as contínuas desigualdades entre homens e mulheres como, por exemplo, no acesso ao trabalho e aos salários equitativos.

Greve "só serve elites feministas"

A organização desta greve geral pediu a todas as mulheres que não gastem dinheiro esta quinta-feira e que renunciem a qualquer trabalho doméstico em solidariedade com as restantes. A atriz espanhola Penélope Cruz também aderiu à greve, tendo cancelado todos os eventos públicos planeados para este dia.

No plano político, o Partido Popular, movimento conservador de centro-direita diz que esta ação "só serve as elites feministas e não as mulheres reais que partilham problemas do dia-a-dia".

Já duas das cinco mulheres que ocupam cargos no governo de Rajoy, entre elas a ministra da Agricultura, Isabel García Tejerina, e a presidente da comunidade de Madrid, Cristina Cifuentes manifestaram o seu apoio a esta greve, alimentando algumas críticas.

Manuela Carmena e Ada Colau, autarcas de Madrid e Barcelona, respetivamente, também vão aderir à paralisação feminista neste dia Internacional da Mulher.

Please enable JavaScript to view the Powered by Disqus.

2018-03-08T11:57:09+00:00

Marcha pelo Dia Internacional da Mulher

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7f5993c5>

RTP

08 Mar, 2018, 20:38

/ atualizado em 08 Mar, 2018, 20:38

| País

Cerca de 200 trabalhadoras assinalaram o Dia Internacional da Mulher com uma marcha até ao parlamento.

As ex-trabalhadoras da Gramax, antiga fábrica da Triumph, e as trabalhadoras das Misericórdias, que estiveram em greve, juntaram-se a esta manifestação organizada pela CGTP.

Defendem salários iguais, oportunidades iguais, respeito pelos direitos da maternidade e pela regulação dos horários de trabalho, de forma a conciliarem a vida profissional com a vida familiar.

No caso das trabalhadoras das Misericórdias, elas queixam-se de ganharem o salário mínimo há décadas e de não serem aumentadas nem progredirem na carreira.

Please enable JavaScript to view the Powered by Disqus.

2018-03-08T20:38:43+00:00

Manifestantes da CGTP seguem rumo ao parlamento

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b97a4533>

2018-03-08T15:49:56Z

O protesto organizado pela CGTP para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que teve início no Largo Camões, em Lisboa, e segue rumo à Assembleia da República, conta com uma centena de manifestantes, de acordo com fonte da PSP.

Segundo a CGTP, o protesto em Lisboa que se integra numa ação nacional da central sindical liderada por Arménio Carlos, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país, conta com cerca de 250 manifestantes, sobretudo mulheres.

A caminho do parlamento, um grupo de mulheres segura a faixa à frente do cortejo, onde se lê "valorizar o trabalho, efetivar a igualdade", enquanto entoam "igualdade salarial é urgente em Portugal".

Na Assembleia da República, realizar-se-á uma tribuna pública com a intervenção do secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos. Estão presentes trabalhadoras das Misericórdias, que estão em greve nacional hoje, da antiga Triumph Internacional, entre outras empresas.

Sob o lema "Afirmar a Igualdade/Emprego/Direitos/Dignidade", a ação nacional inclui protestos no Porto, em Setúbal, Faro, Rio Maior, Évora e na Covilhã, tendo sido realizado durante a manhã uma manifestação em Guimarães.

Lusa

Desigualdade laboral vai continuar em 2018 para as mulheres

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/03/2018
Melo:	Dinheiro Vivo Online	Autores:	João Lopes Oliveira

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=904e41c>

Participação feminina no mercado de trabalho global em 2018 vai continuar a ser inferior à dos homens, segundo um relatório da Organização Mundial do Trabalho.

Em vésperas do Dia Internacional da Mulher, as notícias que chegam da Organização Mundial do Trabalho (ILO, na sigla inglesa) para o sexo feminino não são as mais animadoras. Segundo as perspetivas, as mulheres vão continuar a ter uma participação menor que os homens no mercado laboral, enquanto a taxa de desemprego vai continuar a ser mais alta para elas do que para eles.

Segundo o estudo World Employment and Social Outlook: Trends for Women 2018, a taxa de participação feminina no mundo do trabalho vai rondar os 48.5%, o que significa 26.5 pontos percentuais abaixo do sexo oposto. Já a percentagem de mulheres sem trabalho no mundo será de 6%, aproximadamente 0.8 pontos percentuais acima dos índices masculinos.

Colocando os números em perspetiva, isto significa que por cada dez homens numa empresa, haverá seis mulheres na mesma organização.

"Apesar dos progressos alcançados e dos compromissos assumidos para melhorar esta realidade, as perspetivas para as mulheres no mundo do trabalho ainda estão longe de ser iguais às dos homens", considera a especialista jurídica da ILO, Deborah Greenfield.

Ainda que as previsões não sejam as mais animadoras, o estudo realça alguns fatores que contrariam a tendência, mas também outros índices que a intensificam.

Por exemplo, em nações já desenvolvidas, as diferenças entre o desemprego feminino e o masculino são consideravelmente pequenas. No leste europeu e na América do Norte, há até menos mulheres desempregadas do que homens.

Em sentido contrário estão, por exemplo, regiões como o médio oriente ou o Norte de África, onde a taxa de desemprego feminino duplica os valores da taxa masculina e onde se mantêm entraves à inclusão de mais mulheres no mercado de trabalho.

Esta lacuna está a ser progressivamente combatida nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, mas continua a aumentar nos países emergentes. E esta realidade pode ser um reflexo daquilo que, no primeiro caso, está a acontecer nos respetivos países, em que as mulheres em idade mais jovem já se iniciaram em percursos académicos que, por consequência, atrasam a sua entrada no mercado de trabalho.

Qualidade do emprego também é menor

Da percentagem de mulheres que escapa às previsões da ILO e têm emprego assegurado, a verdade é que a própria qualidade do trabalho deverá ser menor comparativamente à dos homens. Isto significa que elas terão, em 2018, o dobro das possibilidades de serem chamadas para trabalhar apenas

durante determinado período ou até com um vínculo precário.

Mesmo com o combate a este flagelo ao longo dos últimos anos, a percentagem de mulheres vulneráveis a este tipo de situação ronda os 42%, mais de metade do que os homens (20%), sobretudo nos mercados emergentes.

Se olharmos para os cargos de chefia, esta problemática é ainda maior. Segundo os autores do estudo, em 2018, haverá quatro vezes mais empregadores masculinos do que femininos, sendo esta dicotomia notável, sobretudo, nas áreas relacionadas com gestão.

07.03.2018

João Lopes Oliveira

Opinião. Coragem para acabar com a discriminação salarial

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/03/2018
Melo:	Dinheiro Vivo Online	Autores:	Rosália Amorim

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=58f01ae5>

Amanhã assinala-se o Dia Internacional da Mulher. Lembrar esta data, 8 de março, continua a ser da maior utilidade. Em pleno século XXI é bom lembrar, aos homens e às mulheres, que nem sempre a realidade foi tal como a conhecemos hoje.

Ainda não chegámos à verdadeira paridade, mas passos importantes vão sendo dados todos os dias nas nossas casas, nas nossas empresas, nos Estados e nas diferentes civilizações. Recentemente, celebrámos o facto de as mulheres da Arábia Saudita terem o direito de tirar a carta e conduzir. Olhámos para essa notícia com o espanto que merece. E nem por um segundo nos lembrámos de que ainda há menos de meio século as mulheres portuguesas não poderiam sair do país sem autorização do marido...

Ainda bem que já nasci em 1974! Os passos em prol da igualdade vão sendo dados à medida de cada civilização e cultura, mas também à medida da coragem dos homens. Tantas vezes é ele o legislador e depende da sua coragem, da sua segurança e da sua autoestima - ou da falta dela - a decisão de decidir a favor ou contra as mulheres. Por isso, é preciso pedir coragem aos homens para não temerem as mulheres. Temer o poder feminino ou tentar limitá-lo num espartilho é o pior que podem fazer, sob pena de os fios desse espartilho rebentarem e fazerem estrondo na sociedade.

Hoje, quando enumeramos os temas relacionados com a igualdade, saltam à vista três: a igualdade nas tarefas domésticas, o acesso às mesmas oportunidades profissionais e a paridade salarial entre homens e mulheres. Contudo, a única paridade que cresceu à nossa volta foi a igualdade em horas de trabalho. Muitas mulheres trabalham tanto ou mais do que os homens e levam para casa quase sempre menos dinheiro do que eles. Porquê? Voltamos ao tema da coragem. É preciso ter a coragem de admitir e de aplicar salário igual para trabalho igual. Se as tarefas aparecem feitas e bem feitas, se os objetivos e as expectativas são alcançados ou até superados, se os resultados são atingidos, porquê pagar menos a uma mulher só porque não nasceu homem?

Se muitas das diretoras de recursos humanos também são mulheres, e se começamos a ver nas administrações cada vez mais mulheres, então desafio-vos a tomarem a dianteira, a darem o exemplo em vez de promoverem a discriminação dentro das suas organizações. Tenham a coragem de comparar tabelas salariais e de mudar esta realidade. Qualquer passo nesse sentido já vem tarde!

07.03.2018

Rosália Amorim

Coragem para acabar com discriminação salarial

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/03/2018
Melo:	Diário de Notícias Online	Autores:	Rosália Amorim

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b2501d68>

2018-03-07T00:11:00Z

Amanhã assinala-se o Dia Internacional da Mulher. Lembrar esta data, 8 de março, continua a ser da maior utilidade. Em pleno século XXI é bom lembrar, aos homens e às mulheres, que nem sempre a realidade foi tal como a conhecemos hoje. Ainda não chegámos à verdadeira paridade, mas passos importantes vão sendo dados todos os dias nas nossas casas, nas nossas empresas, nos Estados e nas diferentes civilizações. Recentemente, celebrámos o facto de as mulheres da Arábia Saudita terem o direito de tirar a carta e conduzir. Olhámos para essa notícia com o espanto que merece. E nem por um segundo nos lembrámos de que ainda há menos de meio século as mulheres portuguesas não poderiam sair do país sem autorização do marido... Ainda bem que já nasci em 1974! Os passos em prol da igualdade vão sendo dados à medida de cada civilização e cultura, mas também à medida da coragem dos homens. Tantas vezes é ele o legislador e depende da sua coragem, da sua segurança e da sua autoestima - ou da falta dela - a decisão de decidir a favor ou contra as mulheres. Por isso, é preciso pedir coragem aos homens para não temerem as mulheres. Temer o poder feminino ou tentar limitá-lo num espartilho é o pior que podem fazer, sob pena de os fios desse espartilho rebentarem e fazerem estrondo na sociedade.

Hoje, quando enumeramos os temas relacionados com a igualdade, saltam à vista três: a igualdade nas tarefas domésticas, o acesso às mesmas oportunidades profissionais e a paridade salarial entre homens e mulheres. Contudo, a única paridade que cresceu à nossa volta foi a igualdade em horas de trabalho. Muitas mulheres trabalham tanto ou mais do que os homens e levam para casa quase sempre menos dinheiro do que eles. Porquê? Voltamos ao tema da coragem. É preciso ter a coragem de admitir e de aplicar salário igual para trabalho igual. Se as tarefas aparecem feitas e bem feitas, se os objetivos e as expectativas são alcançados ou até superados, se os resultados são atingidos, porquê pagar menos a uma mulher só porque não nasceu homem?

Se muitas das diretoras de recursos humanos também são mulheres, e se começamos a ver nas administrações cada vez mais mulheres, então desafio-vos a tomarem a dianteira, a darem o exemplo em vez de promoverem a discriminação dentro das suas organizações. Tenham a coragem de comparar tabelas salariais e de mudar esta realidade. Qualquer passo nesse sentido já vem tarde!

Rosália Amorim

Também com a Beyoncé o feminismo chegou mais longe?

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/03/2018
Melo:	Público Online	Autores:	Aline Flor

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3bde26c5>

7 de Março de 2018, 7:30

O feminismo está na moda - entrou em erupção. Mantém as reivindicações das últimas décadas, mas as mais jovens trazem novas formas de pensar o movimento.

Fotogaleria

Alexa Santos encontrou no feminismo "uma forma de ler o mundo"
Rui Gaudêncio

Fotogaleria

Sara Anselmo: "Quando começamos a crescer, vemos que as coisas não estão conquistadas"
Miguel Manso

Fotogaleria

Patrícia Vassallo e Silva: "Estas mulheres [da Triumph] deram-nos muito mais do que nós a elas"
Sebastião Almeida

Patrícia Vassallo e Silva, 32 anos, já estava habituada a ser uma mulher entre homens. Electricista de profissão, desde a formação que ouvia habitualmente comentários pejorativos. A situação incomodava-a, mas o que fazer? Até que, há cerca de três anos, encontrou uma cliente diferente: uma feminista. Durante o serviço daquela manhã falaram sobre a discriminação que Patrícia sentia. E percebeu que não tinha que ficar calada. Algum tempo depois, já em 2016, criou o colectivo feminista Por Todas Nós. Não foi a primeira nem a única que nos últimos anos decidiu agir.

O feminismo está na moda - está em todo o lado -, mas a sua mensagem não se esgota em frases estampadas nas t-shirts das lojas ou em discussões nas caixas de comentários nas redes sociais. O PÚBLICO falou com mulheres de várias idades, com várias experiências de activismo, sobre como navegam por este momento de mediatização das reivindicações dos direitos das mulheres. Um momento de "erupção", define Manuela Tavares, que há dez anos defendeu a tese de doutoramento Feminismos em Portugal (1947-2007). "Em cada momento de erupção há coisas que ficam e que se transformam", explica.

O que não quer dizer que nos momentos menos visíveis o movimento não tenha estado "a ferver", salvaguarda a activista da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. Manuela Tavares encontra algumas diferenças entre as feministas da sua geração e as mais jovens. "Na minha geração apostávamos no slogan, íamos para a rua reivindicar esta ou aquela causa. Para elas, as causas estão mais entrelaçadas." Além disso, as novas gerações são "mais frontais" e confiantes. "Lidam bem com questões como a transexualidade, com questões ligadas à forma como a comunicação social gere a igualdade de género, com a ligação da arte com os feminismos", enumera.

É também assim que vê Alexandra Santos, 31 anos, autora do blogue Queering Style. Para Alexa, como prefere ser chamada, o feminismo é "uma forma de ler o mundo", que descobriu quando fazia um mestrado em Género, Sexualidade e Teoria Queer, no Reino Unido. Em Lisboa, tem estado presente em vários colectivos e iniciativas, ouvindo os pontos de vista das outras mulheres e trazendo também "o feminismo que acha importante". Reconhece que o diálogo nem sempre é fácil. Mas considera importante "provocar pensamento" em temas como as identidades e expressões queer.

Outras abordagens encontram um consenso mais fácil. Além da prioridade às desigualdades no trabalho e na vida doméstica, a violência de género e o assédio, há uma atenção cada vez maior dada à "interseccionalidade" - expressão cunhada pelas feministas negras há cerca de 30 anos sobre o modo como as diferentes discriminações se cruzam e se multiplicam. Trata-se de reconhecer que mulheres pobres, negras, ciganas, lésbicas, trans, imigrantes e mesmo as trabalhadoras do sexo têm preocupações específicas, que não podem ser esquecidas ou ignoradas.

Sara Anselmo, de 20 anos, estudante de Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Nova de Lisboa escolheu a UMAR para fazer a cadeira de voluntariado curricular, onde está envolvida no projecto "Múltiplas Discriminações". Já tinha ouvido falar sobre as reivindicações das mulheres nas aulas de História, mas pensava que eram já direitos adquiridos. Hoje sabe que não é bem assim. "Quando começamos a crescer, vemos que as coisas não estão conquistadas."

Sara descobriu a palavra feminismo em 2015, através do Twitter, onde continua a defender os seus pontos de vista. Apesar de reconhecer a importância de sair à rua para reivindicar direitos, considera que as redes sociais são por vezes subestimadas, que há quem torça o nariz a estas formas de activismo por as considerar pouco comprometidas. "Há sempre alguém que está a ler o que estou a escrever, não é a ficarmos caladas que as coisas mudam. E o caminho faz-se destes pequenos gestos no dia-a-dia", defende.

Não há uma forma única

As palavras-chave são cada vez mais: colaboração, trabalho em rede, solidariedade e sororidade - a união entre as mulheres. Foi assim que Carolina Moreira, de 31 anos, chegou à República das Marias do Loureiro, em Coimbra, onde em 2010 encontrou um espaço seguro e onde também descobriu o que era o feminismo. Pouco tempo depois, passava por Coimbra o projecto Rota dos Feminismos contra o Assédio, um grupo itinerante da UMAR que correu o país em 2011. Carolina, que ajudou a fundar o núcleo desta ONG em Coimbra, juntou-se mais tarde ao movimento internacional Marcha Mundial das Mulheres, e em 2015 partiu para o Curdistão para se juntar a uma caravana que correu vários países e terminou o seu percurso em Lisboa.

O activismo passou a ser também trabalho, ao participar em projectos da UMAR com jovens mulheres. Nota que o feminismo já é mais aceite e que há mais consciência de que não existe uma forma única de ser feminista. Está na moda. Mas "não basta ser moda. É preciso desconstruir comportamentos e preconceitos", ressalva. Alerta para o perigo do purplewashing ("lavagem lilás", uma expressão que remete para a cor que simboliza o movimento feminista), quando as empresas começam a usar as questões de género com interesses comerciais, o que, para si, é "passar um verniz por cima das desigualdades". Mas, apesar das ressalvas, reconhece a importância de que o tema seja falado por figuras públicas. "Trabalhando com jovens é que reparamos a forma como a Beyoncé influencia as meninas e a forma como elas já nos vão ouvir porque têm como referência a Beyoncé, a Emma Watson ou a Angelina Jolie."

Já lá vão mais de três anos desde que Emma Watson fez um discurso na ONU para lançar o movimento HeForShe, ou desde que Beyoncé incluiu na música Flawless um excerto da TED Talk de Chimamanda Ngozi Adichie, onde a escritora nigeriana relembra que "feminista é uma pessoa que acredita na igualdade social, política e económica entre os sexos". Contudo, a experiência internacional de Carolina Moreira, assim como o contacto com companheiras de outros países através da plataforma Assembleia Feminista de Coimbra, leva-a a situar o início da actual "erupção" do feminismo em 2016, quando as mulheres da América Latina se levantavam para gritar "Ni Una Menos"

("nem uma menos"), na sequência da morte brutal da jovem argentina Lucía Pérez, que despertou uma reacção de repúdio internacional.

Em Portugal, também em Junho desse ano as mulheres saíram à rua em solidariedade com uma adolescente brasileira que tinha sido vítima de uma violação colectiva no Rio de Janeiro, sob o mote "Por Todas Elas". Mas não era um protesto só sobre o Brasil. Em Lisboa e no Porto gritava-se "mexeu com uma, mexeu com todas". Não era um problema "delas", das outras: Nascia aqui o colectivo Por Todas Nós. No ano seguinte, no Porto, crescia a plataforma Parar o Machismo, Construir a Igualdade, que levou centenas de mulheres às ruas tanto em Janeiro, na marcha anti-Trump, como na manifestação de Outubro em frente ao Tribunal da Relação do Porto, incentivando activistas em outras cidades do país. Nas contas de Patrícia Martins, uma das fundadoras da plataforma, nesse ano houve "mais de 20 mobilizações por todo o país" com foco nos direitos das mulheres, alertando para a "urgência de se mudar a consciência social" sobre a violência de género.

Solidariedade e colaboração

Para Patrícia Vassallo e Silva ocupar as ruas é imperativo para que as reivindicações tenham mais impacto, e mais pessoas tenham contacto com as mesmas. Em Janeiro deste ano, em pleno protesto das trabalhadoras da fábrica da antiga Triumph, Patrícia estava lá. Criou um evento no Facebook, reuniu alimentos, juntou-se a colegas do colectivo Por Todas Nós e acompanhou as mulheres na vigília. "Foi uma experiência muito marcante. Estas mulheres deram-nos muito mais do que nós a elas."

À frente da fábrica em Loures esteve também Rita Ferro Rodrigues, uma das fundadoras da plataforma Capazes. A apresentadora de televisão não tem dúvidas sobre o debate em torno da igualdade de género: "Isto é uma revolução." Rita Ferro Rodrigues é uma das figuras públicas que mais activamente se coloca a favor de causas feministas nas redes sociais, onde já esteve no centro de várias polémicas. Há muitos que discordam da sua forma de defender o feminismo. Contudo, a apresentadora considera que estes focos de resistência, em particular dos que ridicularizam o movimento, já não serão um entrave ao avanço da igualdade. "Não podemos parar o vento com as mãos."

A plataforma procura atingir as jovens dos 14 aos 19 anos, "idades determinantes" para formar consciências sobre a desigualdade de género. Rita Ferro Rodrigues dá conta de outros projectos das Capazes: um livro para ser lançado no final do ano, "um bê-a-bá do feminismo"; e um projecto no Alto Alentejo, que deverá arrancar ainda este mês, que envolverá sessões de sensibilização para diferentes camadas da população.

Envolver a comunidade para quebrar resistências profundas é precisamente o foco da Coolabora, uma cooperativa de intervenção social na Covilhã com serviços como centros de apoio a vítimas de violência. Graça Rojão, uma das fundadoras, conta que no final do ano passado, em conjunto com outros grupos da cidade como a Guerrilha Feminista, identificaram algumas dezenas de casos de assédio e violência sexual e assinalaram os locais onde aconteceram com mensagens nas paredes. "Isto põe as pessoas a reflectir sobre a dimensão da violência." E essa reflexão, reforça a socióloga, tem de ser feita em conjunto. "O machismo é de tal forma uma ideologia dominante que nos atinge a todos e a todas. Não é uma questão de nos colocarmos contra os outros, a mudança tem que começar também por nós", declara.

As mentalidades foram mudando lentamente, acompanhadas por políticas públicas e alterações legislativas que respondiam às reivindicações feministas, como tornar a violência doméstica um crime público, em 2000. Manuela Tavares recorda a última grande "erupção", com a campanha para o referendo que permitiu a legalização do aborto em 2007. E o movimento continuou a ferver: mais iniciativas, mais presença em protestos na rua, uma maior atenção a acontecimentos nacionais e internacionais. Nesta quinta-feira, no dia das mulheres, pessoas por todo o país juntam-se em tertúlias ou saem às ruas para cantar: "O feminismo está a passar por aqui."

Nesta quarta-feira, 7 de Março, no auditório do PÚBLICO, em Lisboa, estarão Manuela Tavares, Alexa

Santos, Catarina Marcelino e Margarida Balseiro Lopes para debater sobre "À procura de novos feminismos".

Aline Flor

Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=34c388d9>

2018-03-05T17:30:24Z

A Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS) protestou hoje em frente ao Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, contra os hospitais público-privados, referindo que este modelo de gestão põe em causa direitos de utentes e trabalhadores.

Esta ação de protesto, que envolveu cerca de duas dezenas de pessoas, insere-se num conjunto de iniciativas que a CGTP vai realizar durante esta semana para assinalar o Dia Internacional da Mulher (08 março).

Em declarações à agência Lusa, Marco Jacinto, um dos porta vozes da Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS), afeta à CGTP, explicou que a ação visou fazer uma crítica ao funcionamento de todos os hospitais que funcionam em modelo de parceria público privada (PPP) .

"A crítica aqui não é em exclusivo ao Hospital Beatriz Ângelo. Este é apenas um dos quatro hospitais que assenta numa lógica de lucro e que olha para o setor da saúde como um grande negócio", apontou.

Além do hospital Beatriz Ângelo, no concelho de Loures (distrito de Lisboa), funcionam também em modelo de parceria público privada os hospitais de Cascais, Vila Franca de Xira e Braga.

Segundo defende a PLDSNS, este modelo de gestão hospitalar "é ruinoso e prejudica os direitos de trabalhadores e utentes".

"As PPP já custaram largos milhões de euros aos cofres do Estado e não está provado que a sua qualidade seja melhor do que nos hospitais públicos. Os encargos do Estado vão aumentar mais 3% e este ano ascenderão aos 471 milhões de euros", apontou.

Relativamente aos trabalhadores, Marco Jacinto sublinhou que este modelo origina "instabilidade laboral e precaridade, violação dos direitos de maternidade/paternidade e desregulação dos horários de trabalho, impossibilitando a conciliação do trabalho com a vida pessoal e familiar".

Quanto aos doentes, a PLDSNS refere que o modelo das PPP põe em causa a qualidade da sua assistência e origina uma "excessiva rotatividade pelos serviços", com intuito de "cobrar mais despesas ao erário público".

Lusa

Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=169c8f27>

2018-03-05T17:30:24Z

A Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS) protestou hoje em frente ao Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, contra os hospitais público-privados, referindo que este modelo de gestão põe em causa direitos de utentes e trabalhadores.

Esta ação de protesto, que envolveu cerca de duas dezenas de pessoas, insere-se num conjunto de iniciativas que a CGTP vai realizar durante esta semana para assinalar o Dia Internacional da Mulher (08 março).

Em declarações à agência Lusa, Marco Jacinto, um dos porta vozes da Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS), afeta à CGTP, explicou que a ação visou fazer uma crítica ao funcionamento de todos os hospitais que funcionam em modelo de parceria público privada (PPP) .

"A crítica aqui não é em exclusivo ao Hospital Beatriz Ângelo. Este é apenas um dos quatro hospitais que assenta numa lógica de lucro e que olha para o setor da saúde como um grande negócio", apontou.

Além do hospital Beatriz Ângelo, no concelho de Loures (distrito de Lisboa), funcionam também em modelo de parceria público privada os hospitais de Cascais, Vila Franca de Xira e Braga.

Segundo defende a PLDSNS, este modelo de gestão hospitalar "é ruinoso e prejudica os direitos de trabalhadores e utentes".

"As PPP já custaram largos milhões de euros aos cofres do Estado e não está provado que a sua qualidade seja melhor do que nos hospitais públicos. Os encargos do Estado vão aumentar mais 3% e este ano ascenderão aos 471 milhões de euros", apontou.

Relativamente aos trabalhadores, Marco Jacinto sublinhou que este modelo origina "instabilidade laboral e precaridade, violação dos direitos de maternidade/paternidade e desregulação dos horários de trabalho, impossibilitando a conciliação do trabalho com a vida pessoal e familiar".

Quanto aos doentes, a PLDSNS refere que o modelo das PPP põe em causa a qualidade da sua assistência e origina uma "excessiva rotatividade pelos serviços", com intuito de "cobrar mais despesas ao erário público".

Lusa

Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a00ec76b>

2018-03-05 17:30

LusaHoje às 17:30, atualizado às 17:34FacebookTwitterComentar

A Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS) protestou hoje em frente ao Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, contra os hospitais público-privados, referindo que este modelo de gestão põe em causa direitos de utentes e trabalhadores.

Esta ação de protesto, que envolveu cerca de duas dezenas de pessoas, insere-se num conjunto de iniciativas que a CGTP vai realizar durante esta semana para assinalar o Dia Internacional da Mulher (08 março).

Em declarações à agência Lusa, Marco Jacinto, um dos porta vozes da Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS), afeta à CGTP, explicou que a ação visou fazer uma crítica ao funcionamento de todos os hospitais que funcionam em modelo de parceria público privada (PPP) .

"A crítica aqui não é em exclusivo ao Hospital Beatriz Ângelo. Este é apenas um dos quatro hospitais que assenta numa lógica de lucro e que olha para o setor da saúde como um grande negócio", apontou.

Além do hospital Beatriz Ângelo, no concelho de Loures (distrito de Lisboa), funcionam também em modelo de parceria público privada os hospitais de Cascais, Vila Franca de Xira e Braga.

Segundo defende a PLDSNS, este modelo de gestão hospitalar "é ruinoso e prejudica os direitos de trabalhadores e utentes".

"As PPP já custaram largos milhões de euros aos cofres do Estado e não está provado que a sua qualidade seja melhor do que nos hospitais públicos. Os encargos do Estado vão aumentar mais 3% e este ano ascenderão aos 471 milhões de euros", apontou.

Relativamente aos trabalhadores, Marco Jacinto sublinhou que este modelo origina "instabilidade laboral e precaridade, violação dos direitos de maternidade/paternidade e desregulação dos horários de trabalho, impossibilitando a conciliação do trabalho com a vida pessoal e familiar".

Quanto aos doentes, a PLDSNS refere que o modelo das PPP põe em causa a qualidade da sua assistência e origina uma "excessiva rotatividade pelos serviços", com intuito de "cobrar mais despesas ao erário público".

Lusa

Ourém | "Semana da Igualdade" da CGTP começa em Fátima

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	05/03/2018
Melo:	Médio Tejo Online	Autores:	Cláudia Gameiro

URL: <http://www.mediotejo.net/ourem-semana-da-igualdade-da-cgtp-comeca-em-fatima/>

A CGTP-IN leva a cabo entre os dias 5 e 9 de março a sua "Semana da Igualdade", com o lema "Afirmar a Igualdade -Emprego, Direito, Dignidade". O evento inicia-se esta segunda-feira, dia 5, no Centro João Paulo II, em Fátima, "local de trabalho marcado por diversas desigualdades e o qual pretendemos denunciar e lutar para corrigir", refere a Confederação numa nota à Imprensa.

A "Semana da Igualdade" é uma iniciativa nacional e vai abranger 60 mil mulheres trabalhadoras em 1017 locais de trabalho. A CGTP irá realizar 23 ações de rua em todo o país e quatro greves, duas das quais nacionais.

Para além das comemorações do Dia Internacional da Mulher, a 8 de março, "o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno das seis temáticas concretas que afetam em particular as mulheres trabalhadoras: discriminação salarial, precariedade, doenças profissionais, maternidade e paternidade, assédio no trabalho, conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal", refere a nota às redações.

Mon, 05 Mar 2018 12:47:55 +0100

Cláudia Gameiro

Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=fe85604c>

Mon, 05 Mar 2018 18:30:24 +0100

A Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS) protestou hoje em frente ao Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, contra os hospitais público-privados, referindo que este modelo de gestão põe em causa direitos de utentes e trabalhadores.

Esta ação de protesto, que envolveu cerca de duas dezenas de pessoas, insere-se num conjunto de iniciativas que a CGTP vai realizar durante esta semana para assinalar o Dia Internacional da Mulher (08 março).

Em declarações à agência Lusa, Marco Jacinto, um dos porta vozes da Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS), afeta à CGTP, explicou que a ação visou fazer uma crítica ao funcionamento de todos os hospitais que funcionam em modelo de parceria público privada (PPP) .

"A crítica aqui não é em exclusivo ao Hospital Beatriz Ângelo. Este é apenas um dos quatro hospitais que assenta numa lógica de lucro e que olha para o setor da saúde como um grande negócio", apontou.

Além do hospital Beatriz Ângelo, no concelho de Loures (distrito de Lisboa), funcionam também em modelo de parceria público privada os hospitais de Cascais, Vila Franca de Xira e Braga.

Segundo defende a PLDSNS, este modelo de gestão hospitalar "é ruinoso e prejudica os direitos de trabalhadores e utentes".

"As PPP já custaram largos milhões de euros aos cofres do Estado e não está provado que a sua qualidade seja melhor do que nos hospitais públicos. Os encargos do Estado vão aumentar mais 3% e este ano ascenderão aos 471 milhões de euros", apontou.

Relativamente aos trabalhadores, Marco Jacinto sublinhou que este modelo origina "instabilidade laboral e precaridade, violação dos direitos de maternidade/paternidade e desregulação dos horários de trabalho, impossibilitando a conciliação do trabalho com a vida pessoal e familiar".

Quanto aos doentes, a PLDSNS refere que o modelo das PPP põe em causa a qualidade da sua assistência e origina uma "excessiva rotatividade pelos serviços", com intuito de "cobrar mais despesas ao erário público".

SEMANA DA IGUALDADE: AFIRMAR A IGUALDADE

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Rádio Cova da Beira Online

URL: <http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/44104>

A Comissão Distrital de Igualdade entre Mulheres e Homens da USCB/CGTP-IN promove, no âmbito das comemorações do Dia

Internacional

da Mulher (8 de Março), a Semana da Igualdade, que decorre a partir desta segunda-feira, 5 de Março, e prolonga-se até à

próxima

sexta-feira.

A partir de hoje, e durante três dias, o STAL, CESP, SEP, STBB contactam com trabalhadoras/es de vários locais de trabalho. O Sindicato dos Professores realiza na Escola Pêro da Covilhã, em contexto de sala de aula, uma acção que pretende explorar a escrita e a ilustração desenvolvida e trabalhada no terceiro período em colaboração com a biblioteca escolar e dentro do tema e contexto dos Direitos Humanos.

No Dia Internacional da Mulher, 8 de Março, está prevista, pelas 12:30h, uma acção de rua em Castelo Branco, à porta do Auchan, e meia hora depois a distribuição e contacto com trabalhadores de vários locais de trabalho abrangidos pelo STBB. À tarde, pelas 15:30h, realiza-se uma Tribuna Pública "pela Igualdade entre Mulheres e Homens", junto à rotunda do operário, na Covilhã (com todos os sindicatos) seguida, no mesmo local, de um Cordão Humano do Sindicato Têxtil da Beira Baixa "Pela Igualdade e Pelo Aumento dos Salários". O dia termina no Fundão, no restaurante Moagem D'Avó, com um jantar comemorativo da data.

No dia 9 de Março, os diversos sindicatos voltam a contactar trabalhadores em vários locais de trabalho e às 20:00h decorre um jantar em Castelo Branco, no restaurante "El Gringo".

Em comunicado, a Comissão de Igualdade entre Mulheres e Homens da USCB apela ainda à participação na manifestação de mulheres, organizada pelo MDM, que se realiza a 10 de Março, em Lisboa.

Por Paulo Pinheiro em 05 de Mar de 2018

RCB - Rádio Cova da Beira

CGTP promove Semana da Igualdade

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	05/03/2018
Melo:	Rádio Voz da Planície Online	Autores:	Inês Patola

URL: <http://www.vozdaplanicie.pt/noticias/cgtp-promove-semana-da-igualdade>

A Comissão Igualdade Mulheres e Homens da CGTP promove, a partir de hoje e até à próxima 6ªfeira, a Semana da Igualdade

Durante estes cinco dias, estão previstas acções em mais de mil locais de trabalho e iniciativas de rua em todos os distritos. Sob o lema "Afirmar a Igualdade- emprego-direitos-dignidade" esta será também uma semana de evocação das comemorações do Dia Internacional da Mulher, que se assinala na 5ª feira, dia 8 de Março.

Cristina Barata, da Comissão de Igualdade, da União de Sindicatos do Distrito de Beja, afirma que esta semana também vai ter expressão nesta região, com a adesão de várias estruturas sindicais, e revela que o ponto alto é assinalado no Dia da Mulher.

Ainda segundo, Cristina Barata, as iniciativas prolongam-se ainda durante o período da tarde.

05/03/2018

Inês Patola

Sindicato protesta em Loures contra hospitais público privados

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3dfc76ab>

2018-03-05T17:30:24Z

A Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS) protestou hoje em frente ao Hospital Beatriz Ângelo, em Loures, contra os hospitais público-privados, referindo que este modelo de gestão põe em causa direitos de utentes e trabalhadores.

Esta ação de protesto, que envolveu cerca de duas dezenas de pessoas, insere-se num conjunto de iniciativas que a CGTP vai realizar durante esta semana para assinalar o Dia Internacional da Mulher (08 março).

Em declarações à agência Lusa, Marco Jacinto, um dos porta vozes da Plataforma Lisboa em Defesa do Serviço Nacional de Saúde (PLDSNS), afeta à CGTP, explicou que a ação visou fazer uma crítica ao funcionamento de todos os hospitais que funcionam em modelo de parceria público privada (PPP) .

"A crítica aqui não é em exclusivo ao Hospital Beatriz Ângelo. Este é apenas um dos quatro hospitais que assenta numa lógica de lucro e que olha para o setor da saúde como um grande negócio", apontou.

Além do hospital Beatriz Ângelo, no concelho de Loures (distrito de Lisboa), funcionam também em modelo de parceria público privada os hospitais de Cascais, Vila Franca de Xira e Braga.

Segundo defende a PLDSNS, este modelo de gestão hospitalar "é ruinoso e prejudica os direitos de trabalhadores e utentes".

"As PPP já custaram largos milhões de euros aos cofres do Estado e não está provado que a sua qualidade seja melhor do que nos hospitais públicos. Os encargos do Estado vão aumentar mais 3% e este ano ascenderão aos 471 milhões de euros", apontou.

Relativamente aos trabalhadores, Marco Jacinto sublinhou que este modelo origina "instabilidade laboral e precaridade, violação dos direitos de maternidade/paternidade e desregulação dos horários de trabalho, impossibilitando a conciliação do trabalho com a vida pessoal e familiar".

Quanto aos doentes, a PLDSNS refere que o modelo das PPP põe em causa a qualidade da sua assistência e origina uma "excessiva rotatividade pelos serviços", com intuito de "cobrar mais despesas ao erário público".

Lusa

Comemorações do dia Internacional da Mulher - Desfile Setúbal

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 02/03/2018

Melo: Distrito Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2fb69702>

2018-03-02T09:33:36+00:00

A União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN, em conjunto com os sindicatos do distrito irá realizar no próximo dia 8 de Março, pelas 16H00 um desfile que saíra da Praça do Bocage até ao Largo da Misericórdia, onde iremos realizar uma tribuna pública. A anteceder o desfile irão ser efectuados contactos com mulheres trabalhadoras pelas 15H na Praça do Bocage. Na semana de 5 a 9 de Março os sindicatos do distrito irão estar em mais de 460 locais de trabalho a "Afirmar a Igualdade - Por Emprego, Direitos e Dignidade", de destacar ainda o plenário conjunto que irá ser realizado dia 6 de Março no Hospital Garcia de Orta. Para a União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN, a igualdade é uma luta de todos os dias e é urgente pôr fim a discriminação salarial, aos vínculos precários, reafirmar os direitos de maternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal e combater o assédio no trabalho e as doenças profissionais. Apelamos ainda às trabalhadoras do distrito para se juntarem à manifestação nacional de Mulheres sob o lema "Igualdade e Justiça Social, no Presente e com Futuro" promovida pelo MDM, no próximo dia 10 de Março, em Lisboa pelas 14H30 Praça dos Restauradores. Fonte: CGTP

Distritonline

Dia Internacional da Mulher

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=ab1a33d4-26e5-4486-9dae-63ff28337f2b&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Neste Dia Internacional da Mulher a CGTP convocou concentrações de mulheres trabalhadoras em vários locais do país. Em Lisboa, a concentração aconteceu no Largo do Camões com desfile para a Assembleia da República.

- Ligação em direto.

Declarações de Arménio Carlos da CGTP.

Dia Internacional da Mulher

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=2f6079ff-04f3-4620-8b7b-cae4b6480708&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Neste Dia Internacional da Mulher a CGTP convocou concentrações de mulheres trabalhadoras em vários locais do país. Em Lisboa, a concentração aconteceu no Largo do Camões com desfile para a Assembleia da República.

- Ligação em direto.

Declarações de Fátima Messias, CGTP.



DIA DA MULHER

Santas, mães, rainhas. Só 15% das ruas com nomes próprios são de mulheres

Há muito mais ruas portuguesas com nome de homem do que de mulher, mas isso é sobretudo um reflexo da História, dizem especialistas. Portugal não é caso único

Rita Marques Costa

Basta uma caminhada atenta pelas ruas de qualquer localidade portuguesa, com os olhos tirados do chão e pousados nas placas que nos indicam qual o topónimo que lhes dá nome, para chegarmos rapidamente a uma conclusão: há menos mulheres do que homens na toponímia portuguesa. Muito menos. Se nesse passeio percorrermos dez ruas (e todas tiverem nomes próprios), em média, menos de duas terão nome de mulheres.

Entre santas, rainhas, professoras, escritoras, atrizes e outras cujo título ou profissão permanecem anónimos na base de dados dos códigos postais dos CTT que o PÚBLICO analisou (disponível na plataforma Central de Dados), as mulheres

representam cerca de 15% do total de antropónimos – nomes próprios usados para designar ruas.

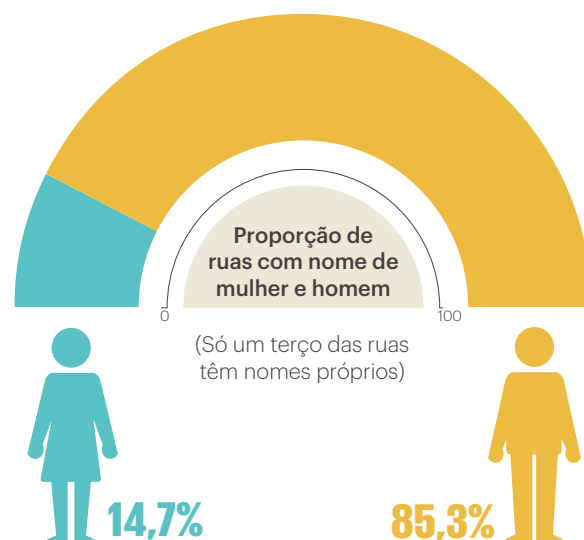
“Naturalizámos completamente [este fenómeno]”, nota Patrícia Santos Pedrosa. E, mais do que isso, habituámo-nos a “viver, passear e trabalhar em ruas com nome de homens”, diz a arquitecta e membro do colectivo Mulheres na Arquitectura. “O que dá nome à cidade são as figuras públicas. Se nós somos retiradas historicamente para o espaço doméstico, então assumimos as costas da vida pública.” É, sobretudo, uma questão “histórica”, diz ainda.

Para pouco mais de 40% das mulheres não se conhece o título que antecede o seu nome. Das que se sabe, um terço são referências a figuras religiosas – entre santas, nossas senhoras, irmãs e mães. Dos dez nomes de mulheres mais comuns nas nossas ruas, nove são ligadas à

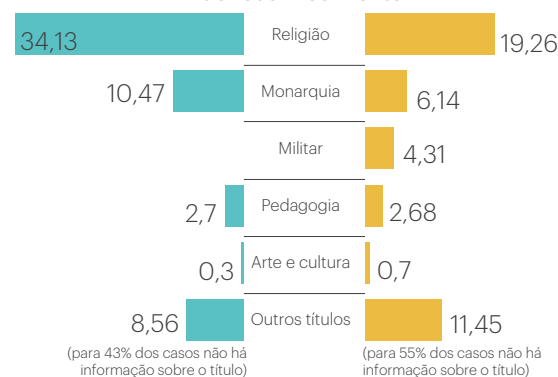
religião católica. A Nossa Senhora de Fátima é a mais popular; segue-se a Nossa Senhora da Conceição e depois Santa Maria. Outras (10%) são figuras da monarquia. Sucedem-lhes as professoras, depois as atrizes, as escritoras ou as pintoras.

Quanto à distribuição geográfica, há concelhos em melhor posição do que outros neste aspecto. Em Arronches (Portalegre), Porto Moniz (Madeira), Santana (Madeira), Calheta (Açores), Murça (Vila Real), Ribeira de Pena (Vila Real) e Resende (Viseu), a procura por nomes de mulher nos topónimos dos concelhos revela-se infrutífera. Não há uma única mulher a nomear as ruas destes municípios.

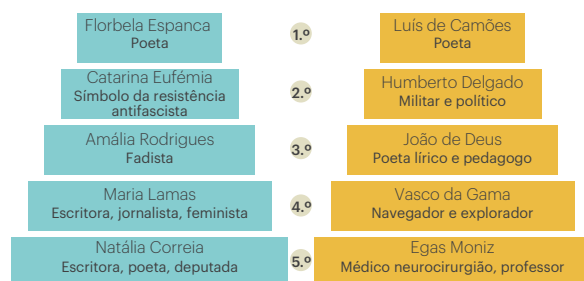
Já no que se refere ao tipo de arrouamentos, a distribuição é mais ou menos semelhante entre homens e mulheres, com a maioria a dar nome a ruas, depois a travessas e



Distribuição dos topónimos por esferas de reconhecimento



As cinco personalidades que dão nome a mais ruas*



*Não inclui figuras religiosas

Fonte: CTT (Central de Dados)

PÚBLICO



É preciso que as designações novas sejam paritárias. Não é viável repensar a renomeação radical dos nomes da cidade

Patrícia Santos Pedrosa
Arquitecta



JOANA GONÇALVES



SEBASTIÃO ALMEIDA

va de criar alguma coesão, defende José Sarmento Matos. Admite, porém, que já participou na atribuição de nomes de ruas e a questão da paridade não o preocupou. “Fiz toda a zona da Expo e não tive preocupação em dar nomes de homens ou mulheres.” Mas relembra que quis evocar os poetas portugueses e deu nomes de livros às ruas. “Queria homenagear a Sophia de Mello Breyner, então dei o nome de [Rua da] Menina do Mar.”

Câmaras preocupam-se

Quem se preocupa com a paridade é Manuel Lopes. Reformado dos CTT e apaixonado pela toponímia, defende que “ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher”. É por isso que faz questão de lembrar, nas propostas de nomes de ruas que envia às câmaras municipais de todo o país, as mulheres que estiveram ao lado de grandes homens ou que, sozinhas, se destacaram na localidade para onde a proposta é feita.

Manuel Lopes, natural de Castelo Branco, trabalhou nos correios a maior parte da vida. Começou nos anos 1960, sem saber sequer o que era toponímia. Primeiro, interessou-se (ou aborreceu-se) pela abundância de ruas sem nome. Depois do 25 de Abril, chamou-lhe a atenção o efeito da pressa em mudar os nomes que lembravam a ditadura e que fez com que se repetissem topónimos que já eram usados. Foi assim que começou a propor nomes de ruas. Hoje já conta com 1309 nomes propostos (e não são todos nomes próprios). Do total, 239 são mulheres.

Sobre como funciona o processo de escolha dos nomes que propõe Manuel Lopes adianta que tenta não ir pelos mais populares. “Costumo sugerir aqueles que são pouco conhecidos, que estão na obscuridade.” O antigo boletineiro lembra ainda outro pormenor. “A importância de uma personalidade, seja homem ou mulher, depende do meio em que estava inserida. Há que colocá-la na época e no sítio em que viveu.”

Na capital, a gestão dos topónimos atribuídos às ruas é da responsabilidade da Comissão Municipal de Toponímia. É assim desde 1943. Este órgão, integrado na Câmara Municipal de Lisboa (CML), começou por ser composto por quatro homens. Hoje, é representado por

oito mulheres e sete homens.

Ao PÚBLICO a CML esclarece que é a comissão que atribui os nomes às ruas, mas baseia as suas decisões em propostas que podem vir de “qualquer pessoa ou entidade, desde que devidamente justificadas” e, normalmente, “associadas a personalidades”. Sobre a preocupação com a paridade na toponímia a câmara ressalva que “a proposta tem que ver com o mérito” da pessoa em causa, independentemente do género.

Ainda assim, Manuel Lopes, que já fez propostas de nomes de ruas a uma centena de municípios, diz que a preocupação com a paridade “começa a existir agora”. Especialmente “nas câmaras dos grandes centros urbanos”.

Em Santarém, Ana da Silva, investigadora e professora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, também está atenta a estas questões e diz que a nível municipal se começa a adquirir “sensibilidade” para o tema. Por isso, fez também o exercício de avaliar a diferença entre o número de mulheres e homens na toponímia da cidade. Dos 309 registos nominais, descobriu que 271 são homens e 38 são mulheres.

“Em Santarém, tínhamos duas ruas com referências a prostitutas”, observa. Também registou “muitas santas” e outras que são mães de homens ilustres. Isso leva-a a concluir que na toponímia “as mulheres são santas, ou são prostitutas, ou são mães”.

A investigadora está a planear a criação de um roteiro turístico que atravesse as ruas de Santarém com nome de mulher, no qual pretende envolver alguns dos seus alunos. A ideia é pintar os rostos das mulheres nas caixas da electricidade e utilizar as imagens como ponto de partida para a conversa sobre as suas vidas.

Quanto a soluções futuras, a arquitecta Patrícia Santos Pedrosa defende que é preciso “problematizar, discutir o assunto e definir estratégias”. “É preciso que as designações novas sejam paritárias. Não parece viável repensar a renomeação radical dos nomes da cidade.” Por sua vez, Ana da Silva admite que “algumas ruas podiam mudar de nome”. “Há topónimos que já não fazem sentido.”

rita.costa@publico.pt

Da Índia aos EUA, elas são a minoria

A ausência de mulheres na toponímia não é um fenómeno exclusivo de Portugal. Maria Novas, uma arquitecta e investigadora que estuda a relação entre o género e a arquitectura, chegou à mesma conclusão para as ruas de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha. Na Índia, a engenheira Aruna Sankaranarayanan avaliou a diferença de número entre os nomes de homens e os nomes de mulheres em sete cidades e descobriu o mesmo.

Depois de contar todos os nomes próprios da sua cidade e os dividir por género, a espanhola Maria Novas concluiu que, em Santiago de Compostela, só um terço das ruas são de mulheres. “Ainda assim, há bastantes mais mulheres do que noutras cidades espanholas.” Isto tem que ver com o facto de Santiago ser “uma cidade historicamente muito vinculada ao catolicismo” e ter muitos nomes de santas — cerca de 80% dos topónimos femininos são religiosos.

Ao telefone com o PÚBLICO, a investigadora explica que a presença diminuta das mulheres nas ruas da sua cidade é algo a que “sempre” esteve atenta. “Custa muito encontrar nomes femininos.” Foi por isso que se interessou por contabilizar esta diferença. Esta discrepância mostra que “as mulheres não estavam a ocupar as posições públicas de que se ocupavam os homens”.

A engenheira indiana Aruna Sankaranarayanan fez este exercício, mas para sete cidades em todo o mundo. Mapeou os nomes das ruas de Londres, Paris, São Francisco, Bombaim, Nova Deli, Chennai e Bangalore: as mulheres continuam sub-representadas na toponímia, mesmo nas grandes cidades. **R.M.C.**

largos. Ainda assim, há uma maior proporção de homens a funcionar como topónimo de avenidas do que mulheres. No caso dos becos, é o contrário, são mais as mulheres do que os homens.

Um problema antigo

Em Lisboa, a história da formalização dos nomes das ruas é antiga e remonta “ao tempo” do Marquês de Pombal, nota o olisipógrafo José Sarmento Matos. Foi a partir daí que se começaram a dar nomes às ruas. “Antes disso não tinham um nome oficial.” Tinham apenas nomes espontâneos dados por quem lá morava. No século XIX, a câmara passou a ficar responsável por nomear as ruas e aí passou a ser prática “mudar os nomes da cidade para passar a pôr os nomes de figuras públicas”.

O especialista na história de Lisboa resume que “a diferença entre

Em Lisboa, o 25 de Abril mudou um pouco as coisas e as mulheres estão mais representadas na toponímia

homens e mulheres [na toponímia] vem do século XIX”. José Sarmento Matos explica que “a câmara passou a atribuir nomes com uma dimensão comemorativa ou de homenagem às pessoas. Os homens, como mandavam, festejavam-se uns aos outros”. E conclui que, neste período, “as mulheres perderam muito mais do que ganharam”.

A arquitecta Patrícia Santos Pedrosa defende que “o que compensa são os nomes dados às ruas no pós-25 de Abril”, uma vez que “nas zonas mais antigas da cidade a proporção [de mulheres] é muito menor.”

Hoje, “deve haver mais lógica” na atribuição dos nomes e uma tentati-

DIA DA MULHER

Portuguesas com mais de 65 anos ganham menos 43,4% do que os homens

Natália Faria

Por cada euro pago aos homens em 2016, as mulheres portuguesas receberam apenas 82,5 cêntimos, diz Eurostat

As mulheres portuguesas com mais de 65 anos ganham menos 43,4% do que os homens. É a terceira diferença salarial mais elevada da Europa, a seguir ao Chipe e à Espanha, como sublinham as investigadoras Sandra Palma Saleiro e Catarina Sales de Oliveira, num capítulo sobre desigualdades de género inserido no livro *Desigualdades Sociais – Portugal e a Europa*, lançado ontem para assinalar os dez anos do Observatório das Desigualdades.

Conclusão imediata: “A participação das mulheres no mercado de trabalho, que equipara Portugal aos países europeus mais igualitários em termos de género, não se reflectiu equitativamente nas condições económicas [das portuguesas que continuam arredadas das esferas de liderança e de poder].” E as estatísticas divulgadas ontem pelo Eurostat, para todas as faixas etárias, reforçam este tese ao mostrarem que as trabalhadoras portuguesas ganham em média 82,5 cêntimos por cada euro que um homem ganha por hora. É uma diferença de 17,5 cêntimos, acima dos 16 cêntimos pagos a menos às mulheres na média europeia.

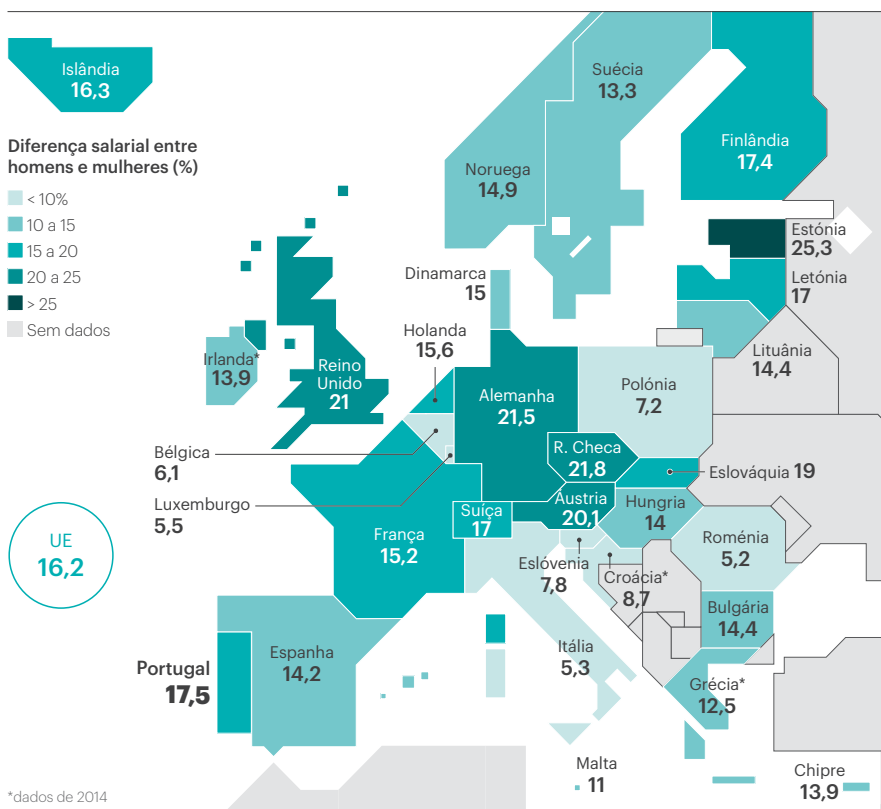
Pior: apesar de Portugal não estar entre os piores no ranking europeu do chamado “gender pay gap”, destaca-se por ter sido o país em que esta desigualdade salarial mais se

aggravou. Entre 2011 e 2016, aumentou 4,6 pontos percentuais, contra uma média europeia de desagravamento em 0,6 pontos percentuais no mesmo arco temporal.

Voltando ao estudo, as investigadoras do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Instituto Universitário de Lisboa levaram a análise das desigualdades persistentes entre homens e mulheres muito além das diferenças salariais. Começando pela escola, as investigadoras recuperam estatísticas de 2016 para lembrar que 20,4% das mulheres tinham o nível superior face a apenas 14,9% dos homens. Entre 2003 e 2015, o número de mulheres a fazer doutoramento aumentou 15%. Não surpreende assim que Portugal se destaque positivamente, ao somar uma elevada percentagem de investigadoras (44%), superior à média mundial de apenas 28,4%. Esta é uma nota positiva. A negativa é que são ainda as mulheres “quem permanece em maior número na população analfabeta, num claro efeito geracional” que remete para um passado “em que o privilégio da educação era concedido aos rapazes”. Por outro lado, insistem, “o forte aumento das habilitações das mulheres ainda não corresponde a uma melhoria equitativa das suas condições de vida, nomeadamente na esfera laboral”.

Num mercado de trabalho em que 67,4% das mulheres trabalham a tempo inteiro face a 74,2% dos homens, há assimetrias claras nas áreas vocacionais: as mulheres fazem-se representar mais nas profissões ligadas ao cuidado e ao trabalho com pessoas dependentes, como o serviço social, a educação e a saúde, os homens dominam nas áreas tecnológicas, da construção ou dos transportes, áreas com remunerações

Em 2016, as mulheres recebiam em média menos 16% que os homens na UE



As desigualdades de género também se revelam no facto de, entre os 18 métodos contraceptivos existentes, apenas um ser totalmente masculino

mais elevadas e com mais procura. Mudar esta visão dicotómica entre homens e mulheres beneficiaria ambos, segundo as investigadoras. Isto, porque estes estereótipos de género afastam os homens de profissões socialmente representadas como femininas: em 2016, não chegavam a 1% os homens a trabalhar como educadores no ensino pré-escolar.

Quanto aos tectos que impedem as mulheres de ascender a cargos de chefia, o estudo percorre alguns dos passos dados para os derrubar: em 2006 foi aprovada a lei da paridade ao nível político que ajudou a que, em 2016, as mulheres representas-

sem já 34,8% do Parlamento nacional (79 deputadas eleitas em 2016) e a que existam hoje dois entre os cinco partidos mais votados liderados por mulheres. Ainda assim, apenas 7,5% dos municípios têm uma liderança feminina. Mais recentemente, em Junho de 2017, foi aprovada a lei da paridade nos cargos de direcção para as empresas cotadas em bolsa, empresas do sector público e administração directa e indirecta do Estado.

Visíveis são também as diferenças na esfera doméstica e no uso do tempo pessoal, com diferentes estudos a concluírem que elas despendem em média o dobro do tempo dos homens na gestão da casa e no cuidado a dependentes – ou seja, “os homens não passaram a participar na esfera familiar na mesma proporção que as mulheres na esfera profissional”.

Menos óbvias são as desigualdades que se escondem por detrás da “representação estereotipada dos corpos masculinos e femininos” que contribui para naturalizar as diferenças de papéis entre homens e mulheres na forma como são construídas a sexualidade e a reprodução. “A feminização do planeamento familiar é explícita quando verificamos

que dos 18 métodos contraceptivos existentes apenas um é totalmente masculino – o preservativo”, notam Sandra Saleiro e Catarina Oliveira. E acrescentam: “O contraceptivo mais utilizado no nosso país é o de toma oral, ou seja, a pílula feminina, recaindo sobretudo sobre as mulheres a responsabilidade do planeamento familiar e sobre o seu corpo a contracepção, por vezes com consequências graves, sendo que o método mais usado não as protege contra as doenças sexualmente transmissíveis.” A própria despenalização do aborto, “marco simbólico dos direitos das mulheres”, é “igualmente reveladora das resistências à autonomia das mulheres em Portugal”, já que foi conquistado mais de 30 anos volvidos sobre o advento da democracia e Portugal foi “um dos últimos países europeus a fazê-lo”. O mesmo se poderá dizer da procriação medicamente assistida, já que até à entrada em vigor da lei, em 2016, as mulheres só eram elegíveis quando casadas ou em união de facto, o que excluía, ou empurrava para outros países, mulheres solteiras e casais de lésbicas.

natalia.faria@publico.pt



33%

A lei já aprovada na AR introduz uma quota mínima de género de 33,3% nas administrações das empresas públicas

Quotas nas empresas públicas e cotadas regulamentadas até ao fim do semestre

São José Almeida

A regulamentação da lei que introduz quotas por género nas administrações e nos órgãos de fiscalização das empresas públicas e das cotadas em bolsa deverá ficar pronta até ao final do semestre, soube o PÚBLICO através de um membro do gabinete da ministra da Presidência e da Reforma Administrativa, Maria Manuel Leitão Marques.

Em causa está a definição dos critérios de articulação de competências de fiscalização da legislação entre a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) e a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM). Esta regulamentação irá estabelecer como será feita a publicitação do registo das eventuais reparações previstas na lei para quem não a cumprir, as quais serão aplicadas pela CMVM. Definido vai ser também como será feita a recepção e monito-

rização dos planos para a igualdade impostos pela nova lei, bem como será feita a recepção da informação sobre a composição dos órgãos de administração e de fiscalização das empresas abrangidas.

De acordo com a informação recolhida pelo PÚBLICO, "um dos principais objectivos é criar as condições técnicas necessárias entre os serviços públicos competentes no sentido de simplificar o cumprimento das obrigações de reporte das entidades ao abrigo desta lei".

A lei apresentada pelo Governo e

aprovada pela Assembleia da República em Junho introduz uma quota mínima de género de 33,3% nas administrações e nos órgãos de fiscalização das empresas públicas a partir de 2018. A mesma regra aplica-se às empresas cotadas em bolsa, mas aqui o objectivo é impor uma quota mínima por género de 20% a partir de 2018 e de 33,3% a partir de 2020.

A legislação aprovada torna obrigatória a publicação nos sites da CITE e da CMVM do documento em que é feita a reparação à empresa infractora, a qual tem um prazo de 90 dias

para corrigir a situação.

A sanção monetária aplicada, que na versão inicial do Governo era compulsiva e atingia o equivalente ao total de um mês de remunerações do órgão em causa, deixou de ser compulsiva na versão final da lei negociada com o CDS. Já o valor da multa inicialmente fixo passou a ser a referência como tecto máximo, e foi criada a possibilidade de a empresa poder sempre recorrer em sua defesa.

sao.jose.almeida@publico.pt



DIA DA MULHER

A metáfora glass ceiling tem 40 anos. Com quantos mais contará a sua relevância científica, social e política?



Opinião
Sara Falcão Casaca

Em redor do 8 de Março, Dia Internacional das Mulheres, são normalmente atualizados e divulgados dados estatísticos, relatórios e estudos de alcance mais compreensivo. Os índices que procuram apreender as desigualdades entre mulheres e homens, ainda que simplifiquem uma realidade intrinsecamente multifacetada e complexa, não deixam de trazer à discussão factos inquietantes. No relatório que divulgou o índice *The Global Gender Gap - 2016*, o Fórum Económico Mundial estimava que, ao ritmo das mudanças entretanto ocorridas nos 144 países observados, a superação das assimetrias entre mulheres e homens ainda demoraria 83 anos. No domínio da participação laboral e das oportunidades económicas, a igualdade estaria a uma distância de 170 anos.

Perante tal perplexidade, alguém imaginaria um cenário mais desanimador? O relatório relativo ao ano de 2017, divulgado há poucos meses, bem pode ferir o alheamento de muitos/as. O documento dá conta de retrocessos em mais de metade

dos países, não raras vezes nas quatro dimensões analisadas: Participação e Oportunidades Económicas; Educação; Saúde e Sobrevivência; e Empoderamento Político. Afinal, a manter-se a mesma linha de evolução, tímida e vacilante, o cenário de igualdade entre mulheres e homens projetar-se ainda mais distante: serão necessários 100 anos (um século!) e ainda mais de dois séculos (217 anos) para que a paridade se concretize no plano económico. Neste domínio, em Portugal, os indicadores referentes às disparidades remuneratórias entre homens e mulheres são os que mais penalizam o desempenho do país, seguindo-se aqueles que dão conta das assimetrias na progressão profissional.

Há contextos socioeconómicos onde se esperaria que as projeções fossem mais animadoras. O *Gender Equality Index*, disponibilizado pelo European Institute for Gender Equality (EIGE), procura agregar vários indicadores e medir a igualdade entre mulheres e homens na UE28. No último relatório, a alusão a “passo de caracol” procura ilustrar o lentíssimo progresso verificado no espaço da União Europeia, ao longo dos últimos dez anos, em seis dimensões: Recursos Monetários; Conhecimento; Trabalho; Tempo; Poder; e Saúde. Tanto na Europa em geral como em Portugal, o desempenho mais sombrio regista-se na dimensão “Poder”, em particular no domínio económico.



Há quase 40 anos, no dia 24 de maio de 1978, a metáfora “*glass ceiling*” (teto de vidro) foi utilizada pela primeira vez por Marilyn Loden. Esta consultora da área da gestão procurava, assim, dar conta das barreiras invisíveis que, no contexto das empresas/ organizações, impedem as mulheres de aceder aos lugares de topo. Num evento promovido pela Women's Action Alliance (WAA), decorrido em Manhattan, várias intervenientes da academia e do universo empresarial debatiam as causas da sub-representação de mulheres nos lugares cimeiros da vida económica. Na mesa-redonda dedicada ao tema *Mirror, Mirror on the Wall*, Loden deu conta de que o diagnóstico estava parcialmente desfocado. O consenso parecia então gerar-se em torno da identificação de um *handicap* comum às mulheres, gerado essencialmente pelos efeitos da socialização e com reflexos nas menores oportunidades de carreira. Referiam-se em uníssono a limitações em termos de ambição, aspirações profissionais, autoestima e autoconfiança. Em

sintonia com os argumentos do pensamento académico neoclássico, considerava-se que, em resultado da especialização de papéis inerente às funções de produção (atribuídas aos homens) e reprodução (asseguradas pelas mulheres), a escassez de profissionais do sexo feminino nas posições cimeiras se devia à ausência de qualificações e de níveis de experiência compatíveis com as necessidades do mundo empresarial. Recentemente, em entrevista à BBC (13/12/2017), Loden recordou a necessidade de, naquele evento, desviar a tónica das “barreiras individuais”, num quadro de crescente investimento das mulheres em capital humano, para os constrangimentos culturais profundamente impregnados nas empresas. Ao longo da sua trajetória profissional e do conhecimento reunido em torno das dinâmicas e dos processos organizacionais, os condicionalismos culturais invisíveis – logo, não questionados – afiguravam-se como aqueles que mais contavam na explicação do fenómeno em debate.

Não é este o espaço para o aprofundamento da problematização teórica e dos desenvolvimentos conceptuais, metodológicos e empíricos que, no decurso destas quatro décadas, têm movido o debate científico em torno das causas das assimetrias entre mulheres e homens nos lugares de liderança e decisão na economia, na política, na ciência, na academia e nos demais domínios da vida social. Os números aqui trazidos sugerem a necessidade de mais e melhor ação no cumprimento dos objetivos estratégicos definidos a nível internacional e nacional. Ao necessário impulso reformador das políticas públicas e do quadro normativo importa associar mais determinação e voluntarismo de todos os agentes sociais relevantes. A metáfora “*glass ceiling*” conta com 40 anos. Eis a pergunta que se impõe: com quantos mais contará a sua relevância científica, social e política?

**Professora do ISEG,
Universidade de Lisboa**



Quero ser claro: isto não é um favor às mulheres. A igualdade de género é uma questão de direitos humanos



Opinião António Guterres

Estamos num momento crucial para os direitos das mulheres. As desigualdades históricas e estruturais, que permitiram que a opressão e a discriminação florescessem, estão a ser denunciadas como nunca. Da América Latina à Europa ou à Ásia, nas redes sociais, em estúdios de filmagens, em fábricas e nas ruas, as mulheres estão a pedir uma mudança duradoura e tolerância zero para ataques sexuais, assédio e discriminações de todos os tipos.

Alcançar a igualdade de género e o empoderamento das mulheres e das raparigas é um trabalho que temos de terminar e que constitui o maior desafio em matéria de direitos humanos do mundo atual.

O ativismo e a defesa de gerações de mulheres estão a dar frutos. Há mais raparigas matriculadas nas escolas do que no passado, mais mulheres têm trabalhos remunerados e exercem cargos superiores no setor privado, na academia, na política e em organizações internacionais, incluindo as Nações Unidas. A igualdade de género está consagrada em inúmeras leis, e práticas nocivas como a mutilação genital feminina e o casamento infantil passaram a ser proibidas em muitos países. No entanto, existem ainda sérios obstáculos para resolver desequilíbrios históricos de poder que servem de base para a discriminação e a exploração. Com efeito, mais de mil milhões de pessoas em todo o mundo não têm proteção legal contra a violência sexual

doméstica. A diferença salarial global (entre mulheres e homens) é de 23%, chegando a 40% nas áreas rurais, o trabalho não remunerado feito por muitas mulheres não é reconhecido. A representação das mulheres nos parlamentos nacionais é, em média, menos de 25%, e nos conselhos de administração de empresas este número é ainda mais baixo. Sem uma ação concertada, milhões de raparigas serão submetidas à mutilação genital na próxima década.

As leis existem mas são frequentemente ignoradas, e as mulheres que recorrem à justiça são postas em causa, denegridas ou demitidas. Hoje, sabemos que o assédio e o abuso sexuais têm prosperado nos locais de trabalho, nos espaços públicos, nos lares e em países que se orgulham de seu desempenho em matéria de igualdade de género. As Nações Unidas devem dar o exemplo ao mundo. Reconheço que este nem sempre tem sido o caso. Desde o início do meu mandato, no ano passado, comecei a fazer algumas mudanças na sede da ONU, nas missões de manutenção da paz e nos nossos escritórios em todo o mundo.

Acabámos de alcançar a paridade de género, pela primeira vez, na minha equipa sénior de gestão, e estou determinado a levar esta paridade a toda a organização. Estou completamente comprometido com a tolerância zero para assédio sexual e já iniciei planos para melhorar as notificações e a responsabilização. Estamos a cooperar de forma estreita com os países para prevenir e responder a casos de abuso e exploração sexuais cometidos por funcionários de missões de manutenção da paz, bem como para apoiar as vítimas.

Nós, nas Nações Unidas, apoiamos mulheres de todo



Alcançar a igualdade de género e o empoderamento das mulheres e raparigas constitui o maior desafio em matéria de direitos humanos do mundo atual

o mundo que estão a lutar para vencer as injustiças que enfrentam, sejam camponesas que sofrem com discriminação salarial, mulheres na cidade que se mobilizam para a mudança, refugiadas sob risco de exploração e abuso ou mulheres que vivem várias formas de discriminação como viúvas, mulheres indígenas, mulheres com deficiência e aquelas que não se conformam com as normas de género.

O empoderamento das mulheres está no coração da Agenda 2030 para o

Desenvolvimento Sustentável. O progresso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável significa o progresso de todas as mulheres, em todo o mundo. A iniciativa Spotlight, lançada conjuntamente com a União Europeia, vai direcionar recursos para a eliminação da violência contra mulheres e raparigas, um pré-requisito para a igualdade e o empoderamento.

Quero ser claro: isto não é um favor às mulheres. A igualdade de género é uma questão de direitos humanos, mas também de todos nós: homens e rapazes, mulheres e raparigas. A desigualdade de género e a discriminação contra as mulheres afetam-nos a todos.

Existem provas suficientes de que investir nas mulheres é o caminho mais eficaz de fazer avançar comunidades, empresas e até mesmo países. A participação das mulheres torna os acordos de paz mais fortes, as sociedades mais resilientes e as economias mais vigorosas. Onde as mulheres sofrem discriminação, encontramos, frequentemente, práticas e crenças que são prejudiciais a todos. A licença de paternidade, leis contra a violência doméstica e salários iguais são benéficos para todos.

Neste momento crucial para os direitos das mulheres, é hora de os homens ficarem ao lado das mulheres, ouvirem o que têm a dizer e aprenderem com elas. A transparência e a responsabilização são essenciais para que as mulheres alcancem o seu máximo potencial nas nossas comunidades, sociedades e economias.

Tenho orgulho de fazer parte deste movimento que, desejavelmente, continuará a ser amplificado dentro das Nações Unidas e em todo o mundo.

**Secretário-geral
das Nações Unidas**



DIA DA MULHER



RUI GAUDÊNCIO



ADRIANO MIRANDA



NUNO FERREIRA SANTOS

Um dia que não pode ser esquecido

Há várias razões para não esquecer um dia como o de hoje. Portugal foi o país da União Europeia no qual o fosso salarial entre homens e mulheres mais cresceu entre 2011 e 2016, lembrou-nos o Eurostat. Não podemos esquecer um dia como o de hoje perante a evidência da desigualdade em pleno século XXI, nestes singulares tempos de #metoo. Entre as dezenas de fotografias de mulheres do mundo, de tantas mulheres-mundo, símbolos de resistência e perseverança, força e vida, de criação mas também de sobrevivência, de novos e velhos géneros, surgem caras íntimas. Como a Luisa, irmã do Paulo Pimenta. Como as nossas mães. A dele, Manuel Roberto. A dele também, Adriano Miranda. E a minha. Foi o meu primeiro exemplo de resiliência. Entre mulheres cresci. E entre mulheres aprendi a importância de um dia que não pode ser esquecido. Que esta homenagem dos fotojornalistas do PÚBLICO sirva para perpetuar essa mensagem. **Amanda Ribeiro**



NELSON GARRIDO





DANIEL ROCHA



MANUEL ROBERTO



MANUEL ROBERTO



MANUEL ROBERTO



PAULO PIMENTA



DIA DA MULHER

“O assédio devia estar tipificado na lei como crime”

Entrevista Raquel Martins

Fátima Messias A coordenadora da comissão para a igualdade da CGTP lamenta que as alterações legislativas feitas em 2017 não tenham ido mais longe

O assédio sexual é um problema real nos locais de trabalho, mas Fátima Messias alerta que os ritmos de trabalho intensos, a precariedade ou as dificuldades de conciliação entre o emprego e vida privada ganham maior expressão entre as preocupações dos trabalhadores portugueses, em particular as mulheres.

A CGTP tem recebido mais queixas de assédio sexual no local de trabalho na sequência do movimento que se tem criado à volta do tema, em particular nos Estados Unidos? Não. Nem na central nem nos sindicatos.

Um estudo recente revela que 12,6% da população activa portuguesa já viveu ao longo da sua vida profissional uma situação de assédio sexual e que a percentagem de mulheres confrontadas com esta situação é quase o dobro da dos homens. O que justifica o reduzido número de denúncias que vos chegam?

Pode haver múltiplas razões, entre elas o preconceito e o medo. Nos locais de trabalho até podem coexistir problemas de assédio sexual com assédio psicológico, mas a pressão é tão grande, os ritmos de trabalho são tão intensos, o problema da conciliação é tão forte e a precariedade tem tantos problemas complexos que, no meio desse bolo, não é o assédio sexual que é mais sentido pelos trabalhadores. O que acontece

é que muitas situações podem começar como assédio sexual, em particular sobre mulheres e em especial vindo das chefias, e depois transformam-se em assédio moral e psicológico quando não são correspondidos.

A CGTP tem uma campanha no terreno que visa alertar para o problema do assédio psicológico. Teve efeitos positivos nos locais de trabalho?

Quando lançámos a campanha *Romper com o Assédio*, começaram a chegar-nos inúmeros *mails*, porque as pessoas começaram a identificar-se com o fenómeno de ser posto de parte, de não-ocupação efectiva do posto de trabalho, de humilhações sucessivas. Os trabalhadores pensavam que tinham tido azar na vida ou com o chefe e não identificavam o que lhes estava a acontecer como um problema que é penalizado e sancionável pela lei. A nossa campanha, que lançámos em 2015 e vai até 2019, serviu como sinal de alerta. Quando o documento surgiu nos locais de trabalho, os próprios assediadores e assediadoras – que também as há – viram-se reflectidos ao espelho. Temos o caso de um *call center* que tinha um responsável de um sector que era de tal forma opressivo que os trabalhadores, quando ele gritava ou cronometrava o trabalho, levantavam o folheto distribuído pelos sindicatos e isso teve um efeito de abanar aquele local de trabalho.

Como é que se distingue uma situação de conflito laboral de uma situação de assédio?

Temos conflitos que não são assédio, porque não têm uma dimensão de processo deliberado e é possível ultrapassá-los. O assédio é algo mais refinado, que tem um fio condutor, que visa atacar a pessoa e pôr em causa a sua relação com o local de trabalho, com consequências na sua saúde e na sua vida privada.

No ano passado entraram em vigor alterações ao Código do Trabalho e à Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas que têm como objectivo reforçar a prevenção do assédio no trabalho. Essas alterações já tiveram efeitos?

Achamos que a lei ficou muito aquém das necessidades. Há pelo menos duas matérias que precisavam de ter sido alteradas para que a lei fosse eficaz. Uma delas é o ónus da prova. Quando o assédio é motivado por factores discriminatórios, a prova compete à entidade empregadora; ora, nem todo o assédio é motivado por factores de discriminação de género, de idade... a maior parte das situações não entram nessa definição.

Por outro lado, a lei prevê a responsabilização do empregador pela reparação dos danos emergentes de doenças profissionais resultantes da prática de assédio, mas isso depende de uma regulamentação que ainda não foi feita. A lei também prevê a protecção das testemunhas, mas só enquanto decorre o processo. Acima de tudo, seria importante que os responsáveis pela prática de assédio fossem verdadeiramente penalizados. O assédio devia estar tipificado como um crime. Por enquanto, é uma contra-ordenação grave, mas devia ser mais do que isso.

A prova é muitas vezes o principal problema nos casos que chegam a tribunal?

Não chegam muitos casos a tribunal e temos de facto o problema da constituição da prova. Em algumas situações consegue-se, ou porque está em causa a violação do direito à ocupação efectiva do posto de trabalho ou porque se conseguiu constituir a prova escrita ou testemunhal de determinados comportamentos. Mas, além da prova, temos uma particularidade ingrata: é que em



“Pensa-se que já evoluímos e afinal não evoluímos nada. A mulher tem a igualdade consagrada na lei, mas não a tem no trabalho e na vida

mercado de trabalho. O que é que as coloca nessa posição?

As mulheres ganham em média menos do que os homens, são também mais abrangidas pelo salário mínimo nacional e gastam mais 1h40 por dia do que os homens no chamado trabalho não-remunerado [tarefas domésticas e familiares]. Por outro lado, as mulheres são mais vítimas de assédio e mais afectadas por doenças profissionais. Cada vez mais, no mundo do trabalho, as pessoas têm de funcionar sempre e têm de estar sempre disponíveis. E a mulher ainda é vista como alguém que tem menos disponibilidade por causa do seu papel de cuidadora dos filhos ou dos idosos. E em períodos de retrocesso social como os que vivemos nos anos da *troika* e do anterior Governo essas perspectivas vêm ao de cima com uma brutalidade enorme. Pensa-se que já evoluímos e afinal não evoluímos nada. A mulher tem a igualdade consagrada na lei, mas não a tem no trabalho e na vida.

Qual o papel da contratação colectiva na redução das desigualdades?

A contratação colectiva pode

muitos dos processos que chegam a tribunal as pessoas já saíram da empresa porque não aguentaram mais. O que nos interessa é resolver o problema sem que as pessoas sejam obrigadas a despedir-se.

As mulheres continuam a ser um dos elos mais frágeis do



MIGUEL MANSO

e deve dar resposta a isto. Responderia melhor se não estivesse bloqueada. A não-existência de contratação colectiva tem provocado efeitos devastadores nos locais de trabalho, porque as empresas passaram a disponibilizar dinheiro mais para as remunerações variáveis do que para a actualização dos salários. E

as remunerações variáveis quase sempre assentam em avaliações de desempenho que têm uma medida comum, a disponibilidade e a assiduidade. E aí a mulher sai penalizada.

Os temas da desigualdade e da conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar estão presentes na contratação colectiva?

Da parte dos sindicatos, sim. A resposta do outro lado geralmente é negativa. Estamos a preparar um clausulado de referência para confrontar o patronato com cláusulas específicas sobre a questão da igualdade. Mas o próprio patronato desvaloriza e não tem interesse nestas matérias e remete para o que está na lei. Mas cada sector é um caso e tem as suas especificidades. Temos situações de entidades patronais que não respeitam o direito de amamentação quase como se houvesse um desconhecimento do factor biológico da questão.

No ano passado, o sector do calçado deu um passo significativo na eliminação das desigualdades salariais entre homens e mulheres. Há outros sectores que também já deram passos nesse sentido?

No sector da cortiça, em 2008.

Na altura, as trabalhadoras corticeiras ganhavam menos 96 euros por mês do que os homens para trabalho de valor igual e no contrato colectivo foi feito um acordo a oito anos em que as trabalhadoras tinham, além dos aumentos salariais, uma actualização suplementar. Temos também alguns acordos de empresa no sector vidreiro, em que se fez uma majoração para ir aproximando o salário das mulheres do dos homens.

raquel.martins@publico.pt

Bloco assinala Dia da Mulher com campanha sobre assédio

O Bloco de Esquerda assinala hoje o Dia Internacional dos Direitos das Mulheres com o lançamento de uma campanha pública sobre assédio. "O assédio não é solução. É violência" será a ideia-chave presente nos outdoors que começarão a ser colocados pelas 10h, no Campo Pequeno. Será a coordenadora do Bloco, Catarina Martins, a pôr a mão na massa em frente à praça de touros lisboeta, acompanhada pela deputada Sandra Cunha. Ambas participam no lançamento dos primeiros elementos da campanha: um outdoor, um panfleto e um conjunto de autocolantes. Cheios de cor, os autocolantes serão disponibilizados em duas versões: uma com desenhos de punhos fechados e elevados, simbolizando a força feminina, e outra com uma mulher confiante, de costas voltadas para umas mãos que a tentam perseguir nos transportes públicos. O Bloco explicou ao PÚBLICO que a campanha se dirige sobretudo a jovens adolescentes e incluirá sessões públicas em escolas secundárias



para problematizar o assunto com alunos, professores e dirigentes nacionais e locais do partido. Foi este partido a levar ao Parlamento, em 2014, a possibilidade de o piropo ser punido com pena até três anos de prisão.

O PCP também assinala o Dia da Mulher, mas com um almoço com trabalhadoras da Câmara da Moita. Jerónimo de Sousa estará presente e profere a intervenção *Exercer os Direitos — Participar em Igualdade*.

Sónia Sapage



Já perdemos o medo de editar livros feministas?

A oferta de livros sobre questões de género e feminismo tem vindo a crescer nos últimos anos em Portugal. Mas o que dizer da “mania de chamar a tudo feminista”?

Aline Flor

Algo está a mudar no mercado editorial português. Nesta semana, chega às livrarias o ensaio *Querida Ijeawele - Como educar para o feminismo*, de Chimamanda Ngozi Adichie (ed. Dom Quixote). E as expectativas são altas. No último Verão, o pequeno ensaio *Todos devemos ser feministas*, da autora nigeriana, conseguiu chegar à sua segunda edição. Nas montras das livrarias era possível ver, acabadas de sair das gráficas, versões portuguesas de obras como *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher*, texto basilar na história do feminismo escrito em 1792 por Mary Wollstonecraft (ed. Antígona), e *Problemas de Género*, de Judith Butler (ed. Orfeu Negro), que na década de 1990 ajudou a mudar a forma como hoje definimos o género. Em Setembro, Inês Pedrosa lançava a Sibila, uma editora que abria o seu catálogo lançando uma colecção apenas de livros de mulheres. Sinais de que os feminismos na literatura são uma tendência?

A popularidade do pequeno ensaio feminista de Chimamanda Ngozi Adichie, lançado em 2015 com uma tiragem de 3000 exemplares, “mostra que já há um público suficientemente atento e suficientemente maduro para se interessar pelo tema”, mas Carmen Serrano, editora do grupo Leya responsável pelas publicações de Adichie em Portugal, não vê um sinal tão claro de que estamos perante “uma modificação de hábitos”. Joana Neves, do grupo Bertrand, aponta que “existe uma certa hesitação das editoras portuguesas, em geral, em publicar textos mais marcadamente feministas”. Es-

tá a organizar um livro com a plataforma Capazes, uma introdução ao feminismo, que será lançado no final do ano. Relembra que quase todas as editoras a nível internacional têm publicado livros sobre questões de género que se têm tornado *best-sellers*, mas não sabe até que ponto o mercado português já estará pronto para este tipo de livros. Mas a resistência das editoras, pelo menos, começa a quebrar-se. “Tenho notado uma proliferação, qualquer editora hoje em dia tem que ter no catálogo algum livro sobre questões de mulheres.”

Uma tendência

A nível internacional, as questões de género e temas feministas são claramente uma tendência. Carmen Serrano, da Leya, tem notado o aumento na oferta de títulos estrangeiros que recebe. Também Clara Capitão, da Penguin Random House Portugal (PRH), conta que lhe têm chegado muitos livros sobre “ser-se mulher”. E, contudo, a adesão do mercado português tem sido mais lenta, “muito menos exuberante do que em outros países”. Alguns títulos que foram *best-sellers* internacionais ainda são analisados com cautela por cá. “É revelador que ainda não se tenha publicado livros como *Viva a vagina* [de Nina Brochmann e Ellen Stokken Dahl, estudantes de medicina na Noruega], que estão a fazer furor em outros países”. Talvez por um certo conservadorismo, pondera Clara Capitão, “uma tendência para não entrar em temas muito melindrosos”.

E até que ponto o *hype* internacional – no sector livreiro como no debate sobre igualdade de género a nível internacional – influencia as escolhas dos editores? Clara Capitão

está a preparar a publicação de *Her body and other parties*, um livro de contos da norte-americana Carmen Maria Machado aclamado pela crítica internacional e que foi finalista do National Book award. Clara Capitão conta, com um sorriso, que não deixou de se questionar se estaria a escolher o livro por abordar um tema em voga ou pelo seu valor intrínseco. Convenceu-se da segunda opção. E essa é uma regra na qual insistem todos os editores ouvidos pelo PÚBLICO, num mercado reduzido como o português.

Patrícia Nunes, responsável pela série de ensaios da Orfeu Negro, onde se insere *Problemas de Género* de Judith Butler, lembra que a editora lançou esta série antes do *hype* à volta das questões de género, “porque não havia nada publicado em Portugal”. “O público português ainda começa a despertar para estas questões”. Uma colecção que pretende trazer uma perspectiva interseccional: para este ano, está previsto o lançamento de *Ain't I a Woman?*, da célebre feminista negra norte-americana bell hooks, seguindo-se obras da belga Luce Irigaray, do filósofo espanhol Paul Preciado, da académica norte-americana Donna Haraway e da investigadora indiana Gayatri Spivak nos próximos anos. Antes da académica Judith Butler, a Orfeu Negro tinha publicado também o polémico *Teoria King Kong*, texto da escritora francesa Virginie Despentes de 2006 em que esta aborda de forma feroz temas como violação ou prostituição, precisamente “para iniciar o debate”.

Também para o editor Francisco José Viegas, da Quetzal, a ousadia em trazer livros diferentes para o mercado faz parte do negócio. “O trabalho dos editores é o de lutar pelos publi-



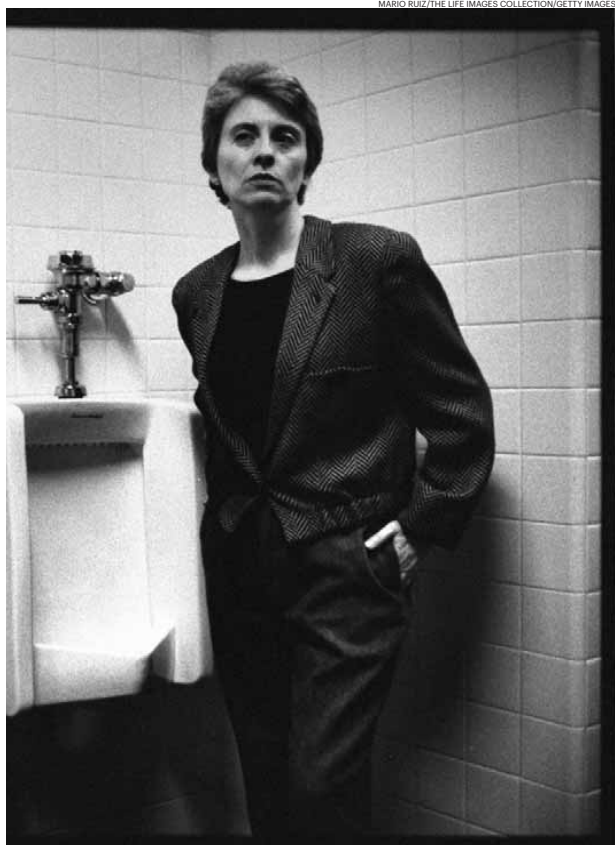
RUI GALDÊNCIO



Camille Paglia a posar junto aos urinóis de uma casa de banho masculina, nos anos 90; em baixo, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie

cos, o de fabricá-los, inventá-los”.

Em Maio, chega às livrarias portuguesas *Mulheres Livres, Homens Livres*, de Camille Paglia, também com a chancela da Quetzal, uma antologia que reúne ensaios da autora, dos mais marcantes aos mais polémicos. Francisco José Viegas rejeita o rótulo muitas vezes dado à autora de uma “feminista anti-feministas”, apontando o contributo da autora como importante precisamente por ser pouco alinhada com a opinião maioritária. “Apostamos nestes en-



saídas da Camille porque queremos que o debate seja plural”, refere.

Foi também pela Quetzal que chegou a Portugal *As coisas que os homens me explicam*, da norte-americana Rebecca Solnit, que cunhou o termo *mansplaining*, muito popular entre as feministas *online* aplicado quando um homem explica alguma coisa a uma mulher de forma condescendente. “Um livro claramente político”, explica a também editora da Quetzal Lúcia Pinho e Melo, que traz a público alguém que “opina de maneira construtiva”. A obra, contudo, não foi um fenómeno de vendas – um paradoxo, tendo em conta tratar-se de um livro feminista “fundamental” dos últimos anos, como a ele se refere Joana Neves. “Acho que isso tem que ver com o facto de os leitores portugueses, de maneira geral, não estarem muito habituados a ler ensaios, em particular se forem mais ligados à crítica cultural”, explica esta editora do grupo Bertrand.

Os clássicos feministas, por seu lado, parecem ser uma aposta segura. *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, foi reeditado pela Quetzal em 2015 e “tem vindo sempre a vender”, aponta Lúcia Pinho e Melo. Também o livro *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa

Lá fora, as questões de género e temas feministas são claramente uma tendência. Em Portugal, a adesão tem sido mais lenta

Horta e Maria Velho da Costa não viu um salto particular nos últimos anos, conta-nos Cecília Andrade, editora no grupo Leya. “Desde que nós lançámos esta nova edição revista e anotada por uma equipa dirigida por Ana Luísa Amaral, o livro tem tido sempre leitores e leitoras regulares.”

Tudo é feminista?

A existência de uma segunda edição do primeiro ensaio feminista de Chimamanda Ngozi Adichie pode ser considerado um sucesso em Portugal, mas Carmen Serrano chama a atenção para o facto de se tratar de uma autora consagrada, com vendas expressivas desde os seus primeiros contos e romances. “Acima de tudo,

a Chimamanda é uma exímia contadora de histórias”, sublinha a editora do grupo Leya. As protagonistas são mulheres, mas os problemas são universais. E podemos chamar também a estes livros feministas? “Às vezes parece que todos os livros em que a mulher é a personagem central são feministas”, ironiza Aida Suárez, fundadora da Confraria Vermelha - Livraria de Mulheres. No seu espaço na Rua dos Bragas, no Porto, a livreira oferece um catálogo de livros escritos por mulheres ou sobre mulheres.

Para a livreira, classificar um livro como feminista é uma tarefa complexa, em particular quando essa categoria lhe é atribuída pelo mercado e não pela autora ou autor. “Hoje em dia temos a mania de chamar a tudo feminista”. No caso de Chimamanda Ngozi Adichie, os romances poderiam ser catalogados como ficção feminista – “porque ela própria também aí os coloca”. Mas a livreira alerta que “catalogar um livro como algo que ele, no seu todo, não o é, é empobrecer a cultura”.

A escritora Inês Pedrosa criou no final do ano passado a Sibila Publicações, cujo nome homenageia Agustina Bessa-Luís e evoca ainda outras personagens femininas desde a mitologia greco-romana. A estreia fez-se com a colecção Mulheres de Palavra, dedicada a autoras do sexo feminino, com o lançamento de *Eu Matei Xerazade - Confissões de uma Mulher Árabe em Fúria*, de Joumana Haddad, e *Só acontece aos outros*, com reportagens da jornalista Maria Antónia Palla.

Apesar de as primeiras publicações da Sibila serem sobre questões de mulheres, a editora rejeita o rótulo de “escrita feminina”, ainda mais com um sentido pejorativo. “A nossa ideia principal foi não tanto a de publicar livros feministas, mas de dar voz às mulheres”, conta Inês Pedrosa. “Parece a mesma coisa, mas não é, porque uma das consequências do machismo é entender que as mulheres só são chamadas quando é para se falar de mulheres, nunca são ouvidas como artistas”, diz. “De menstruação fala também Herberto Helder [na sua poesia]. Mas quando o Herberto Helder fala de menstruação, não o diminuem por causa disso. A diferença é essa.”

aline.flor@publico.pt

Dos cerca de 350 documentários biográficos da RTP2, só 10% são sobre mulheres

Joana Amaral Cardoso

Dos cerca de 350 documentários biográficos feitos pela RTP2 em toda a sua história, apenas 10% são sobre mulheres. É um cenário que a sua actual directora identificou quando, em 2013/14, quando a RTP2 esteve para fechar, fez um inventário que mostrou estes resultados. “Foi uma fraqueza que se tornou uma força”, relata sobre o cenário que a estação pública está a tentar alterar, com encomendas em curso para cerca de 20 documentários sobre figuras femininas da história portuguesa, mas também sobre temas a elas ligados.

“Por cada cem documentários biográficos sobre homens há uns cinco de mulheres”, arrisca Teresa Paixão ao telefone com o PÚBLICO, sobre uma lista que reflecte, para a directora do segundo canal, não só o tardio ou limitado acesso das mulheres portuguesas a funções de destaque mas também a forma como se pensavam estes documentários. “A RTP encomendou muito menos coisas sobre mulheres durante muitos anos”, admite, no fundo desde a sua existência, há mais de 60 anos – a RTP2 cumpre este ano 50 anos. Agora, “a grande questão é ir fazendo”.

Existem documentários sobre Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner Andresen ou Maria João Pires. Foram encomendados e já transmitidos documentários sobre a artista plástica Sofia Areal ou sobre a designer de moda Ana Salazar, detalha Teresa Paixão, e estão já também encomendados – mas ainda em fase de concretização – filmes sobre a rainha Catarina de Bragança, as escritoras Natália Correia, Judite Carvalho e Maria Teresa Horta, a atleta Rosa Mota ou a pintora Aurélie de Sousa – e também sobre Cláudio Tomás,



Natália Correia é uma das autoras a revisitar pela RTP

José-Augusto França ou Rui Athouguia. Alguns deles, sobre Rosa Mota ou Natália Correia, devem ir para o ar ainda este ano.

Teresa Paixão diz ter “uma grande atenção” nas encomendas da RTP2 de documentários biográficos sobre mulheres, sobretudo desde esse levantamento, que nasceu da iminência do fim do canal, congeladas as compras de novos programas e obrigados que estavam a repetir o catálogo existente. “Houve uma percepção particular nessa matéria porque [o levantamento] foi feito por uma mulher”, lá reconhece, “e porque a sociedade também exige que exista uma paridade, uma igualdade diferente, uma nova cabeça. Porque vivo num tempo em que há muita informação sobre esta questão”.

Dois anos depois tornava-se directora do canal e direccionou, explica, “meio milhão de euros” para a encomenda de perto de 20 filmes sobre mulheres ou documentários informativos sobre temas que a elas dizem mais respeito.

jcardoso@publico.pt



MIGUEL FERASO CABRAL

Público



Dia da Mulher Portugal é o país europeu onde o fosso salarial mais se agravou

Só 15% das ruas do país
têm nomes femininos

Opinião de António Guterres
"Quero ser claro: isto não é
um favor às mulheres"

Destaque, 2 a 13 e Editorial

PS apela à intervenção do Governo no futebol

Socialistas dizem que chega
de "espectáculo". Assessor do
Benfica sai em liberdade **p19**

O que Itália nos diz sobre a crise das democracias europeias

Análise Teresa de Sousa e os
efeitos da queda dos partidos
do sistema na Europa **p34/35**

Parlamento envia ao MP factos "graves" sobre a IURD

Audição à porta fechada
revelou novos factos
sobre adopções ilegais **p20**



Adolfo Mesquita Nunes: "A função do CDS não é casar com o PS"

Entrevista "Vice" do CDS diz
que partido só tem a ganhar
se for sozinho a votos **p14/15**

Bruxelas avisa que reforma do IRS aumenta desigualdade

Portugal sobe na avaliação
da Comissão Europeia, que
pede mais reformas **p26/27**



ESTA SEXTA
O QUE FARIA COM

€50 milhões



Só se pode jogar em www.jogosanticasas.pt
Proibido jogar a menores de 18 anos | Linha Direta Jogos 808 203 377 (das 8h às 24h)
Os prémios atribuídos de valor superior a €5.000 estão sujeitos a imposto do selo à taxa legal de 20%, nos termos da legislação em vigor.



ISSN-0872-1548

"O assédio devia estar tipificado na lei como crime"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/03/2018
Melo:	Público Online	Autores:	Raquel Martins

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=59ac50f7>

8 de Março de 2018, 6:36

Fátima Messias, coordenadora da comissão para a igualdade da CGTP, lamenta que as alterações legislativas feitas no ano passado não tenham ido mais longe e defende que as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho devem resolver-se na contratação colectiva.

Fotogaleria

Fátima Messias, coordenadora da comissão para a igualdade da CGTP
Miguel Manso

Fotogaleria

Dirigente da CGTP alerta que a mulher tem a igualdade consagrada na lei, mas não no trabalho e na vida

Miguel Manso

O assédio sexual é um problema real nos locais de trabalho, mas Fátima Messias alerta que os ritmos de trabalho intensos, a precariedade ou as dificuldades de conciliação do emprego com a vida privada ganham maior expressão entre as preocupações dos trabalhadores portugueses, em particular as mulheres.

A CGTP tem recebido mais queixas de assédio sexual no local de trabalho na sequência do movimento que se tem criado à volta do tema, em particular nos Estados Unidos?

Não. Nem na central nem nos sindicatos.

Um estudo recente revela que 12,6% da população activa portuguesa já viveu ao longo da sua vida profissional uma situação de assédio sexual e que a percentagem de mulheres confrontadas com esta situação é quase o dobro da dos homens. O que justifica o reduzido número de denúncias que vos chegam?

Pode haver múltiplas razões, entre elas o preconceito e o medo. Nos locais de trabalho até podem coexistir problemas de assédio sexual com assédio psicológico, mas a pressão é tão grande, os ritmos de trabalho são tão intensos, o problema da conciliação é tão forte e a precariedade tem tantos problemas complexos que, no meio desse bolo, não é o assédio sexual que é mais sentido pelos trabalhadores. O que acontece é que muitas situações podem começar como assédio sexual, em particular sobre mulheres e em especial vindo das chefias, e depois transformam-se em assédio moral e psicológico quando não são correspondidos.

A CGTP tem uma campanha no terreno que visa alertar para o problema do assédio psicológico. Teve efeitos positivos nos locais de trabalho?

Quando lançámos a campanha "Romper com o Assédio" começaram a chegar-nos inúmeros mails, porque as pessoas começaram a identificar-se com o fenómeno de ser posto de parte, de não

ocupação efectiva do posto de trabalho, de humilhações sucessivas. Os trabalhadores pensavam que tinham tido azar na vida ou com o chefe e não identificavam o que lhes estava a acontecer como um problema que é penalizado e sancionável pela lei.

A nossa campanha, que lançámos em 2015 e vai até 2019, serviu como sinal de alerta. Quando o documento surgiu nos locais de trabalho, os próprios assediadores e assediadoras - que também as há - viram-se reflectidos ao espelho. Temos o caso de um call center que tinha um responsável de um sector que era de tal forma opressivo que os trabalhadores, quando ele gritava ou cronometrava o trabalho, levantavam o folheto distribuído pelos sindicatos e isso teve um efeito de abanar aquele local de trabalho.

Como é que se distingue uma situação de conflito laboral de uma situação de assédio?

Temos conflitos que não são assédio, porque não têm uma dimensão de processo deliberado e é possível ultrapassá-los. O assédio é algo mais refinado, que tem um fio condutor, que visa atacar a pessoa e pôr em causa a sua relação com o local de trabalho, com consequências na sua saúde e na sua vida privada.

No ano passado entraram em vigor alterações ao Código do Trabalho e à Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas que têm como objectivo reforçar a prevenção do assédio no trabalho. Essas alterações já tiveram efeitos?

Achamos que a lei ficou muito aquém das necessidades. Há pelo menos duas matérias que precisavam de ter sido alteradas para que a lei fosse eficaz. Uma delas é o ónus da prova. Quando o assédio é motivado por factores discriminatórios, a prova compete à entidade empregadora; ora, nem todo o assédio é motivado por factores de discriminação de género, de idade... a maior parte das situações não entram nessa definição.

Por outro lado, a lei prevê a responsabilização do empregador pela reparação dos danos emergentes de doenças profissionais resultantes da prática de assédio, mas isso depende de uma regulamentação que ainda não foi feita. A lei também prevê a protecção das testemunhas, mas só enquanto decorre o processo.

Acima de tudo seria importante que os responsáveis pela prática de assédio fossem verdadeiramente penalizados. O assédio devia estar tipificado como um crime. Por enquanto é uma contra-ordenação grave, mas devia ser mais do que isso.

A prova é muitas vezes o principal problema nos casos que chegam a tribunal?

Não chegam muitos casos a tribunal e temos de facto o problema da constituição da prova. Em algumas situações consegue-se, ou porque está em causa a violação do direito à ocupação efectiva do posto de trabalho ou porque se conseguiu constituir a prova escrita ou testemunhal de determinados comportamentos. Mas além da prova, temos uma particularidade ingrata: é que em muitos dos processos que chegam a tribunal as pessoas já saíram da empresa porque não aguentaram mais. O que nos interessa é resolver o problema sem que as pessoas sejam obrigadas a despedir-se.

As mulheres continuam a ser um dos elos mais frágeis do mercado de trabalho. O que é que as coloca nessa posição?

As mulheres ganham em média menos do que os homens, são também mais abrangidas pelo salário mínimo nacional e gastam mais 1h40 por dia do que os homens no chamado trabalho não remunerado [tarefas domésticas e familiares]. Por outro lado, as mulheres são mais vítimas de assédio e mais afectadas por doenças profissionais. Cada vez mais, no mundo do trabalho, as pessoas têm de funcionar sempre e têm de estar sempre disponíveis. E a mulher ainda é vista como alguém que tem menos disponibilidade por causa do seu papel de cuidadora dos filhos ou dos idosos. E em períodos de retrocesso social como os que vivemos nos anos da troika e do anterior Governo essas perspectivas vêm ao de cima com uma brutalidade enorme. Pensa-se que já evoluímos e afinal não evoluímos nada. A mulher tem a igualdade consagrada na lei, mas não a tem no trabalho e na vida.

Qual o papel da contratação colectiva na redução das desigualdades?

A contratação colectiva pode e deve dar resposta a isto. Responderia melhor se não estivesse bloqueada. A não existência de contratação colectiva tem provocado efeitos devastadores nos locais de trabalho, porque as empresas passaram a disponibilizar dinheiro mais para as remunerações variáveis do que para a actualização dos salários. E as remunerações variáveis quase sempre assentam em avaliações de desempenho que têm uma medida comum, a disponibilidade e a assiduidade. E aí a mulher sai penalizada.

Os temas da desigualdade e da conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar estão presentes na contratação colectiva?

Da parte dos sindicatos sim. A resposta do outro lado geralmente é negativa. Estamos a preparar um clausulado de referência para confrontar o patronato com cláusulas específicas sobre a questão da igualdade. Mas o próprio patronato desvaloriza e não tem interesse nestas matérias e remete para o que está na lei. Mas cada sector é um caso e tem as suas especificidades. Temos situações de entidades patronais que não respeitam o direito de amamentação quase como se houvesse um desconhecimento do factor biológico da questão.

No ano passado, o sector do calçado deu um passo significativo na eliminação das desigualdades salariais entre homens e mulheres. Há outros sectores que também já deram passos nesse sentido? No sector da cortiça, em 2008. Na altura, as trabalhadoras corticeiras ganhavam menos 96 euros por mês do que os homens para trabalho de valor igual e no contrato colectivo foi feito um acordo a oito anos em que as trabalhadoras tinham, além dos aumentos salariais, uma actualização suplementar. Temos também alguns acordos de empresa no sector vidreiro, em que se fez uma majoração para ir aproximando o salário das mulheres do dos homens.

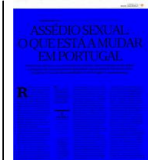
Raquel Martins



ID: 73940393

08-03-2018





COMPORTAMENTO. A NOVA LEI E AS ALTERAÇÕES DE CONDUTA NO TRABALHO

ASSÉDIO SEXUAL: O QUE ESTÁ A MUDAR EM PORTUGAL

Entrar num elevador com uma colega do trabalho, dizer um piropo ou dar boleia à estagiária são comportamentos que podem criar problemas. Em países como Brasil ou EUA já são desaconselhados. E em Portugal? Por **Ana Relvas França**

Reuniões à porta fechada, dar boleia a uma estagiária ou partilhar um elevador com uma mulher quando ela se encontra sozinha são coisas que a maioria dos homens portugueses ainda faz sem pensar que está a quebrar alguma regra de conduta da empresa ou sequer a deixar um colega desconfortável. Até porque, à partida, não há nada de errado com essas situações. Mas se esse português trabalhasse em algumas empresas nos Estados Unidos, na Suécia ou no Brasil, quando chegasse ao fim da viagem de elevador poderia ser chamado aos Recursos Humanos.

A avalanche de queixas de assédio sexual, em diferentes graus de gravidade, começou quando a imprensa norte-americana revelou o comportamento de predador de Harvey Weinstein, possivelmente o mais influente produtor de cinema de Hollywood, mas entretanto atingiu tanto os corredores da política britânica e norte-americana como as enormes torres de escritórios de algumas das maiores multinacionais do mundo, onde as janelas espelhamas não deixam ver para dentro.

Como comunicar é importante. O psicólogo Pedro Teixeira recorda que já lhe pediram conselhos quanto a enviar mensagens com *emojis* a dar beijinhos

1

em cada 6

trabalhadores portugueses já sofreu, em algum ponto da sua carreira, assédio sexual ou moral

NUMA CLÍNICA NO BRASIL É PROIBIDO CUMPRIMENTAR OS COLEGAS COM BEIJOS OU DAR ABRAÇOS

E em Portugal? Os comportamentos estão a mudar? Há uma nova lei, menos leniente com o assédio moral e sexual, em vigor desde Outubro de 2017. A mudança está a acontecer mas é ainda um embrião. A **SÁBADO** falou com os departamentos de recursos humanos de quase duas dezenas de empresas portuguesas ou com sede em Portugal, mas algumas não aceitaram ser citadas porque ainda não têm os códigos que a nova lei exige. A primeira conclusão é que, por cá, ainda não vigoram regras tão específicas como em outros países que visem reduzir ao máximo a possibilidade de o assédio acontecer. A grande maioria já tem códigos de conduta onde estes comportamentos são explicados e proibidos mas nada como, por exemplo, no Brasil.

Segundo a revista *Veja*, já há empresas a entregar novos códigos de conduta aos seus funcionários para evitarem as desculpas tipo – “eu não sabia que havia algum mal nisso”. Na rede de clínicas Dr. Consulta, um dos exemplos citados pela revista, passou a ser proibido cumprimentar os colegas com beijos ou dar abraços. Desencorajados são ainda despedidas com beijos em *emails* ou SMS.

Susana Correia de Campos, directora da Comissão de Ética da Jerónimo Martins, garante à **SÁBADO** que os mais de 100 mil colaboradores da empresa, em Portugal, na Polónia e na Colúmbia “estão bem protegidos”. Além de o código de conduta – em vigor em todos os países – contemplar há muito tempo as questões de assédio moral e sexual, Susana Correia de Campos destaca “o permanente investimento na criação de um clima de confiança entre colaboradores e entre chefias, porque se não houver confiança as pessoas sentem que não podem denunciar, e aqui o que mais valorizamos é a defesa da vítima”, diz.

Como forma de garantir que as pessoas se sentem confortáveis a expor estas situações, os colaboradores da empresa têm à sua disposição duas formas de denúncia – telefone e *email* – que garantem a confidencialidade. Há cerca de 10 anos que esta linha de atendimento existe. A formação também é essencial e é feita “em contínuo e não apenas quando surge um problema” porque a ideia “é evitar e não apenas reagir”. Nessas acções os formadores incluem “vários exemplos de

Sociedade

■ situações que podem configurar assédio, porque pode não ser suficiente explicar apenas por palavras", diz Susana Correia de Campos. Uma nova aposta do Pingo Doce neste campo é a realização de pequenos vídeos, que são depois colocados na rede de intranet disponível aos colaboradores, que ilustrem os principais pontos do código de conduta. Com periodicidade mensal, este mês o vídeo foca as questões da igualdade de género.

Mas as empresas com um grande número de colaboradores e hierarquias complexas podem assustar quem acabou de entrar e não sabe a quem se dirigir caso tenha um problema. Catarina, que trabalha num dos maiores supermercados portugueses, contou à SÁBADO uma situação desagradável. "Um colega, durante a reposição de produtos na época natalícia, mandou umas bocas um pouco estranhas por causa da posição em que eu estava a repor as coisas nas prateleiras de baixo." Catarina não quis dar pormenores, apenas que naquele turno as insinuações de cariz sexual foram "algumas". A reacção dela foi dizer-lhe: "Oh pá, olha o respeitinho." O episódio ficou por ali.

No supermercado há uma linha de apoio ao colaborador mas Catarina diz que preferia falar apenas com uma pessoa. Não se sente segura a falar com o seu chefe directo e depois com o chefe do chefe, com quem só falou uma vez. Não gosta da ideia que pode ficar se se souber que foi ela a queixar-se. "Em Portugal acho que as mulheres que se queixam destas coisas ainda são vistas como umas queixinhas, que têm a mania que são intocáveis, umas princezinhas, de nariz empinado e essas coisas. Já ouvi um dos chefes a gozar com estas questões do assédio. Não quero ser gozada entre eles, mesmo que não gozem na minha cara", diz Catarina, que não quis dar à SÁBADO o apelido.

Paredes só de bambu ou vidro

Também na IKEA as precauções não são de agora. Algumas das regras internas foram herdadas da direcção sueca e outras feitas já em

EM 45% DAS POSIÇÕES DE CHEFIA, NA IKEA, ESTÃO AS MULHERES, O QUE AJUDA A EXPLICAR PORQUE HOUE UMA QUEIXA DE ASSÉDIO EM 3 ANOS

Pré-danos

Apenas 49% das empresas norte-americanas estavam a pensar servir bebidas alcoólicas nas festas natalícias (o ano passado eram 62%) por terem medo que a embriaguez acabasse em episódios de assédio, revelou a recrutadora Challenger, Gray & Christmas

"EM PORTUGAL, AS MULHERES QUE SE QUEIXAM AINDA SÃO VISTAS COMO UMAS PRINCEZINHAS. EU NÃO QUERO SER GOZADA"

Portugal, adaptadas à cultura local. Ao entrar nas instalações reservadas aos colaboradores na sede da IKEA em Loures, é difícil entender como é que alguém pode assediar um colega sem ninguém ver.

Quase não há paredes e as que há são de bambu ou de vidro. Mesmo assim, o director de Recursos Humanos da IKEA Portugal, Cláudio Valente, não garante que não existam situações que escapam ao seu controlo e ao controlo da sua equipa de gestão de pessoal. "É impossível garantir que sabemos tudo, mas esforçamo-nos por nos mostrarmos muito abertos às queixas do pessoal e em dar seguimento rápido e digno a essas queixas", diz à SÁBADO. Para tentar pôr esta intenção em prática, desde o momento em que um colaborador entra na empresa,

seja para que nível for, a IKEA promove acções de formação onde fica sempre muito explícito que "comportamentos abusivos de qualquer espécie não serão tolerados". E esse é dos pontos principais que o director destaca. "Mais do que mera formação profissional, consideramos ser nossa responsabilidade educar os colaboradores. Explicamos porque é que é essencial respeitar os outros, em que é que esse respeito influencia a produtividade e isso faz com que haja um contágio positivo de comportamentos saudáveis. Se um colaborador fizer alguma coisa reprovável e alguém vir, é o próprio colega que o vai criticar. E se esse comportamento é malvisto pelos colegas, possivelmente não se vai repetir", diz.

A outra característica da empresa



é a estrutura. Neste momento, 45% das posições de chefia na IKEA são ocupadas por mulheres, o que pode ajudar a explicar porque é que Cláudio Valente só recebeu uma queixa de assédio em três anos de direcção. Não quer dizer que não haja mulheres a exercer uma posição de poder exagerada sobre os colaboradores masculinos ou femininos da sua equipa – mas como o assédio contra mulheres continua a ser o mais prevalente isso diminui a incidência.

Este cenário de quase paridade possibilita igualmente que as mulheres se sintam mais à vontade, tendo uma chefe mulher, para denunciar certos comportamentos e contribuir para esbater, na mente dos homens que ainda as possam ter, ideias de "sexo fraco". Afinal, a directora da

**"AS
RELAÇÕES
LABORAIS EM
PORTUGAL
SÃO
PAUTADAS
PELO MEDO.
VEMOS O
TRABALHO
COMO UMA
ESPÉCIE DE
BÊNÇÃO"**

📍 Durante a reposição de produtos, um colega mandou umas bocas estranhas por causa da posição em que Catarina estava



Nórdicas assediadas

Mais de metade já foi abordada na Europa

A Agência Europeia dos Direitos Fundamentais fez um estudo sobre o assédio sexual a mulheres europeias. Das 42 mil mulheres entrevistadas, nos 28 Estados-membros, entre **45% e 55% disseram que tinham sido alvo de importunação sexual** desde os 15 anos de idade. Só 6% admitiram denunciar esses comportamentos às chefias, apenas 4% fizeram queixas à polícia e menos de 1% chegou a pedir ajuda jurídica. Outro dado: é nos países nórdicos que mais mulheres admitem terem sido assediadas – 81% das suecas e 80% das dinamarquesas dizem já terem sofrido assédio.

IKEA Portugal é uma mulher. Helen Duphom é uma conhecida defensora da campanha #MeToo (eu também) hashtag, que tomou conta das redes sociais pouco depois de os meios de comunicação norte-americanos terem exposto o comportamento sexualmente abusivo de Weinstein. Outra forma de prevenir estes comportamentos reside na organização hierárquica da empresa. "Um colaborador da IKEA está a dois passos do topo da hierarquia e por isso quem quer denunciar um caso não tem de contar a sua história a cinco ou seis pessoas diferentes", diz Cláudio Valente.

Poucas denúncias em Portugal

O último estudo que foi feito em Portugal sobre a prevalência do assédio sexual e moral no local de trabalho, de 2015, conduzido pelo Centro Interdisciplinar para a Igualdade do Género (CIEG), mostra que 14,4% das mulheres inquiridas – e 8,6% dos homens – dizem já ter sido vítimas de assédio sexual no trabalho. No entanto, em Portugal, as queixas que chegam às autoridades não reflectem esta realidade.

Deram entrada apenas duas queixas de assédio sexual na Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) em 2017. Em 2016 não houve uma única queixa e no ano anterior apenas há uma registada.

Porque é que há tão poucas queixas? "Medo. As relações laborais em Portugal são pautadas pelo medo porque a crise ainda está no nosso subconsciente colectivo. Vemos o trabalho como uma espécie de bênção, uma coisa que não se pode perder, se parássemos para pensar no que por vezes passamos dizíamos 'chega'", refere à SÁBADO Pedro Teixeira, psicólogo especializado em problemas laborais. Mas há mais razões apontadas pelo psicólogo para que as queixas não estejam em linha com os números revelados pelo Centro Interdisciplinar de Estudos de Género – CIEG. "Em primeiro lugar, as estruturas empresariais em Portugal ainda são muito fechadas e formais, depois as direcções são maioritariamente constituídas por homens e isso aumenta a possibilidade de situações de assédio. A energia masculina é a dominante. A isto acresce que o próprio crime de assédio não é fácil de definir", diz.

Não existem muitos "crimes" no Código Penal cuja atribuição de culpa, ou mesmo a avaliação para saber se uma determinada acção configura ou não crime, esteja dependente da percepção da própria vítima. Um roubo é um roubo, tanto para quem o comete como para quem é roubado como, no geral, aos olhos da lei. O mesmo com uma violação. Já o assédio é uma pergunta com centenas de respostas diferentes, porque a sua definição depende do entendimento da vítima. "O assédio é interpretativo, e a subjectividade é parte do problema. É a pessoa que sabe se se sente incomodada ou não." É por esse motivo que Pedro Teixeira está de acordo com as modificações na lei. "É importante que se fale mais disto e como a lei obriga as empresas a terem um código de conduta e prevê mais sanções, a consciencialização está em marcha. As pessoas vão começar a pensar nos seus comportamentos, pensar 'se calhar o que tenho vindo a dizer não é

Sociedade

■ assim tão normal' ou 'isto não é visto pelas minhas colegas como uma piada'. Há desconhecimento tanto da vítima como do potencial agressor", diz Pedro Teixeira, que usa um episódio anedótico para explicar esta falta de informação. "Uma vez um colaborador de uma empresa perguntou-me se podia mandar aquele *emoji* com beijinhos que são corações."

O medo de perder o trabalho

É também à precariedade laboral que Fátima Messias, presidente da Comissão de Igualdade entre Homens e Mulheres da CGTP, aponta as armas quando o assunto é o pouco significativo número de denúncias, tanto de assédio sexual como moral. "Quando vamos às empresas falar destas questões notamos que as pessoas estão muito receptivas à informação porque estão assustadas. Contam-nos histórias de autêntica violência psicológica, coisas que não são conflitos momentâneos mas formas quase instituídas de agir. Mas não é fácil denunciar quando paira no ar uma não renovação, uma redução de horário, um despedimento mesmo", diz a responsável à SÁBADO.

Ao contrário da maioria das opiniões recolhidas, a CGTP não considera a nova versão da lei uma arma de defesa da vítima porque "não inverte o ónus da prova, que continua a recair sobre a vítima e não sobre o agressor, ou seja, a entidade laboral, excepto em casos de discriminação racial, religiosa ou de género. Como é que vamos provar que o assédio foi motivado por discriminação de género?". Para Fátima Messias, a lei é melhor que nada, mas a sua mais-valia pode mesmo ser "fazer a sociedade falar mais deste problema".

Há cerca de cinco anos que a CGTP começou a visitar várias empresas portuguesas e a falar de assédio, mas o foco tem sido o assédio moral – imposição de prazos impossíveis, carga horária exagerada, gritos e ofensas, por exemplo. "Os trabalhadores já começam a identificar os comportamentos errados de alguns superiores." Fátima conta uma história de um *call cen-*

As empresas devem ter códigos de conduta para que não haja situações de assédio

Facebook

Quando um superior hierárquico enviar um pedido de amizade no Facebook a uma funcionária quer dizer que está a quebrar a lei? O advogado Hugo Vasco de Carvalho diz que é subjectivo: "Pode ser uma antecâmara para uma situação futura de assédio"

"AS EMPRESAS AINDA SÃO MUITO FECHADAS E AS DIRECTÕES MAIORITARIAMENTE MASCULINAS E ISSO AUMENTA AS SITUAÇÕES DE ASSÉDIO"



tre de onde chegaram queixas sobre tratamento abusivo dos funcionários e, apesar de ninguém ter feito oficialmente queixa, já sabem como reagir. "Quando alguém berra com alguém, levantam os panfletos que enviamos sobre as situações que configuram assédio moral no trabalho e ficam com as mãos e os panfletos no ar até o gerente parar de berrar", conta.

A lei 73/2017, que entrou em vigor em Outubro do ano passado e reforça a legislação anterior (o Código do Trabalho contempla, desde 2003, a proibição de assédio moral e sexual), vem dar um pouco mais de força à denúncia na medida em que aumenta a protecção de vítimas e testemunhas. Por exemplo, passa a ser proibido às empresas lançarem processos disciplinares internos contra os trabalhadores como mecanismo de retaliação contra quem se queixa ou aceita testemunhar. Também passam a considerar-se abusivos os despedimentos feitos na sequência de uma denúncia de assédio, impedindo os patrões de

Quem assedia?

A maioria das vítimas está numa situação laboral precária

No caso das mulheres sexualmente assediadas verificou-se que o autor ou autora mais frequente dessas situações é o superior hierárquico ou a **chefia** directa (44,7%). Seguem-se os colegas (26,8%) e os clientes, fornecedores e utentes, responsáveis por 25,1% destes casos, afirma um estudo do Centro Interdisciplinar para a Igualdade do Género.

recorrerem a estes expedientes.

Além disso, fica agora a cargo das empresas pagarem todos os custos relacionados com os danos que essas situações, passadas num contexto laboral fora ou dentro do escritório, possam trazer à saúde de um funcionário (por exemplo, o *burnout* ou a depressão).

Mas a lei não muda tudo. "Importa



realçar antes de mais que o ónus de alegar os factos e provar a existência de assédio – seja ele moral ou sexual – recai sobre o trabalhador. Ressalvam-se, porém, as situações em que o assédio assenta igualmente numa prática de discriminação em razão de factores proibidos pela lei laboral, caso em que caberá ao trabalhador a alegação dos factos e ao empregador a demonstração de que não existiu assédio”, diz à SÁBADO Nuno Ferreira Morgado, advogado e sócio da firma de advogados PMLJ, especializado em Direito do Trabalho. A nova lei, diz o advogado, está a ter efeito pelo menos no número de queixas que chegam à PMLJ. “Podemos confirmar que está a acontecer um aumento significativo do volume de queixas por assédio no trabalho.”

Já Hugo Vasco de Carvalho, da Porto Legal Advogados, diz que o escritório tem o mesmo volume de trabalho nessa área que sempre teve mas isso não quer dizer que o tema não mereça atenção redobrada do escritório. O foco está, contudo, na prevenção e é nesse sentido que têm

aconselhado as empresas que recorrem aos seus serviços. “Considerando a delicadeza do tema, deveria ter havido um pendor muito mais acentuado na função preventiva do que na repressiva”, explica Hugo Vasco de Carvalho, que considera importante “não politizar a legislação em função dos temas da moda, no cumprimento de calendário político eleitoral” porque “a gravidade e importância do tema merecem uma reflexão mais aprofundada”.

Os limites do personal trainer

Há um número crescente de *start-ups* cheias de gente nova e alerta para as questões da igualdade e uma população cada vez mais escolarizada. Como a portuguesa Fixando, que criou uma página que agrega todo o tipos de serviços e diz ter: “Os melhores Profissionais para todos os serviços.” Tem oito colaboradores e a maioria são mulheres, explica à SÁBADO David Cordeiro, director de *marketing* digital da empresa. Como a empresa tem apenas um ano, ainda não existe um código

A LEI NÃO MUDA TUDO: “IMPORTA REALÇAR QUE O ÓNUS DE ALEGAR OS FACTOS E PROVAR A EXISTÊNCIA DE ASSÉDIO RECAI SOBRE O TRABALHADOR”

de conduta, mas há um “compromisso moral reconhecido por todos os colaboradores e este tipo de situações nunca seriam toleráveis”. Os colaboradores da Fixando “são pessoas atentas a estas questões e que se interessam e discutem-nas abertamente”, acrescenta ainda. Desde o início, diz David Cordeiro, que a empresa “tenta actuar através do exemplo” e reforça que é um compromisso moral que une toda a gente num mesmo sentido. Enquanto nas empresas é preciso ir cimentando a confiança aos poucos, tanto para que não aconteçam situações de assédio como para que todos estejam em sintonia quanto às consequências desses actos, quando se trabalha por conta própria não é menos essencial.

625

inquéritos

sobre crimes de importunação sexual, uma média de 2,3 casos por dia, nos primeiros nove meses de 2017, em Portugal

A pena de prisão para este tipo de crime pode ir até um ano ou ser pena de multa até 120 dias. Em caso de violência ou ameaça grave é punível com pena de prisão até oito anos.

Agora, com a Lei 73/2017, o assédio no trabalho passou a ser justa causa de resolução do contrato pelo trabalhador, desde que denunciado à Autoridade para as Condições do Trabalho

Pedro é *personal trainer* em Aveiro e, apesar de fazer algumas horas em vários ginásios, também disponibiliza os seus serviços a mulheres e homens que prefiram fazer exercício fora de um ginásio. “Não acredito em relações tipo militar-recruta, entre treinador e cliente, e por isso acabo sempre por desenvolver algum tipo de amizade ou proximidade com as pessoas que treino”, conta à SÁBADO. Que cuidados tem? “Obviamente que não acho que já tenha assediado alguém, mas comecei a pensar, depois de ler estas coisas sobre as relações de poder, que as pessoas estão vulneráveis quando se expõem a um PT, e que se calhar não é boa ideia manter uma relação tão próxima. Posso dizer que se não tivesse lido estas notícias, com os testemunhos das mulheres, e as razões pelas quais elas se sentem diminuídas com certos comentários, se calhar, continuava a pensar que era tudo inofensivo.” Ainda assim, Pedro considera que a maioria dos seus amigos “que mandam piropos” ou “elogiam as calças justas de uma colega no ginásio” não o fazem por acharem que as mulheres estão ali para aquilo mas porque “acham que é um elogio e que elas vão ficar contentes com a atenção”. Mas, agora, talvez pensem duas vezes antes de o fazerem. ■

Elas ganham menos 19% do que eles, mas será que sabem?

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TVI 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4d5de889>

2018-03-08T00:00:00

Em cargos de topo, diferença é ainda maior. O Dia da Mulher assinala conquistas de direitos e muita coisa melhorou ao longo dos tempos. Mas a discriminação ainda existe: ser ou poder ser mãe é uma "limitação", entre várias, que os homens pais também vão começando a sentir

19%. É quanto as mulheres ganham a menos do que os homens, em média, em Portugal, se juntarmos salário, subsídios, complementos. Ou menos 232 euros por mês, quase 2.800 anuais. Embora historicamente não constitua uma novidade que recebam menos ao final do mês, mesmo que desempenhando as mesmas funções que eles, e apesar de o fosso se ter reduzido ligeiramente, em 2016, de 19,95% para os 19,1%, uma coisa é certa: a diferença continua gritante. É como se as mulheres trabalhassem 70 dias no ano sem remuneração. Para piorar, a transparência dos salários não é uma realidade em Portugal. Como é que elas podem saber ao certo?

Todos os anos, a CGTP divulga dados com base nas estatísticas do Ministério do Trabalho. As empresas fazem chegar o seu relatório único à tutela e é a partir daí que os sindicatos que pedem os dados e chegam a estas conclusões.

No entanto, há "opacidade na informação", queixa-se a intersindical. "Os relatórios únicos são enviados com matérias tapadas ou rasuradas, mas conhecendo os locais de trabalho, estando lá, conseguimos aferir as diferenças". As empresas costumam alegar a proteção de dados individuais, se alguém for aos recursos humanos perguntar. E sim, podem fazê-lo.

Não existem tabelas salariais para homens e para mulheres. "A discriminação salarial está escondida em discriminações indiretas", explica à TVI24 a responsável pela Semana da Igualdade da CGTP, Fátima Messias. Um exemplo elucidativo:

No hipermercado, geralmente porque é que as mulheres estão na peixaria e os homens no talho? Porque é que na peixaria o salário é mais baixo e no talho mais alto? Porque as mulheres têm menos força física? Há toda uma história que tem a ver com hábitos culturais e as mulheres entram para as categorias mais mal pagas. Mas a minimização do seu trabalho, o facto de terem tarefas menos valorizadas salarialmente, faz com que sejam alvo de discriminação indireta, não progridam tanto na carreira e os salários vão ficando mais atrás"

Maternidade e disponibilidade: outro "problema"

Há essa discriminação indireta e há outras. Mais uma vez, os dados ajudam-nos a contextualizar: Entre os jovens com menos de 35 anos, 41% têm vínculos precários (auferem um vencimento 30% a 40% inferior) e a maioria são mulheres.

Mulheres que, obviamente, estão em idade fértil, mas "não sabem como é o dia de amanhã", lamenta Fátima Messias. Mulheres que trabalham ao sábado (909 mil fazem-no) e ao domingo (são, pelo menos, 524 mil). Mulheres que fazem turnos: metade dos trabalhadores em Portugal.

Nada contra, à primeira vista, até porque elas quiseram conquistar, ao longo dos tempos, um tratamento de igual para igual. O senão é que são, ainda, as mulheres que mais cuidam da casa (e esse trabalho, não pago, implica tempo - em média mais 1h40m do que os companheiros), que mais faltam ao trabalho para acompanhar os filhos ou dependentes idosos ao médico e que são penalizadas salariamente por tudo isto.

São elas porque sempre foi assim? Há a questão cultural, mas não só, sublinha a mesma sindicalista.

Se ganhar menos e tiver de faltar ao trabalho, é melhor ser ela a ter essa redução no salário, porque para o orçamento familiar, regra geral, o embate é mais baixo. Mas é ela que é penalizada. Não tem disponibilidade total, porque é mãe, porque é mulher, e sofre na pele o peso de uma função social iminente salvaguardada na constituição, que é a maternidade".

Por esta ordem de ideias, e como consequência natural, as trabalhadoras fazem menos horas extra e, também por essa via, o mealheiro é mais magro ao fim do mês.

Nos altos cargos, o cenário não melhora, piora

Precariedade, horários complicados, famílias monoparentais. Elas vão aguentando e chegam ao mercado de trabalho - as estatísticas também revelam isso - com mais qualificações do que os homens, mas com limitações que as empresas consideram que as mulheres têm e os homens não.

Não estamos a falar só de profissões mal remunerada. Nos quadros superiores, entre profissionais altamente qualificados, aí a discriminação salarial é ainda maior, de 27,9%. "A qualificação é importante, mas não veio resolver o problema ainda", constata Fátima Messias.

É exigido aos cargos de topo um grau de disponibilidade para viajar, estar ausente, trabalhar até mais tarde, que muitas vezes as mulheres não têm e os homens muitas vezes também não".

Atualmente, eles querem envolver-se cada vez mais nas lides parentais e também já sentem a pressão. "Quanto mais os homens exercem responsabilidades parentais, no setor privado há objetivos para cumprir dê lá por onde der".

Ou seja, está em causa o fator género, sim, mas também o exercício de direitos e de cidadania. Delas e, aos poucos, deles também.

Veja também:

Está grávida? Sabe em que condições pode ser despedida?

Assédio no trabalho: a sua empresa cumpre a lei?



A setubalense intrépida que lutou por direitos ainda hoje a caminho da conquista

Hoje a estátua de homenagem a Mariana Torres no bairro do Troino guarda as recordações da conserveira setubalense que lutou por melhores condições de vida.

Em 1911 deram-se em Setúbal acontecimentos que originaram a primeira greve geral em Portugal. No dia 13 de março, a Guarda Republicana matou duas operárias na Avenida Luísa Todí, na sequência da greve dos conserveiros. Mariana Torres, uma das vítimas, hoje encontra-se homenageada em estátua da autoria do escultor Jorge Pé-Curto.

"Mariana apresenta-se de olhos vendados, para dar corpo a um episódio que ficou conhecido por 'fuzilamentos de Setúbal'", conta Rui Canas, presidente da União de freguesias de Setúbal.

A estátua de Mariana 'olha' na direção da Rua Paulino de Oliveira". Este foi um poeta, escritor defensor dos direitos cívicos, esposo da feminista Ana de Castro Osório, no entanto também recordado pelo episódio em que "empunhou um chicote para fazer frente às operárias conserveiras de uma fábrica propriedade de um seu familiar, que se encontravam em greve, perdendo então toda a sua credibilidade por usar dois pesos e duas medidas".

Em época de conquistas fuzilaram oradores e direitos

O fuzilamento de Mariana Torres durante a greve-geral na indústria conserveira foi, à época um acontecimento de grande repercussão nacional, retratado na imprensa nacional e com im-

pacto nas mudanças sociais do país de norte a sul.

A 2 de fevereiro de 1991, alguns dias antes do assassinato de Mariana, o jornal O Trabalhador publicava que, "as mulheres das fábricas de conservas ganhavam 40 réis por cada hora de dia e 50 réis por cada hora de noite e exigiam 50 réis por hora indistintamente".

Um contexto em que o regime republicano ordenou reprimir os operários que tinham contribuído para a revolução de 5 de Outubro de 1910. E foi neste momento que ocorreram os 'fuzilamentos de Setúbal', como ficaram conhecidos na época. Ação que marou a ruptura entre o movimento operário e a República.

A então Comissão Executiva do Congresso Sindicalista em reação a estes acontecimentos

convocou uma reunião das associações operárias que, no dia 20 de março de 1911 proclamaram uma paralisação do trabalho por 24h00 em solidariedade com os operários de Setúbal

Mulheres continuam luta por pódio há muito merecido por direito

Em comunicado a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional (CGTP) alertou recentemente para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, "o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano". Sendo este um dos 6 temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a CGTP está a promover em todo o país.

Segundo Fátima Messias, di-

rigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, o objetivo desta semana é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras: a discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal.

Ao longo da semana serão visitados 1 017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema e onde serão feitos plenários, debates e contactos. Estão também programadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunais públicas, e quatro greves.

N.M.

**Nesta
edição
especial Dia
Internacional
da Mulher**

Desporto PÁG. 12



Granfondo e Clássica da Arrábida trazem a festa do ciclismo em dose dupla este domingo

PUB

**EU CONFIO NO MEU
ÓTICO DE FAMÍLIA.**

institutooptico

Óptica Modelo

Setúbal
Av. Rodrigues Manito, 105 B
Av. 5 de Outubro, 67 a 73
@i opticamodelo

© 2018

desde 1855

osetubalense

trissemanário
regional

QUARTA-FEIRA
07. MARÇO. 2018
N.º 602 Ano V | 4.ª Série

www.issuu.com/osetubalense Preço € 0,50 | Director João Abreu

**Protecção Civil
de Setúbal
preparada para
enfrentar mau
tempo previsto nos
próximos dias**

PÁG. 03

Cidade PÁG. 04

**Hospital de São Bernardo
reforça internos
para melhorar serviços**

A Fechar PÁG. 16

Barbeiro sadino
chega à final de
Campeonato
Nacional

Palmela PÁG. 14

**Adegas vão
brindar
amanhã
às Mulheres**

PUB

**Funerária
Armindo**

www.funeraria-armindo.com * 265 523 515 * 800 217 217 * 967 122 005

Antena Aberta: igualdade de género

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=cc222794-a699-4401-9725-7ffe6079988f&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Antena Aberta vai discutir as diferenças entre homens e mulheres na sociedade.
Declarações de Teresa Fragoso, Fátima Messias, Manuela Tavares e Sofia Branco.

CGTP inicia semana reivindicativa com tema da desigualdade salarial de género

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Delas Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c022f6f8>

Atualidade

CGTP inicia semana reivindicativa com tema da desigualdade salarial de género

05/03/2018

Array

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir desta segunda-feira, dia 5 de março.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade - Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

2018-03-05 07:44:47+00:00

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=db1ba5ef>

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade - Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

05.03.2018

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c98df45f>

05 Mar 2018

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano. Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje. Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago. Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração. Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens. No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros. A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'. Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60 mil mulheres trabalhadoras de todo o país. Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos. Serão ainda realizadas 23 acções de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves. Segundo Fátima Messias, o objectivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afectam particularmente as mulheres trabalhadoras. A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Agência Lusa

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=baedcc1e>

2018-03-05T05:43:00Z

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=34b7f628>

2018-03-05T05:43:00Z

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e52fc419>

2018-03-05 05:43

LusaHoje às 05:43, atualizado às 05:45FacebookTwitterComentar

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c12850e3>

Mon, 05 Mar 2018 07:27:00 +0100

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Porto Canal Online

URL: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/148460>

05-03-2018 05:43

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Economia Porto Canal com Lusa

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=91e7b0a1>

Lusa05 Mar, 2018, 08:48 | Economia

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade - Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

2018-03-05T08:48:14+00:00

CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=859e3e04>

País

Jose Sena Goulao

05.03.2018 08h00

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano. Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir desta segunda-feira.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração. Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros. A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade - Emprego/Direitos/Dignidade'. Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos. Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras. A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

05.03.2018 08h00

CGTP inicia semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=92ad23a1>

Economia

Jose Sena Goulao

05.03.2018 08h00

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano. Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir desta segunda-feira.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração. Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros. A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade - Emprego/Direitos/Dignidade'. Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos. Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras. A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

05.03.2018 08h00

Hoje é notícia

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2018-03-05-Hoje-e-noticia>

País

2013 - O relatório da Comissão de Inquérito às Parcerias Público-Privadas (PPP) conclui que existem "indícios de gestão danosa e de dolo" para os interesses públicos, no âmbito da concessão da Rede de Alta Velocidade Poceirão-Caia.

CARLOS SANTOS

05.03.2018 08h33

O Governo marca o arranque de três projetos ferroviários. Em Santa Maria da Feira, começa o julgamento dos quatro arguidos suspeitos de terem burlado o banco Montepio Geral em 6 milhões de euros. A CGTP inicia uma semana de luta contra a desigualdade salarial entre mulheres e homens. Em Itália, é dia de rescaldo das eleições legislativas. Angola recebe a visita do ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia. Manuel Aires Mateus recebe prémio Pessoa 2017.

Novas ligações de comboio

O Governo assinala hoje o arranque de três projetos ferroviários: a construção da ligação Évora-Elvas e a modernização do troço Elvas-Caia e da Linha da Beira Baixa.

O lançamento destes projetos coincide com problemas na Linha da Beira Alta, onde no domingo descarrilou um comboio de passageiros, acidente que manteve aquela via fechada entre Mortágua e Santa Comba Dão até esta madrugada.

Em Elvas, os chefes dos Governos português e espanhol, António Costa e Mariano Rajoy, assistem ao lançamento do concurso para a construção da ligação ferroviária entre Évora e Elvas e das obras de modernização do troço até Caia, na fronteira com Espanha.

Estará também em Elvas a comissária europeia dos Transportes, Violeta Bulk, que já destacou a importância da obra entre Elvas e Caia, que permitirá a Portugal "desenvolver a sua rede de transportes e ligar-se juntamente com Espanha ao resto da Europa".

Este troço, chamado missing link, faz parte do corredor internacional sul, que ligará o porto de Sines até à fronteira com Espanha.

Violeta Bulk seguirá depois para a Covilhã com o ministro do Planeamento e das Infraestruturas, Pedro Marques, para a cerimónia de consignação da obra de modernização da linha da Beira Baixa. A intervenção contempla a renovação integral de 36 quilómetros de via, que ligam a Covilhã e a Guarda, e a eletrificação da ferrovia, desativada desde 2009. A obra permitirá a ligação entre a Linha da Beira Alta e a Linha da Beira Baixa.

Burla no Montepio em julgamento

O Tribunal de Santa Maria da Feira começa hoje a julgar quatro arguidos suspeitos de terem burlado o banco Montepio Geral em seis milhões de euros.

Os arguidos, entre os quais um ex-gerente bancário, estão pronunciados por 58 crimes de burla, um crime de associação criminosa e um crime de branqueamento de capitais. Um dos suspeitos responde ainda por dois crimes de detenção de arma proibida.

Os factos remontam ao período entre 2009 e 2010, quando os arguidos terão levado o Montepio a conceder empréstimos a empresas e particulares que não vieram a ser pagos.

Regresso de militares portugueses da República Centro-Africana

A segunda Força Nacional Destacada na MINUSCA (Missão Integrada Multidimensional de Estabilização das Nações Unidas na República Centro-Africana- RCA), do regimento de Comandos, regressa hoje a Portugal após seis meses nas regiões de Bangui, Bocaranga e Bangassou, naquele país africano. Esta força "executou com sucesso operações contra grupos armados" naquelas regiões, visando a "proteção de civis inocentes", e evitaram "conflitos intercomunitários, restituindo a paz nestas áreas", ações "publicamente reconhecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelas autoridades locais", segundo um comunicado do Estado Maior-General das Forças Armadas (EMGFA).

A missão da ONU iniciou-se em setembro de 2014 com mandato para "proteção dos civis", "promoção e proteção dos direitos humanos", "apoio à justiça nacional e internacional" e "desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação", num contexto de crise política e de violações de direitos humanos, segundo o site do EMGFA.

Professores e investigadores em protesto

Os professores e investigadores das universidades de Lisboa e de Évora manifestam-se contra o processo de regularização dos contratos precários, que dizem estar a deixar milhares de pessoas de fora, docentes e não docentes.

Segundo Tiago Dias, do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, há muitos professores e investigadores a trabalhar em universidades e institutos politécnicos com vínculos precários, mas que não correspondem à verdadeira relação laboral que têm com as instituições. As concentrações decorrem nos claustros da Universidade de Évora e nas escadarias da reitoria da Universidade de Lisboa.

Fórum Europeu de Proteção Civil

O ministro da Administração Interna (MAI) leva ao 6.º Fórum Europeu de Proteção Civil, em Bruxelas, que arranca hoje, o "firme empenho" de Portugal na criação de um mecanismo europeu de resposta a riscos de grandes dimensões, como incêndios, inundações ou epidemias.

Segundo disse Eduardo Cabrita à Lusa, a principal prioridade da agenda europeia é uma "rápida concretização do novo mecanismo europeu de proteção civil que foi impulsionado e justificado" pelos incêndios em Portugal no ano passado, em que morreram mais de cem pessoas.

De acordo com o ministro, Portugal tem tido uma "participação muito ativa" no diálogo com a Comissão Europeia, acrescentando que irá dar nota da "profunda transformação" que o país está a desenvolver nas estruturas de proteção civil.

Criado em 2003, o Fórum reúne, de dois em dois anos, toda a comunidade europeia da área da proteção civil para a partilha de experiências e para a discussão de novas formas de cooperação entre os Estados-membros. Eduardo Cabrita intervém na terça-feira na sessão plenária, que tem como tema

"trabalhar os setores para melhorar a resiliência climática".

Semana de luta da CGTP

A CGTP inicia hoje uma semana de luta que tem na agenda a desigualdade salarial entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75% - o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje e que prevê, até sexta-feira, visitas (que incluem plenários e debates) a 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Condições de acesso ao Complemento Solidário (CSI) para Idosos

O Instituto de Segurança Social começa hoje a notificar 8.100 reformados para os informar sobre as condições de acesso ao Complemento Solidário (CSI) para Idosos, que passa a ser atribuído também a quem se reformou antecipadamente a partir de 2014.

O acesso CSI foi alargado no Orçamento do Estado para 2018 (OE2018) às reformas antecipadas de baixo valor, independentemente da idade do beneficiário.

De acordo com informação do Ministério do Trabalho e Segurança Social, o número de potenciais beneficiários foi atualizado recentemente, quando foi tomada a decisão de enviar um ofício ao universo de possíveis abrangidos, o que acontecerá ao longo desta semana.

Rescaldo das eleições italianas

Em Itália, hoje é dia de rescaldo das eleições legislativas de domingo. Quando estão contados 50% dos votos, é já seguro afirmar que a coligação de centro-direita que reúne o ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi e outros partidos da extrema-direita venceu o escrutínio.

Ministro dos Negócios Estrangeiros russo em Angola

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Serguei Lavrov, visita hoje Angola para reforço da cooperação bilateral, e vai reunir-se com o seu homólogo angolano, Manuel Augusto.

O programa contempla também uma audiência de Serguei Lavrov com o Presidente de Angola, João Lourenço e uma conferência de imprensa.

Angola e a Rússia têm relações privilegiadas desde 1976, altura em que os dois países assinaram o Tratado de Amizade e Cooperação. A cooperação bilateral abrange múltiplas áreas, que vão desde a energia, defesa e interior até à geologia e minas, ensino superior e formação de quadros, passando pelas telecomunicações e tecnologias de informação, pescas, transportes, finanças e banca.

Fecho da 25.ª jornada da I Liga

O Desportivo das Aves procura afastar-se dos lugares de despromoção da I Liga portuguesa de futebol, na receção ao Portimonense, no último encontro da 25.ª jornada.

Os avenses podem aproveitar as derrotas dos dois últimos - Estoril Praia e Paços de Ferreira - para, em caso de vitória, ficarem quatro pontos acima da 'linha de água'.

O Desportivo das Aves está a atravessar a melhor fase da temporada no campeonato, com quatro encontros consecutivos sem derrotas. Mais tranquilo, o Portimonense está seis pontos acima da zona de despromoção e venceu os dois últimos encontros como visitante.

Manuel Aires Mateus recebe prémio Pessoa 2017

O arquiteto Manuel Aires Mateus recebe hoje o prémio Pessoa 2017, tornando-se no terceiro arquiteto, depois de Souto Moura e Carrilho da Graça, distinguido com o galardão atribuído pelo Expresso e pela Caixa Geral de Depósitos.

A cerimónia vai ter lugar na Culturgest, em Lisboa, e conta com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

O júri do Prémio Pessoa 2017 foi composto por Francisco Pinto Balsemão (presidente), Emídio Rui Vilar (vice-presidente), Ana Pinho, António Barreto, Clara Ferreira Alves, Diogo Lucena, Eduardo Souto de Moura, José Luís Porfírio, Maria Manuel Mota, Maria de Sousa, Pedro Norton, Rui Magalhães Baião, Rui Vieira Nery e Viriato Soromenho-Marques.

Com Lusa

05.03.2018 08h33

CGTP inicia hoje semana de luta com desigualdade salarial de género na agenda

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6fed0fd6>

2018-03-05T05:43:00Z

A CGTP alerta para a desigualdade salarial existente entre mulheres e homens em Portugal, que em 2016 era de 15,75%, o que corresponde a mais de dois meses de trabalho não remunerado por ano.

Este é um dos seis temas que estão na base da semana de luta pela igualdade que a Intersindical promove em todo o país a partir de hoje.

Para discutir este tema, a CGTP fez uma análise, com base em dados divulgados pela PORDATA, que mostra que a desigualdade salarial entre mulheres e homens em 2016 era de 15,75%, relativamente ao salário base, o que correspondia a 69 dias de trabalho não pago.

Se a comparação fosse feita com base no ganho médio mensal, a diferença salarial era de 19,14%, o que significaria que as mulheres trabalhariam 73 dias num ano sem remuneração.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP), no distrito de Lisboa as mulheres ganham menos 22% que os homens.

No mesmo distrito, cerca de 30% das mulheres trabalhadoras por conta de outrem, recebem o salário mínimo nacional, que é de 580 euros.

A semana pela igualdade decorre até sexta-feira sob o lema 'Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade'.

Fátima Messias, dirigente da CGTP que coordena a comissão pela igualdade, disse à agência Lusa que a iniciativa deverá contar com a participação de mais de 60.000 mulheres trabalhadoras de todo o país.

Ao longo da semana serão visitados 1.017 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, onde serão feitos plenários, debates e contactos.

Serão ainda realizadas 23 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Segundo Fátima Messias, o objetivo é assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, são os temas que estão na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

Diferença salarial entre homens e mulheres

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=a9d0cc0f-a8a5-4112-9cf9-278fa224970f&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Portugal é o país da União Europeia onde a diferença salarial entre homens e mulheres mais se agravou nestes últimos anos. Por cada euro ganho por um homem, a mulher recebe apenas 82 cêntimos e meio. Os dados do Eurostat, o gabinete europeu de estatísticas, mostram que esta desigualdade se agravou entre 2011 e 2016, passou de 12,9 para 17,5%. O que é que está a falhar nesta área? A sociedade dá pouca importância a este problema? As mulheres aceitam esta desigualdade e não se queixam?

Declarações de Rosa Monteiro, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade; Rosália Amorim, diretora do "Dinheiro Vivo"; Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade entre Homens e Mulheres da CGTP; Catarina Carvalho, diretora de revistas da Global Media Group e do site Delas.pt; Joana Gíria, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego; Lina Lopes, presidente da Comissão de Mulheres da UGT; Manuela Tavares, da direção da UMAR

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Antena Minho Online

URL: <http://www.antena-minho.pt/noticias.php?n=91939>

08/03/2018 12:42

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um dia de luta setorial com greve e paralisações pela valorização do trabalho e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um sério aviso ao Governo e ao patronato de que irá recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos.

Isabel Tavares disse que os patrões não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto, sendo aquela a principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados, entre outras questões.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Antena Minho Online

URL: <http://www.antena-minho.pt/noticias.php?n=91940>

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato.

Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

"Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista.

Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou.

Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil.

"Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou.

Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento.

"O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

2018-03-08

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Destak Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=36e51ce7>

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

08 / 03 / 2018 12.23H

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=549fade6>

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis anunciou para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

08.03.2018

Dinheiro Vivo/Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=17fccf37>

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

08.03.2018

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c25eea4a>

2018-03-08 12:23

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros. Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos". Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou. Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões. A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta. O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Lusa

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=41b951ee>

2018-03-08T13:07:34Z

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato. Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. "Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista. Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou. Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil. "Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou. Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento. "O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

Lusa

Marcelo pede "oposição muito forte"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Expresso Online

URL: <http://expresso.sapo.pt/politica/2018-03-08-Marcelo-pede-oposicao-muito-forte>

António Pedro Ferreira

O Presidente da República esteve esta manhã em Alfragide para celebrar o Dia da Mulher com mais de 150 operárias têxteis. Apelou à paridade de género em matérias laborais e falou sobre a atualidade, para desaconselhar "alarmismos" no que diz respeito às obras da ponte

Expresso

Marcelo Rebelo de Sousa esteve esta quinta-feira na fábrica de têxteis do Grupo Diniz & Cruz, para celebrar o dia com "mulheres que não aparecem na televisão", e aproveitou para falar à comunicação social sobre Governo, oposição e as obras urgentes que são necessárias na ponte 25 de abril.

"Espero que as obras comecem rapidamente. Para o Governo reagir tão depressa é porque se justifica", considerou esta segunda-feira Marcelo Rebelo de Sousa, reagindo às notícias sobre a necessidade de uma intervenção na ponte 25 de Abril. Mas o Presidente da República desaconselhou "alarmismos": "Se houvesse risco de colapso, a ponte estava fechada, como é natural".

Depois da visita à fábrica de têxteis do Grupo Diniz & Cruz, o Presidente refletiu sobre as disparidades salariais no nosso país, lembrando que "aumentou o número de mulheres empregadas em Portugal", mas também "a diferença no nível salarial em relação aos homens".

António Pedro Ferreira

Para solucionar a contradição - a de que ter mais mulheres a trabalhar aumente a desigualdade salarial entre géneros - Marcelo Rebelo de Sousa afirmou ser um "defensor das quotas", mas garantiu que estas não são suficientes. "É preciso, depois, ter a garantia que, culturalmente, a sociedade acompanha essa mudança (...) que a lei passe à prática em termos económicos e sociais".

Marcelo aproveitou ainda para deixar uma mensagem ao governo, lembrando que as primeiras eleições são já daqui a um ano e que será necessária "uma área de governo muito forte e uma área de oposição muito forte", para evitar brechas por entrem "demagogos, populistas", em clara alusão às recentes eleições.

2018-03-08T15:59:49.069Z

[Additional Text]:

Expresso

Expresso

Trabalhadores têxteis, vestuário e calçado em greve no dia 23

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Guimarães Digital Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=64e7fd0f>

8 de Março, 2018 14:05

A FESETE - Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal, anunciou esta quinta-feira, em Guimarães, uma greve para o próximo dia 23.

Esta é a resposta ao bloqueio da negociação contratual. No topo das reivindicações está o aumento do salário mínimo para 600 euros, mas também um contexto de carreiras profissionais pouco dignificantes, precariedade dos vínculos laborais, aumento da exploração e doenças profissionais com predominância das tendinites e doenças psicossociais associadas ao stress laboral e ao assédio moral, referiu Isabel Tavares, Coordenadora da Direcção Nacional da FESETE.

Em conferência de imprensa o secretário geral da CGTP, Arménio Carlos, reiterou que o êxito do desempenho dos sectores têxtil, vestuário e calçado, com crescimento de exportações e, consequentemente, do volume de negócios, confirma a existência de condições para o reclamado aumento que, sublinha, tem sido aceite por muitas empresas através da negociação directa.

Arménio Carlos diz que o recurso à greve é a resposta dos trabalhadores à política de "terra queimada" da Associação dos Têxteis e Vestuário. Mas o secretário geral da CGTP sublinha que o Governo não está isento de responsabilidades e pode contribuir para desbloquear o impasse, no próximo dia 14, na Assembleia da República, aprovando a "revogação da caducidade da contratação colectiva".

Neste contexto, os trabalhadores "deixam avisos à Associação dos Têxteis e Vestuário e ao Governo" sobre a sua determinação na luta pela "humanização do trabalho e pela dignificação das profissões".

Trabalhadores têxteis e do vestuário em greve no dia 23

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Guimarães Digital Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f842fc5>

8 de Março, 2018 14:05

A FESETE - Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal, anunciou esta quinta-feira, em Guimarães, uma greve para o próximo dia 23.

Esta é a resposta ao bloqueio da negociação contratual. No topo das reivindicações está o aumento do salário mínimo para 600 euros, mas também um contexto de carreiras profissionais pouco dignificantes, precariedade dos vínculos laborais, aumento da exploração e doenças profissionais com predominância das tendinites e doenças psicossociais associadas ao stress laboral e ao assédio moral.

Em conferência de imprensa o secretário geral da CGTP, Arménio Carlos, reiterou que o êxito do desempenho dos sectores têxtil e do vestuário, com crescimento de exportações e, consequentemente, do volume de negócios, confirma a existência de condições para o reclamado aumento que, sublinha, tem sido aceite por muitas empresas através da negociação directa.

Arménio Carlos diz que o recurso à greve é a resposta dos trabalhadores à política de "terra queimada" da Associação dos Têxteis e Vestuário. Mas o secretário geral da CGTP sublinha que o Governo não está isento de responsabilidades e pode contribuir para desbloquear o impasse, no próximo dia 14, na Assembleia da República, aprovando a "revogação da caducidade da contratação colectiva".

Neste contexto, os trabalhadores "deixam avisos à Associação dos Têxteis e Vestuário e ao Governo" sobre a sua determinação na luta pela "humanização do trabalho e pela dignificação das profissões".

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Impala Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1cbc58f8>

8 Mar 2018 | 12:27

Guimarães, Braga, 08 mar (Lusa) - A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

JYCR // CSJ

By Impala News / Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d792e68a>

2018-03-08 12:23

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros. Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos". Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou. Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões. A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta. O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Lusa

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=daf9b1af>

2018-03-08T13:07:34Z

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato. Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. "Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista. Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou. Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil. "Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou. Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento. "O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d0741695>

2018-03-08 12:23

LusaHoje às 12:23, atualizado às 12:26FacebookTwitterComentar

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Lusa

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8659d033>

2018-03-08 13:07

LusaHoje às 13:07, atualizado às 13:11FacebookTwitterComentar

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato.

Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

"Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista.

Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades".

"Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou.

Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil.

"Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou.

Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento.

"O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=541a534b>

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março Jornal Económico com Lusa 12:46

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou. Continuar a ler Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

2018-03-08 12:46:28+00:00

Jornal Económico com Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Lusa Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ba887fd1>

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Guimarães, Braga, 08 mar (Lusa) - A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

O conteúdo completo está disponível apenas para Subscritores.

Entrar

08-03-2018 12:27

CGTP DEIXA AVISO AO GOVERNO EM GUIMARÃES

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Mais Guimarães Online

URL: <http://maisguimaraes.pt/cgtp-deixa-aviso-ao-governo-em-guimaraes/>

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita

Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

"Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista.

Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou.

Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil.

"Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou.

Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento.

"O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

8 março, 2018

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Minho Online (O)

URL: <https://ominho.pt/federacao-dos-sindicatos-dos-texteis-anuncia-greve/>

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou esta quinta-feira para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Thu, 08 Mar 2018 14:54:29 +0100

Redação

Federação de sindicatos dos têxteis anuncia greve para março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c13d25a3>

Thu, 08 Mar 2018 13:34:00 +0100

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Governo não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=9ba0718a>

Thu, 08 Mar 2018 14:12:03 +0100

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato.

Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

"Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista.

Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades".

"Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou.

Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil.

"Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou.

Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento.

"O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Observador Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2804fca>

8/3/2018, 13:50

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis anunciou "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou esta quinta-feira para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Agência Lusa

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de Março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Público Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=696c8f75>

8 de Março de 2018, 13:45

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de Março um "dia de luta sectorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Foto

Miguel Manso

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direcção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os sectores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do sector estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação colectiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Lusa

Têxtis em greve a 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Renascença Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=181107ad>

CGTP diz que é tempo de o Governo "demonstrar que é mesmo um governo de esquerda"

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) marcou, esta quinta-feira, uma greve no setor para dia 23 de março.

"A FESETE e os seus sindicatos vão avançar para um dia de luta sectorial com greve e paralisações no próximo dia 23 de março, pela valorização do trabalho, pela dignificação dos trabalhadores e das profissões, pelo aumento do salário mínimo para o sector de 600 euros", anunciou a sindicalista Isabel Tavares, em Guimarães.

Ao lado estava o secretário-geral da CGTP. Arménio Carlos deixou avisos aos patrões e também ao Governo: "Que tenha o bom senso de registar os acontecimentos e tomar medidas enquanto é tempo".

"E a melhor forma de o fazer é demonstrar que é mesmo um governo de esquerda, porque não se pode dizer que se é um governo de esquerda mantendo políticas que, neste caso concreto, asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", sustentou.

08 mar, 2018 - 15:56

Renascença

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de Março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c971b34a>

Lusa08 Mar, 2018, 12:32 | Economia

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de Março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

2018-03-08T12:32:55+00:00

FESETE convoca greve para 23 de Março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Rádio Fundação Online

URL: http://www.radiofundacao.net/noticias_geral.php?a=13&id=3644

FESETE convoca greve para 23 de Março

08 de Março, 2018

A FESETE e os sindicatos do sector convocaram um dia de luta sectorial com greve e paralisações para o próximo dia 23 de março.

Entre as reivindicações está a valorização do trabalho, a dignificação dos trabalhadores e das profissões e o aumento do salário mínimo nacional de 600 euros.

O anúncio foi feito esta manhã, numa conferência de imprensa que teve lugar nas instalações do SITE-Norte, em Guimarães, pela coordenadora da Direção Nacional da FESETE, Isabel Tavares.

Esta paralisação, surge, de acordo com a FESETE como um sério aviso ao Governo e ao patronato .

Também presente na sessão, o Secretário Geral da CGTP/IN apontou que é a hora de dar o salto qualitativo, e de levar a que o sector dos têxteis, vestuário e calçado deixe de ser eternamente o sector do salário mínimo nacional .

Para Arménio Carlos, este não é o momento da política de retração dos salários , mas sim da melhoria dos salários .

Um factor importante para o rendimento familiar e para o aumento do consumo , frisou o Secretário Geral da CGTP/IN.

De realçar, que a FESETE e os sindicatos filiados vão realizar esta quinta-feira, 8 de Março, em Guimarães uma concentração de dirigentes e delegados sindicais com início às 14h30 no Largo do Toural, seguida de Desfile com início às 15h00.

Os sindicatos pretendem denunciar as práticas patronais e apelar aos trabalhadores para que protestem e lutem pelo salário mínimo de 600 euros, pela humanização do trabalho e pela dignificação das suas profissões.

08 de março, 2018

Signed.pt, Signed - Design and Web

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8e858822>

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

2018-03-08

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f7fc2a5b>

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato.

Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

"Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista.

Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou.

Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil.

"Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou.

Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento.

"O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

2018-03-08

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c6f98a5f>

Economia

China Daily CDIC

08.03.2018 13h00

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

08.03.2018 13h00

Federação dos sindicatos dos têxteis anuncia greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=550f5ba0>

2018-03-08 12:23

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros. Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos". Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou. Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões. A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta. O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

Lusa

CGTP avisa Governo que não pode dizer que é de esquerda e manter medidas de direita

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7971fb89>

2018-03-08T13:07:34Z

O secretário-geral da CGTP avisou hoje o Governo que não se pode dizer que "se é de esquerda" e manter legislação laboral de direita, afirmando que o executivo será "confrontado com mais conflitualidade" caso mantenha "cumplicidade" com o patronato. Em Guimarães, numa conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal (FESETE), que anunciou uma greve setorial para dia 23 de março, Arménio Carlos apelou novamente ao Governo para que apoie favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. "Não se pode dizer que se é um Governo de esquerda mantendo políticas que asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", avisou o sindicalista. Segundo Arménio Carlos, "a legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a conceção de direita e a conceção de esquerda" e acrescentou: "Se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da 'troika', assumirá as responsabilidades". "Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade", avisou. Partindo do "exemplo claro de comportamento anti-negocial" que a FESETE acusou a Associação de Têxteis de Portugal (ATP) de estar a assumir, o líder da CGTP afirmou que o executivo liderado por António Costa deve também "retirar ilações" do impasse nas negociações no setor têxtil. "Tem aqui o exemplo claro do comportamento anti-negocial da ATP que justifica que tome medidas no sentido de no próximo dia 15 na Assembleia da República dar suporte com os votos dos deputados do PS a uma proposta que vai ser apresentada pelo PCP com vista à revogação da norma da caducidade e à reintrodução do princípio do tratamento mais favorável", apontou. Arménio Carlos fez ainda questão de voltar a insistir na necessidade de aumentar o salário mínimo nacional, argumentando que se trata de um investimento. "O aumento dos salários é sempre um investimento com retorno. É um investimento que se faz hoje sabendo de antemão que amanhã as pessoas tendo mais poder de compra vão consumir mais e as empresas vão vender mais", explicou.

Lusa

Sindicatos dos têxteis anunciam greve para 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Meio: TVI 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=304b4a97>

2018-03-08T12:39:00

Negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas". A questão mais problemática prende-se com os salários

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) anunciou hoje para 23 de março um "dia de luta setorial" com greve e paralisações pela "valorização do trabalho" e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

Em conferência de imprensa, em Guimarães, pela voz da coordenadora da direção nacional, Isabel Tavares, a FESETE, que representa também os setores dos lanifícios, vestuário, calçado e peles, deixou ainda um "sério aviso" ao Governo e ao patronato de que irá "recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos trabalhadores e ao trabalho com direitos".

Segundo explicou a sindicalista, as negociações com as associações de patronato do setor estão "bloqueadas", havendo mesmo recuos: "Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. A questão mais problemática prende-se com os salários", apontou.

Isabel Tavares disse que os patrões "não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto", sendo aquela a "principal barreira, associada à falta de condições no local de trabalho, a pressões sem contrapartida, horários desregulados", entre outras questões.

A sindicalista deu ainda conta de que a FESETE vai "hoje mesmo avançar com um compromisso de intervenção e luta", que prevê "esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, desenvolver e intensificar a luta nos locais de trabalho, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão", entre outras formas de luta.

O salário mínimo subiu no início do ano para 580 euros.

/ ALM com Lusa



TRABALHO

Taxa de desemprego pode ficar abaixo dos 8,6% em 2018

O ministro do Trabalho admitiu que a taxa de desemprego em 2018 poderá ficar abaixo dos 8,6% previstos no Orçamento do Estado, embora o ritmo de descida possa abrandar.

A taxa de desemprego poderá cair para menos do que 8,6% em 2018, admitiu esta terça-feira o ministro do Trabalho, Vieira da Silva. Em entrevista à Reuters, o governante notou que a criação de emprego está mais forte face ao que o Executivo antevia e que o crescimento da economia até pode surpreender pela positiva.

"Admito que as metas que o Governo fixou possam ser hoje consideradas algo conservadoras no que toca ao crescimento do emprego e à taxa de desemprego", disse Vieira da Silva. Confrontado directamente com a possibilidade de a taxa de desemprego deste ano ficar abaixo do previsto no Orçamento, o ministro respondeu: "É provável que sim."

O governante adiantou que há uma parte dessa melhoria do mercado de trabalho que será fruto do turismo, "mas não só", argumentou. "Se olharmos para o norte e litoral do país, há dinâmica industrial. E há as áreas de inovação. Mesmo nos sectores ditos tradicionais, como o calçado ou os têxteis, o potencial de inovação é muito grande", defendeu.

Vieira da Silva lembrou que entre 2016 e 2017 o emprego líquido cresceu "próximo dos 290 mil postos de trabalho", um aumento "muito forte, muito sólido". Mais: o crescimento de 3,4% do emprego "não acontecia no nosso país há muitos anos e não é vulgar", frisou.

O ministro argumentou que o comportamento do mercado de trabalho criaria até um "potencial de aumento da taxa de desemprego", na medida em que "há segmentos que estavam fora que regressaram ou entraram pela primeira vez". Contudo, "como a dinâmica de criação de emprego é muito forte, a taxa de desemprego vai baixando", concluiu. "Há uma expectativa positiva, não digo com estes ritmos, mas

a expectativa é a de que a taxa de desemprego continue a diminuir, porque as pessoas encontram alternativas, oportunidades", somou.

Quanto à possibilidade de também o crescimento do PIB surpreender, Vieira da Silva recordou as palavras de Mário Centeno, ministro das Finanças, sobre as perspectivas para este ano: "Sim, embora não acompanhe com tanta proximidade esses dados, mas não seria surpreendente que o crescimento económico fosse superior àquele que está previsto."

Mercado de trabalho em foco nas recomendações

A Comissão Europeia vai publicar hoje as suas recomendações para Portugal. "Em termos de desemprego, vemos tendências positivas", reconheceu Valdis Dombrovskis, em entrevista recente ao Negócios. Um dos temas na agenda é a reforma do mercado de trabalho. "O que recomendamos a Portugal é que promova a contratação nos contratos sem termo, incluindo através da revisão do enquadramento legal", sublinhou o vice-presidente da Comissão Europeia. Mas o detalhe das recomendações só será conhecido hoje. ■

MARGARIDA PEIXOTO



Admito que as metas que o Governo fixou possam ser hoje consideradas algo conservadoras.

VIEIRA DA SILVA
Ministro do Trabalho

CGTP: Sindicatos com Semana da Igualdade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 07/03/2018

Melo: Reconquista Online

URL: <http://www.reconquista.pt/articles/cgtp-sindicatos-com-semana-da-igualdade->

07/03/2018 - 19:15

A União dos Sindicatos de Castelo Branco, que pertence à CGTP, promove até sexta-feira a Semana da Igualdade, que assinala o Dia Internacional da Mulher. A iniciativa começou na segunda-feira com contactos à porta de vários locais de trabalho, envolvendo áreas como o ensino, saúde, têxteis ou comércio, entre outros. Estes contactos passaram por várias localidades do distrito. Esta quinta-feira, dia 8, acontece uma ação de rua à porta do Centro Comercial Alegro em Castelo Branco, estando ainda previstas ações junto às empresas Goucan, Dalina e Marluno. Na sexta-feira estão previstos contactos junto às empresas de Vila Velha de Rodão e o dia termina com um jantar comemorativo do Dia Internacional da Mulher, num restaurante da cidade de Castelo Branco. Segundo a organização este jantar realiza-se em igualdade com a participação de homens e mulheres.

Reconquista -

Duelo de galos têxteis pelas fábricas da Ricon

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=be2dbdab-5708-4487-a991-8732076ad68f&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Os grupos Valérius e Sonix, querem ficar com os ativos e trabalhadores da antiga Ricon. Declarações de Alfredo Castanheira, diretor de comunicação da Valérius.

Sonix quer activos da falida Ricon e já contratou 120 ex-trabalhadores

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	05/03/2018
Melo:	Negócios Online	Autores:	António Larguesa

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=5a2da1a9>

05 de março de 2018 às 11:50

O grupo têxtil de Barcelos assinou contratos com 120 antigos funcionários da Ricon e promete "fazer tudo" para comprar as instalações e as máquinas à massa insolvente, tendo já feito uma "proposta concreta" de arrendamento temporário.

O grupo Sonix está interessado na aquisição dos activos da Ricon Industrial à massa insolvente desta gigante sociedade têxtil de Vila Nova de Famalicão, que entrou em processo de falência no início de 2018 e que atirou perto de 800 trabalhadores para o desemprego.

Em declarações ao Negócios, Samuel Costa, administrador desta exportadora de Barcelos que factura 60 milhões de euros por ano e emprega directamente cerca de 400 pessoas, assume que vai "fazer tudo" para ficar com as máquinas e com o pavilhão industrial localizado na freguesia de Ribeirão, onde quer manter o fabrico de calças e blazers.

Continuar a ler

Na passada quinta-feira, 1 de Março, já formalizou inclusive junto do Tribunal e do administrador de insolvência, Pedro Pidwell, uma "proposta concreta" de arrendamento temporário das instalações e dos activos da Ricon Industrial, que era a casa-mãe do grupo liderado por Pedro Silva, "assegurando o seu bom funcionamento e conservação, assim como a segurança do edifício".

Sem detalhar os valores propostos para o arrendamento, que insiste ser "uma medida temporária para salvaguardar os postos de trabalho e as boas condições dos materiais, que se podem estragar se estiverem parados", o empresário sublinha que "este projecto irá permitir a diversificação da actividade têxtil e a oferta de um portefólio mais alargado de produtos, assim como alavancar uma nova área de negócio que há muito [pretendia] retomar" na área dos tecidos.

Queremos entrar o quanto antes nas instalações da Ricon, com as nossas equipas, com as pessoas que já contratámos. Samuel Costa, administrador do Grupo Sonix

É que quase todos os grandes clientes internacionais a quem já vende produtos de malha - como o grupo PVH, que detém marcas como a Calvin Klein ou a Tommy Hilfiger - também têm a "necessidade transversal" de comprar artigos em tecido. E muitos acabavam por pedir à empresa têxtil barcelense, iniciada há 34 anos por Conceição Dias, para lhes indicar outros possíveis fornecedores portugueses nesta categoria.

Detendo actualmente as unidades industriais Sonix (tinturaria e produto acabado), DiasTêxtil (confeção produto acabado) e Modelmalhas (tecelagem), instaladas no concelho de Barcelos, este grupo que apresenta uma estrutura de produção vertical já tinha tentado arrancar há três anos com um projecto na área de tecidos, num modelo de subcontratação. Porém, precisamente por falta de capacidade de produção própria, acabou por suspendê-lo após fazer as primeiras entregas.

"Queríamos controlar o processo produtivo, tal como fazemos nas restantes áreas de actuação, para

garantir os níveis de serviço a que habituámos os nossos clientes. (...) Com o surgimento desta infeliz notícia [da falência da Ricon] vimos uma oportunidade para retomar o nosso projecto de tecidos", concretiza Samuel Costa.

Assegurado o "coração" produtivo

Com o objectivo de arrancar de imediato com este novo projecto no município vizinho, o grupo Sonix antecipou-se à concorrência e, também no final da semana passada, assinou contratos de trabalho com 120 funcionários que tinham sido despedidos do grupo Ricon. E que são encarados como uma espécie de garantia, pois este lote de contratações "assegura desde já o 'coração' da empresa [em termos produtivos], chefias e respectivas equipas".

"Foi muito gratificante vermos a motivação e adesão em massa das pessoas ao nosso projecto, que irá permitir potenciar qualificações e manter vivo o 'know-how' destes colaboradores num sector com escassez de mão-de-obra especializada. Tudo faremos para recolocar estas pessoas nos seus antigos postos de trabalho e queremos que voltem o mais breve possível", resume o gestor, que há um ano falou sobre o negócio das malhas no programa "Campeões Nacionais", emitido pelo Porto Canal.

Questionado sobre as condições remuneratórias oferecidas a este grupo de trabalhadores, Samuel Costa responde apenas que foram rubricados contratos de trabalho com os mesmos pressupostos salariais praticados nas restantes empresas do grupo Sonix, assegurando que este pacote compensatório é superior ao que esses trabalhadores recebiam antes na Ricon, que era um dos maiores empregadores têxteis do Vale do Ave.

Na sequência da falência das várias empresas do universo Ricon, que se apresentaram à insolvência em Dezembro de 2017 com dívidas superiores a 33 milhões de euros, o director-geral da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP) tinha dado ao Negócios a "certeza absoluta que uma boa parte, se não for a esmagadora maioria [dos trabalhadores], vai encontrar rapidamente emprego". "Mesmo ali à volta há um conjunto de empresas que estão a precisar de costureiras e de outros profissionais com competências muito semelhantes", concretizou.

Enquanto aguarda por uma resposta do administrador de insolvência à proposta de arrendamento temporário - "queremos entrar o quanto antes nas instalações, com as nossas equipas, com as pessoas que já contratámos", frisa -, Samuel Costa promete que esta foi apenas a primeira fase de contratação para a nova unidade do grupo, esperando "num curto prazo estar em condições de alargar este quadro de colaboradores".

Têxtil e vestuário bateu recorde de exportações em 2017

A indústria portuguesa de têxtil e vestuário aumentou 4% as exportações em 2017, para um total de 5.237 milhões de euros, quebrando o anterior recorde absoluto de vendas no estrangeiro (5.073 mil milhões), que tinha sido fixado em 2001. Espanha manteve a liderança do ranking dos melhores mercados externos, valendo 34% do total, embora tenha baixado ligeiramente (-0,6% ou dez milhões de euros) as compras a Portugal. França e Alemanha, que completam o pódio, reforçaram as suas posições relativas, registando agora quotas de 12% e 9%, respectivamente. Em termos sectoriais, o maior contributo para este oitavo aumento anual consecutivo foi dado pelas matérias têxteis, que cresceram 10% face ao período homólogo, enquanto as exportações de vestuário e de têxteis-lar registaram subidas de 3% e 1%, respectivamente. O saldo da balança comercial neste sector em que as empresas estão sobretudo concentradas nos distritos de Braga e do Porto - valem em conjunto mais de 80% da facturação - ascendeu a 1.098 milhões de euros, com uma taxa de cobertura de 127%.

António Larguesa

Sonix quer activos da falida Ricon e já contratou 120 ex-trabalhadores

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 05/03/2018

Melo: Sábado Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8d6975f5>

O grupo têxtil de Barcelos assinou contratos com 120 antigos funcionários da Ricon e promete "fazer tudo" para comprar as instalações e as máquinas à massa insolvente, tendo já feito uma "proposta concreta" de arrendamento temporário

Por António Larguesa - Jornal de Negócios

O grupo Sonix está interessado na aquisição dos activos da Ricon Industrial à massa insolvente desta gigante sociedade têxtil de Vila Nova de Famalicão, que entrou em processo de falência no início de 2018 e que atirou perto de 800 trabalhadores para o desemprego.

Em declarações ao Negócios, Samuel Costa, administrador desta exportadora de Barcelos que factura 60 milhões de euros por ano e emprega directamente cerca de 400 pessoas, assume que vai "fazer tudo" para ficar com as máquinas e com o pavilhão industrial localizado na freguesia de Ribeirão, onde quer manter o fabrico de calças e blazers.

Na passada quinta-feira, 1 de Março, já formalizou inclusive junto do Tribunal e do administrador de insolvência, Pedro Pidwell, uma "proposta concreta" de arrendamento temporário das instalações e dos activos da Ricon Industrial, que era a casa-mãe do grupo liderado por Pedro Silva, "assegurando o seu bom funcionamento e conservação, assim como a segurança do edifício".

Sem detalhar os valores propostos para o arrendamento, que insiste ser "uma medida temporária para salvaguardar os postos de trabalho e as boas condições dos materiais, que se podem estragar se estiverem parados", o empresário sublinha que "este projecto irá permitir a diversificação da actividade têxtil e a oferta de um portefólio mais alargado de produtos, assim como alavancar uma nova área de negócio que há muito [pretendia] retomar" na área dos tecidos.

Queremos entrar o quanto antes nas instalações da Ricon, com as nossas equipas, com as pessoas que já contratámos. Samuel Costa, administrador do Grupo Sonix É que quase todos os grandes clientes internacionais a quem já vende produtos de malha - como o grupo PBH, que detém marcas como a Calvin Klein ou a Tommy Hilfiger - também têm a "necessidade transversal" de comprar artigos em tecido. E muitos acabavam por pedir à empresa têxtil barcelense, iniciada há 34 anos por Conceição Dias, para lhes indicar outros possíveis fornecedores portugueses nesta categoria.

Detendo actualmente as unidades industriais Sonix (tinturaria e produto acabado), DiasTêxtil (confeccção) e Modelmalhas (tecelagem), instaladas no concelho de Barcelos, este grupo que apresenta uma estrutura de produção vertical já tinha tentado arrancar há três anos com um projecto na área de tecidos, num modelo de subcontratação. Porém, precisamente por falta de capacidade de produção própria, acabou por suspendê-lo após fazer as primeiras entregas.

"Queríamos controlar o processo produtivo, tal como fazemos nas restantes áreas de actuação, para garantir os níveis de serviço a que habituámos os nossos clientes. (...) Com o surgimento desta infeliz notícia [da falência da Ricon] vimos uma oportunidade para retomar o nosso projecto de tecidos", concretiza Samuel Costa.

Assegurado o "coração" produtivo

Com o objectivo de arrancar de imediato com este novo projecto no município vizinho, o grupo Sonix antecipou-se à concorrência e, também no final da semana passada, assinou contratos de trabalho com 120 funcionários que tinham sido despedidos do grupo Ricon. E que são encarados como uma espécie de garantia, pois este lote de contratações "assegura desde já o 'coração' da empresa [em termos produtivos], chefias e respectivas equipas".

"Foi muito gratificante vermos a motivação e adesão em massa das pessoas ao nosso projecto, que irá permitir potenciar qualificações e manter vivo o 'know-how' destes colaboradores num sector com escassez de mão-de-obra especializada. Tudo faremos para recolocar estas pessoas nos seus antigos postos de trabalho e queremos que voltem o mais breve possível", resume o gestor.

Questionado sobre as condições remuneratórias oferecidas a este grupo de trabalhadores, Samuel Costa responde apenas que foram rubricados contratos de trabalho com os mesmos pressupostos salariais praticados nas restantes empresas do grupo Sonix, assegurando que este pacote compensatório é superior ao que esses trabalhadores recebiam antes na Ricon, que era um dos maiores empregadores têxteis do Vale do Ave.

Na sequência da falência das várias empresas do universo Ricon, que se apresentaram à insolvência em Dezembro de 2017 com dívidas superiores a 33 milhões de euros, o director-geral da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP) tinha dado ao Negócios a "certeza absoluta que uma boa parte, se não for a esmagadora maioria [dos trabalhadores], vai encontrar rapidamente emprego". "Mesmo ali à volta há um conjunto de empresas que estão a precisar de costureiras e de outros profissionais com competências muito semelhantes", concretizou.

Enquanto aguarda por uma resposta do administrador de insolvência à proposta de arrendamento temporário - "queremos entrar o quanto antes nas instalações, com as nossas equipas, com as pessoas que já contratámos", frisa -, Samuel Costa promete que esta foi apenas a primeira fase de contratação para a nova unidade do grupo, esperando "num curto prazo estar em condições de alargar este quadro de colaboradores".

Têxtil e vestuário bateu recorde de exportações em 2017

A indústria portuguesa de têxtil e vestuário aumentou 4% as exportações em 2017, para um total de 5.237 milhões de euros, quebrando o anterior recorde absoluto de vendas no estrangeiro (5.073 mil milhões), que tinha sido fixado em 2001. Espanha manteve a liderança do ranking dos melhores mercados externos, valendo 34% do total, embora tenha baixado ligeiramente (-0,6% ou dez milhões de euros) as compras a Portugal. França e Alemanha, que completam o pódio, reforçaram as suas posições relativas, registando agora quotas de 12% e 9%, respectivamente. Em termos sectoriais, o maior contributo para este oitavo aumento anual consecutivo foi dado pelas matérias têxteis, que cresceram 10% face ao período homólogo, enquanto as exportações de vestuário e de têxteis-lar registaram subidas de 3% e 1%, respectivamente. O saldo da balança comercial neste sector em que as empresas estão sobretudo concentradas nos distritos de Braga e do Porto - valem em conjunto mais de 80% da facturação - ascendeu a 1.098 milhões de euros, com uma taxa de cobertura de 127%.

11:50

Negócios

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=42f2f58f>

Trabalhadores reclamam um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

08.03.2018

Dinheiro Vivo/Lusa

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4905e960>

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do

assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

08.03.2018

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6ec5a5df>

2018-03-08T11:05:00Z

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de

géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Lusa

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c88df558>

2018-03-08T11:05:00Z

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de

géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Lusa

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=222353c>

2018-03-08 11:05

LusaHoje às 11:05, atualizado às 11:07FacebookTwitterComentar

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Lusa

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Mirante Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=de10cebd>

Foto O MIRANTE

Está previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Os trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumprem esta quinta-feira, 8 de Março, uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior, se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12h00 às 24h00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

A empresa remeteu uma reacção para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o sector e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o sector continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 acções agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Mais Artigos

Economia | 08-03-2018 13:24 Foto do Dia | 08-03-2018

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Público Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3958cbbe>

8 de Março de 2018, 11:40

Em causa estão aumento salarial de 50 euros, integração da hora do almoço no horário de trabalho, atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, redução dos vínculos de trabalho precários.

Foto

Fábrica da Nobre em Rio Maior
Tiago Machado

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumprem hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior, no distrito de Santarém, se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12h às 24h, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Morais.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reacção para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos

esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o sector e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o sector continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 acções agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Lusa

Trabalhadores das Carnes Nobre protestam hoje em Rio Maior por aumentos salariais

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=5132a144>

2018-03-08T11:05:00Z

Trabalhadores da Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpre hoje uma paralisação e manifestam-se em frente às instalações da empresa para reivindicarem um aumento salarial de 50 euros e a integração da hora do almoço no horário de trabalho.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos de Portugal (SINTAB) afirma que a greve e a concentração agendada para a tarde de hoje em frente à Academia Nobre, seguida de deslocação até à Câmara de Rio Maior (distrito de Santarém), se devem ao facto de os trabalhadores não serem aumentados "há vários anos".

Segundo o SINTAB, foi apresentado um pré-aviso de greve para o período das 12:00 às 24:00, "de forma a permitir a participação dos trabalhadores na iniciativa acordada em plenário", estando previsto um encontro com a presidente da Câmara de Rio Maior, Isaura Moraes.

Numa nota, a União dos Sindicatos de Santarém (CGTP-IN) afirma que este encontro vai "no sentido dessa entidade agir de forma a influenciar o Grupo Campo Frio a ter emprego de qualidade no concelho".

"Esta tomada de posição por parte dos trabalhadores e do sindicato que convocou o protesto, visa denunciar algumas das situações pouco dignas que se vivenciam no quotidiano dos trabalhadores daquela empresa", refere a nota.

A USS afirma que os trabalhadores reivindicam "melhores salários, o cumprimento da lei no que diz respeito aos horários de trabalho e atribuição de horas de amamentação a trabalhadoras lactantes, a redução dos vínculos de trabalho precários".

Contactada pela Lusa, a empresa remeteu uma reação para a Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), de que a Nobre Alimentação é associada.

Numa "nota de esclarecimento", a APIC declara que, nos últimos anos, têm sido desenvolvidos esforços para a existência de tabelas salariais "que permitam um nivelamento salarial devidamente ajustado às funções".

Afirmando defender o diálogo social, a APIC apela ao "sentido de responsabilidade dos sindicatos para que neste processo sejam encontradas as soluções mais adequadas para o setor e para os seus trabalhadores", sublinhando ser sua missão "assegurar a competitividade necessária para que o setor continue a crescer dentro e fora do país".

"Os associados da APIC empregam cerca de 6.600 trabalhadores e mantêm o seu forte compromisso com a valorização da dignificação de todos os seus colaboradores", acrescenta.

O protesto dos trabalhadores das Carnes Nobre insere-se na "semana de luta pela igualdade de

géneros", promovida pela CGTP-IN, sendo uma das 17 ações agendadas para hoje em vários pontos do país com o tema da discriminação salarial, da precariedade laboral, das doenças profissionais, do assédio, da maternidade e paternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal a servir de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas.

Lusa

Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 06/03/2018

Melo: Rádio Nova Antena Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=43c349>

Évora realiza as comemorações do Dia Internacional da Mulher nos dias 8, 10 e 11 março com um conjunto de iniciativas diversificadas, onde se destacam um debate sobre direitos e uma manifestação em Lisboa.

Sob o lema "Espaços de Igualdade: Oficinas de Encontro" é inaugurada uma mostra de trabalhos da oficina de costura no dia 3 de Março, às 17 horas, no Auditório da Junta de Freguesia do Bacelo. Pelas 17:30 horas, tem lugar a apresentação do Grupo de Teatro com Memória. A organização de ambos os eventos é da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

A exposição "Mulher - De onde viemos onde queremos chegar" é inaugurada no dia 7 de Março, às 18 horas, na sede da Junta de Freguesia da Malagueira. Esta mostra é da responsabilidade da União de Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras e do Movimento Democrático das Mulheres (MDM).

Uma sessão evocativa sobre "A luta e os Direitos das Mulheres", com a participação de Deolinda Machado (Secretariado do Conselho Nacional da CGTP-IN) e Carmem Almeida que apresentará a comunicação "100 anos depois, uma reflexão - As mulheres e a 1ª Guerra Mundial", tem lugar no dia 8, a partir das 14:00 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Évora. Será moderada pela Vereadora da Câmara Municipal de Évora, Sara Fernandes e é organizada pela Comissão Sindical do STAL da Câmara Municipal de Évora. As inscrições para orador/a devem ser feitas para o email gapv.divulgacao@mail.evora.net ou 266 777 000 - Helena Lacerda ou Sofia Sousa).

Nesse dia, decorre também um lanche convívio com a com a actuação das Cantadeiras da ARPIFSS, a partir das 15 horas, na sede da ARPIFSS (Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia da Senhora da Saúde. Esta iniciativa é organizada pela ARPIFSS, com o apoio da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

Ainda no dia 8, é também inaugurada a exposição de cartazes "De pleno direito e à luz da igualdade", com a actuação do Grupo Vozes do Imaginário, pelas 16 horas, na Igreja de São Vicente. O evento é dinamizado pelo MDM e Colecção B. O "Cordão humano - a luta e os direitos da mulher" organizado pela CGTP/STAL será feito a partir das 17:30 horas, no Largo Luís de Camões e, às 18 horas, realiza-se uma Serenata à Mulher, a cargo da Associação Académica da Universidade de Évora.

Uma manifestação nacional decorre no dia 10 de Março, a partir das 14:30 horas, em Lisboa, subordinada ao tema "A voz das mulheres pela igualdade| direitos|desenvolvimento|paz". Haverá transporte a partir de Évora e as inscrições devem ser feitas para mdmevora@hotmail.com ou 967 840 360.

Esta manifestação visa dar voz às mulheres, à sua luta contra as desigualdades, discriminações e violências que marcam o seu quotidiano e contra as situações de desrespeito pelos seus direitos; afirmar o valor da participação das mulheres em igualdade em todas as esferas da vida - no plano familiar, laboral, social, político, cultural e desportivo; e dar visibilidade à força da luta das mulheres pelo exercício dos seus direitos específicos, condição necessária à concretização de uma verdadeira política de igualdade, de justiça e de desenvolvimento do país.

O dia 11 de março será marcado por um circuito desportivo que engloba caminhada, mega aula de zumba e de hidroginástica, entre as 9.30 e as 13 horas, nas Piscinas Municipais. As inscrições devem ser feitas para o email mariapeleve@cm-evora.pt ou 266 777 186 - Maria Pé-Leve. Este evento é promovido pela Câmara de Évora.

06/03/2018

Editor



O mês de todas as greves e protestos

Sindicatos concentram ações de luta. Próxima semana é decisiva para função pública que quer respostas até ao verão

Comece a assinalar no calendário: a partir do próximo dia 13, professores, médicos, enfermeiros vão começar a entrar em greve. Há ainda manifestações e protestos marcados. Março será o mês que inverte as estatísticas da paz social em Portugal. A ordem para "reforçar a luta" foi dada. Até ao verão, a CGTP quer ver alteradas normas do código laboral e fazer valer, na Administração Pública, as reversões acordadas com o Governo. Recuperação das carreiras dos funcionários públicos e entradas nos quadros estão no topo da lista de exigências.

Na próxima semana, as reuniões que decorrem nos sectores da Saúde e da Educação serão decisivas para

determinar se haverá, ou não, paralisações nos maiores empregadores do Estado (mais de 170 mil trabalhadores na Educação e perto de 50 mil na Saúde). As ameaças de greve são das maiores registadas no país, com a probabilidade de três dias de paralisação seguida (no caso dos médicos) e de uma semana, para os docentes. Caso falhem as tentativas de conciliação com o Governo, serão os professores reunidos numa plataforma que junta 10 organizações sindicais a avançar para a luta, no próximo dia 13. Logo no dia seguinte, a CGTP reunirá os seus dirigentes sindicais num protesto frente ao Parlamento para reclamar mudanças no Código de Trabalho e, logo a 16, a plataforma de sindicatos da Administração Pública organiza uma manifestação nacional em Lisboa. Os enfermeiros apresentaram um pré-aviso para os dias 22 e 23 de março e os médicos pro-

metem uma greve de três dias no final do mês. Sem ainda data oficial.

BE e a "obsessão" do défice

Embora apoie o Executivo no Parlamento, o BE não cala as críticas "à falta de investimento e sucessiva suborçamentação no SNS". E rejeita a tese governamental sobre a inexistência de verbas para acudir a todas as necessidades ao mesmo tempo sem colocar em causa o equilíbrio orçamental.

"É uma questão de opções", contrapõe o deputado Moisés Ferreira. "O Governo, de forma errada, tem privilegiado o défice em detrimento dos serviços públicos. Dizer que não há dinheiro não é a mais pura das verdades, porque o défice previsto para 2017 era de 1,5%, mas o Governo decidiu fazer figura para Bruxelas e ir além dessa meta. Isso custou cerca de €600 milhões que

muita falta fazem ao SNS", diz.

O partido — que já apresentou em janeiro uma proposta para uma nova lei de bases da saúde — considera também que é essencial "uma separação clara entre público e privado" na saúde. E enquanto a sua proposta de lei não é discutida, era já possível "avançar com medidas" que impeçam que o orçamento da saúde esteja "a financiar os privados rentistas e que vivem à custa do SNS". Bastaria para isso "avançar com a reversão das PPP na saúde", exemplifica.

Nas visitas que o partido tem feito a unidades de saúde, Moisés Ferreira diz que a dificuldade de contratar profissionais tem encontrado sempre um denominador comum nas justificações. "O Ministério das Finanças é o grande problema porque não dá as autorizações". Mas isso "não iliba o ministro da Saúde de ser responsabilizado pelas op-

Enfermeiros parteiros criam associação

Nasce hoje uma nova frente de escrutínio à política de Saúde do Governo. Os quase mil enfermeiros parteiros que no ano passado paralisaram várias maternidades do país, juntam-se para apresentar a Associação Movimento Nacional de Enfermeiros Especialistas de Saúde Materna e Obstetrícia. O líder do movimento, Bruno Reis, explica que o objetivo é regularizar o movimento, assente nas redes sociais, valorizar a formação, a saúde materna e a proteção parentalidade e sobretudo intervir a nível social, desde logo nas políticas para o sector. V.L.A.

ções políticas de um Governo que as toma como um todo". "Apesar de haver aumentos de orçamento no SNS desde 2016, o que está orçamentado nunca chega", aponta.

Sem "a obsessão pelo défice", o Bloco entende que teria sido já possível avançar de forma mais célere em matérias como "a abertura de concursos para médicos especializados, que esteve um ano à espera" de ser aberto. "O rácio de enfermeiros por unidade de saúde também está abaixo do recomendado", acrescenta Moisés Ferreira, recordando que "as dificuldades que existem na contratação de profissionais" no sector da saúde vão também levar o partido a "discutir na AR um projeto de lei para garantir maior autonomia às unidades de saúde" na contratação de médicos, enfermeiros ou auxiliares.

ADRIANO NOBRE
e ROSA PEDROSO LIMA
anobre@expresso.imprensa.pt

MOONLIGHT
VENCEDORES & NOMEADOS
OSCARS 2017
POR + €5,95 (CONT)

ÓSCARES
Quem vai ganhar amanhã à noite

Os já clássicos prognósticos do nosso crítico de cinema
Jorge Leitão Ramos 134

idealista

A app para procurar casa em Portugal

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

3 de março de 2018
2366 • €3,50

Director: Pedro Santos Guerreiro
Director-Executivo: Martin Silva
Directores-Adjuntos: João Vieira Pereira e Miguel Cadete
Director de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

Não perca o Expresso Diário

E Expresso DIÁRIO

Use o código que está na capa da Revista E para ler o Expresso Diário de segunda a sábado no seu smartphone, tablet ou computador, sem pagar mais por isso.

Passos vai dar aulas
O ex-primeiro-ministro Passos Coelho vai dar aulas de Administração Pública no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (IS-ISP) da Universidade de Lisboa.

Ministros discordam nas quotas
A proposta de lei para quotas de género nos dirigentes do Estado está atrasada, devido a divisões no Conselho de Ministros. BE pressiona Executivo. P17

Rajoy e Costa juntos
Os primeiros-ministros de Espanha e Portugal estarão na segunda-feira em Elvas para lançar o concurso do último troço da linha que ligará Portugal à rede ferroviária europeia. "É a primeira vez em muitas décadas que será acrescentada ferrovia e não suprimida", disse o ministro do Planeamento, Pedro Marques. P11

Filme sobre Snu em setembro
"Snu", realizado por Patrícia Sequeira, narra a história de amor de Ebba Merete Seidenfaden (Snu Abecassis) com Francisco Sá Carneiro até à morte de ambos na queda do avião em que seguiam, a 4 de dezembro de 1980.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E



INVESTIGAÇÃO

Tudo sobre o esquema que tirou 615 milhões do BES em Angola

- ➔ Fuga de informação expõe métodos usados com sociedades offshore. Álvaro Sobrinho suspeito de desviar milhões de dólares
- ➔ Banqueiro deu ordens para levantamentos de milhões em numerário ➔ Buraco em Angola foi decisivo para queda do BES
- ➔ Perfil do matemático que se tornou milionário P18 E R24

Marcelo patrocina 'cimeira de paz' entre Lisboa e Luanda

João Lourenço e António Costa enviam ministros. Marcelo fala no fim. Há dezenas de empresários convidados

A organização é da Câmara do Comércio Portugal Angola mas a ideia saiu dos bastidores políticos. Dia 27, no Epic Sana, em Lisboa, a megaconferência "Portugal/Angola, uma aposta de futuro" vai juntar a nata do empresariado dos dois países. Um estudo pedido à Deloitte vai puxar pelo impacto das boas relações bilaterais. P3

BURACO DESDE A SAÍDA DA TROIKA CHEGA AOS €1100 MILHÕES

O que se passa com a nossa Saúde? O SNS nunca fez nem recebeu tanto. Mas também nunca deveu tanto. Pressão aumenta sobre o ministro Adalberto Campos Fernandes P4 e 6

TEMPOS DE ESPERA NO CANCRO AUMENTAM

MARÇO É O MÊS DE TODAS AS GREVES E MANIFESTAÇÕES

OS CASOS DE RUTURA NOS SERVIÇOS DE NORTE A SUL

FOTO JOSÉ CARIA

Lei das Rendas deixa repúblicas de Coimbra em risco P24

Populações do interior sem telefone culpam Altice P22

Avaliação do Montepio obriga Santa Casa a recuar

Banco vale muito menos do que a Associação Mutualista defendia. Santa Casa vai ter de rever condições do acordo para se tornar acionista do Montepio

Valor do banco Montepio é muito inferior ao inicialmente previsto, o que obrigou a um recuo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa na estratégia inicial. Tomás Correia, que lidera a Associação Mutualista, dona do Montepio, já está incluído à procura de mais sócios. Fernando Negrão assume oposição frontal ao negócio. E6

EUROPA ANSIOSA COM LEGISLATIVAS ITALIANAS P28

O EXPRESSO EM RAOQA, EX-CAPITAL SÍRIA DO DAESH P30

Rio "de braço dado" com Costa mas só até às férias P12

Salários dos jovens caíram 4,6% nos últimos 10 anos E30

Évora assinala Dia Internacional da Mulher

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 02/03/2018

Melo: MetroNews Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e5cd14ce>

Évora realiza as comemorações do Dia Internacional da Mulher nos dias 8, 10 e 11 março com um conjunto de iniciativas diversificadas, onde se destacam um debate sobre direitos e uma manifestação em Lisboa.

Sob o lema "Espaços de Igualdade: Oficinas de Encontro" é inaugurada uma mostra de trabalhos da oficina de costura no dia 3 de Março, às 17 horas, no Auditório da Junta de Freguesia do Bacelo. Pelas 17:30 horas, tem lugar a apresentação do Grupo de Teatro com Memória. A organização de ambos os eventos é da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

A exposição "Mulher - De onde viemos onde queremos chegar" é inaugurada no dia 7 de Março, às 18 horas, na sede da Junta de Freguesia da Malagueira. Esta mostra é da responsabilidade da União de Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras e do Movimento Democrático das Mulheres (MDM).

Uma sessão evocativa sobre "A luta e os Direitos das Mulheres", com a participação de Deolinda Machado (Secretariado do Conselho Nacional da CGTP-IN) e Carmem Almeida que apresentará a comunicação "100 anos depois, uma reflexão - As mulheres e a 1ª Guerra Mundial", tem lugar no dia 8, a partir das 14:00 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Évora. Será moderada pela Vereadora da Câmara Municipal de Évora, Sara Fernandes e é organizada pela Comissão Sindical do STAL da Câmara Municipal de Évora. As inscrições para orador/a devem ser feitas para o email gapv.divulgacao@mail.evora.net ou 266 777 000 - Helena Lacerda ou Sofia Sousa).

Nesse dia, decorre também um lanche convívio com a com a actuação das Cantadeiras da ARPIFSS, a partir das 15 horas, na sede da ARPIFSS (Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia da Senhora da Saúde. Esta iniciativa é organizada pela ARPIFSS, com o apoio da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

Ainda no dia 8, é também inaugurada a exposição de cartazes "De pleno direito e à luz da igualdade", com a actuação do Grupo Vozes do Imaginário, pelas 16 horas, na Igreja de São Vicente. O evento é dinamizado pelo MDM e Colecção B. O "Cordão humano - a luta e os direitos da mulher" organizado pela CGTP/STAL será feito a partir das 17:30 horas, no Largo Luís de Camões e, às 18 horas, realiza-se uma Serenata à Mulher, a cargo da Associação Académica da Universidade de Évora.

Uma manifestação nacional decorre no dia 10 de Março, a partir das 14:30 horas, em Lisboa, subordinada ao tema "A voz das mulheres pela igualdade| direitos|desenvolvimento|paz". Haverá transporte a partir de Évora e as inscrições devem ser feitas para mdmevora@hotmail.com ou 967 840 360.

Esta manifestação visa dar voz às mulheres, à sua luta contra as desigualdades, discriminações e violências que marcam o seu quotidiano e contra as situações de desrespeito pelos seus direitos; afirmar o valor da participação das mulheres em igualdade em todas as esferas da vida - no plano familiar, laboral, social, político, cultural e desportivo; e dar visibilidade à força da luta das mulheres pelo exercício dos seus direitos específicos, condição necessária à concretização de uma verdadeira política de igualdade, de justiça e de desenvolvimento do país.

O dia 11 de março será marcado por um circuito desportivo que engloba caminhada, mega aula de zumba e de hidroginástica, entre as 9.30 e as 13 horas, nas Piscinas Municipais. As inscrições devem ser feitas para o email mariapeleve@cm-evora.pt ou 266 777 186 - Maria Pé-Leve. Este evento é promovido pela Câmara de Évora.

2 de Março de 2018

Redacção

Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 02/03/2018

Melo: Tudobem - Informação Regional Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=fa4a84b2>

Comemorações do Dia Internacional da Mulher em Évora

Évora realiza as comemorações do Dia Internacional da Mulher nos dias 8, 10 e 11 março com um conjunto de iniciativas diversificadas, onde se destacam um debate sobre direitos e uma manifestação em Lisboa.

Sob o lema "Espaços de Igualdade: Oficinas de Encontro" é inaugurada uma mostra de trabalhos da oficina de costura no dia 3 de Março, às 17 horas, no Auditório da Junta de Freguesia do Bacelo. Pelas 17:30 horas, tem lugar a apresentação do Grupo de Teatro com Memória. A organização de ambos os eventos é da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

A exposição "Mulher - De onde viemos onde queremos chegar" é inaugurada no dia 7 de Março, às 18 horas, na sede da Junta de Freguesia da Malagueira. Esta mostra é da responsabilidade da União de Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras e do Movimento Democrático das Mulheres (MDM).

Uma sessão evocativa sobre "A luta e os Direitos das Mulheres", com a participação de Deolinda Machado (Secretariado do Conselho Nacional da CGTP-IN) e Carmem Almeida que apresentará a comunicação "100 anos depois, uma reflexão - As mulheres e a 1ª Guerra Mundial", tem lugar no dia 8, a partir das 14:00 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Évora. Será moderada pela Vereadora da Câmara Municipal de Évora, Sara Fernandes e é organizada pela Comissão Sindical do STAL da Câmara Municipal de Évora. As inscrições para orador/a devem ser feitas para o email gapv.divulgacao@mail.evora.net ou 266 777 000 - Helena Lacerda ou Sofia Sousa).

Nesse dia, decorre também um lanche convívio com a com a actuação das Cantadeiras da ARPIFSS, a partir das 15 horas, na sede da ARPIFSS (Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia da Senhora da Saúde. Esta iniciativa é organizada pela ARPIFSS, com o apoio da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde.

Ainda no dia 8, é também inaugurada a exposição de cartazes "De pleno direito e à luz da igualdade", com a actuação do Grupo Vozes do Imaginário, pelas 16 horas, na Igreja de São Vicente. O evento é dinamizado pelo MDM e Colecção B. O "Cordão humano - a luta e os direitos da mulher" organizado pela CGTP/STAL será feito a partir das 17:30 horas, no Largo Luís de Camões e, às 18 horas, realiza-se uma Serenata à Mulher, a cargo da Associação Académica da Universidade de Évora.

Uma manifestação nacional decorre no dia 10 de Março, a partir das 14:30 horas, em Lisboa, subordinada ao tema "A voz das mulheres pela igualdade| direitos|desenvolvimento|paz". Haverá transporte a partir de Évora e as inscrições devem ser feitas para mdmevora@hotmail.com ou 967 840 360.

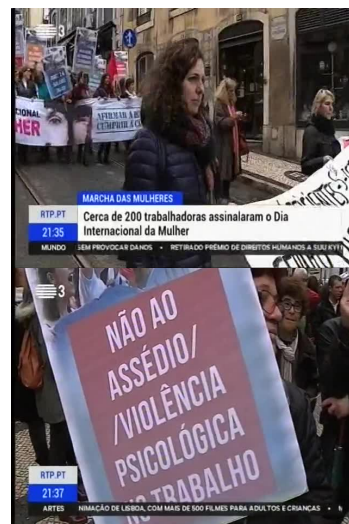
Esta manifestação visa dar voz às mulheres, à sua luta contra as desigualdades, discriminações e violências que marcam o seu quotidiano e contra as situações de desrespeito pelos seus direitos; afirmar o valor da participação das mulheres em igualdade em todas as esferas da vida - no plano familiar, laboral, social, político, cultural e desportivo; e dar visibilidade à força da luta das mulheres

pelo exercício dos seus direitos específicos, condição necessária à concretização de uma verdadeira política de igualdade, de justiça e de desenvolvimento do país.

O dia 11 de março será marcado por um circuito desportivo que engloba caminhada, mega aula de zumba e de hidroginástica, entre as 9.30 e as 13 horas, nas Piscinas Municipais. As inscrições devem ser feitas para o email mariapeleve@cm-evora.pt ou 266 777 186 - Maria Pé-Leve. Este evento é promovido pela Câmara de Évora.

CMÉ

Fri, 02 Mar 2018 11:27:44 +0100



Marcha das Mulheres

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=b6199193-0871-4587-b37d-8e7e6416531e&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Cerca de 200 trabalhadoras assinalaram o Dia Internacional da mulher numa marcha até à Assembleia da República. A concentração foi organizada pela CGTP e juntou antigas trabalhadoras da antiga fábrica da Triumph e as trabalhadoras das Misericórdias que estiveram hoje em greve para protestar por aumentos salariais.

Declarações de Arménio Carlos, CGTP; Ricardo Mendes, trabalhador da DHL.



"Dia Internacional da Mulher" com uma marcha até ao Parlamento

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=fe7bc885-ce78-4acb-8033-94ed0010bcb1&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Cerca de 200 trabalhadores assinalaram o "Dia Internacional da Mulher" com uma marcha até ao Parlamento.

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b30cf3d>

2018-03-08T18:34:43Z

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas. O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres. Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer". Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou. Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento. Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas". "Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República. Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres. "Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos. O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

Lusa

Mulheres que trabalham em hospitais e grandes superfícies são das que têm mais dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Expresso Online

Autores: Marta Gonçalves

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e7489bc0>

Enfermeiras são das trabalhadoras que têm maior dificuldade em conciliar a vida familiar e profissional devido a exigência dos horários Foto António Pedro Ferreira

António Pedro Ferreira

Enfermeiras, funcionárias das grandes superfícies comerciais e trabalhadoras das misericórdias: estas são sobretudo as classes onde a mão de obra feminina é grande e há maior dificuldade em conciliar a vida profissional com a familiar. As mulheres continuam a ganhar menos, são secundarizadas no acesso ao emprego e penalizadas por serem mães. Em entrevista ao Expresso, Fátima Messias, coordenadora para a igualdade entre homens e mulheres e dirigente da CGTP (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses), explica porque "não podemos estar no século XXI e achar que o Dia Internacional da Mulher deixou de ter razão de ser". "O desaproveitamento das qualificações das mulheres é uma realidade"

Marta Gonçalves

Jornalista

Porquê é importante promover uma semana pela igualdade de género?

Aproveitando a comemoração do dia Internacional da mulher, esta quinta-feira, considerámos que a dimensão dos problemas e das reivindicações existentes em termos de igualdade o justifica. Este ano, feita uma análise dos problemas mais sentidos, identificámos seis temáticas: discriminação salarial, que persiste no nosso país; os vínculos precários que afetam muitas mulheres, sobretudo as mais jovens; o exercício dos direitos de maternidade/ paternidade quando a taxa de natalidade voltou a descer e a idade média para o primeiro filho está a aumentar (30,3 anos); a conciliação do trabalho com a vida familiar, os horários de trabalho, a carga horária e a falta de tempo para o lazer e vida pessoal; situações de assédio sexual e moral, casos de tortura em que as mulheres são as principais vítimas; e, por último, as doenças profissionais que afetam sobretudo as mulheres.

Estas são seis temáticas bastante diferentes e, no entanto, em todas elas as mulheres surgem sempre como as mais afetadas. Porque são sempre as mulheres?

Na precariedade, por exemplo, são sobretudo as mais novas - nos menos de 35 anos, 41% têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A partir de uma certa idade passam a ser os homens em situações mais precárias. Mas, de facto, são elas as mais fragilizadas e discriminadas. Isto significa que a igualdade entre homens e mulheres que se conquistou na lei não está ainda efetivada na vida. Por isso, queremos e lutamos para que não existam desigualdades de género e que os problemas que identificámos deixem de ser problema, seja para mulheres ou homens.

Rui Duarte Silva

A CGTP recebe denúncias? Quais as mais frequentes?

Ultimamente, as situações mais frequentes são as de assédio moral e psicológico no local de trabalho. Temos várias situações relatadas em todos os sectores de atividade. Também recebemos muitas denúncias de violações à lei da parentalidade, aos direitos da maternidade e paternidade. Há uma crescente denúncia de casos de recusa de flexibilização de horários às mães com filhos até 12 anos. Esta situação torna-se aguda em hospitais e nas grandes superficiais comerciais, com as enfermeiras a trabalharem por turnos e a grande desregulamentação de horário no sector do comércio. Também nas misericórdias, em que a mão de obra é maioritariamente feminina, coexistem situações de discriminação, assédio...

As mulheres, enquanto trabalhadoras, são desvalorizadas?

Verificamos que sim. O facto de as mulheres constituírem o maior número de licenciados não significa que a nível dos quadros superiores a discriminação seja menor. Muito pelo contrário, é maior. O desaproveitamento das qualificações das mulheres é uma realidade.

Quais as consequências desse desaproveitamento?

É uma degradação das condições de vidas das trabalhadoras e das suas famílias. Não favorece, aliás compromete, o desenvolvimento do país e quem ganha com a discriminação salarial das mulheres são as entidades empregadoras.

Rui Duarte Silva

Há pouco falávamos da questão da maternidade. O facto de a mulher engravidar e ter filhos é penalizador?

Efetivamente, ser mãe ainda penaliza a mulher como trabalhadora. Por vezes, prejudica de forma indireta quando as empresas - e são muitas - declaram, seja no acesso ou no decorrer do emprego, que querem disponibilidade total por parte do trabalhador. Como ainda são as mulheres que têm a seu cargo a responsabilidade de tomar conta de filhos, família e dependentes, essa disponibilidade total entra em choque com a conciliação da vida profissional e familiar. Verificamos que as mulheres são preteridas e secundarizadas, não são tidas em conta da mesma forma pelas empresas.

De que forma estas ações, como a que a CGTP promove esta semana, podem ajudar na mudança?

Campanhas de divulgação de direitos e que revelam as denúncias de situações concretas que nem sempre são visíveis para a população geral são muito importantes porque levam as pessoas a questionarem-se. Não precisamos de alterar a lei, precisamos que a lei seja cumprida, que existam mecanismos de fiscalização e punição dos infratores. Não podemos estar no século XXI e considerar que o Dia Internacional da Mulher deixou de ter razão de ser. As mulheres são uma mão de obra que continua a ser discriminada, as empresas ganham dinheiro com isso porque pagam menos e penalizam mais. A sociedade e os países perdem porque o progresso social é colocado em causa.

2018-03-08T08:00:26.000Z

[Additional Text]:

Marta Gonçalves

Marta Gonçalves

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Impala Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=68301752>

8 Mar 2018 | 18:41

O líder da CGTP afirmou esta quinta-feira que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas.

O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres.

Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, esta quinta-feira em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer".

Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento.

Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas".

LEIA MAIS:

"Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República.

Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres.

"Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos.

O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=cc8252d0>

2018-03-08T18:34:43Z

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas. O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres. Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer". Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou. Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento. Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas". "Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República. Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres. "Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos. O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

Lusa

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6ebf4799>

2018-03-08 18:34

LusaHoje às 18:34, atualizado às 18:37FacebookTwitterComentar

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas.

O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres.

Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer".

Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento.

Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas".

"Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República.

Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres.

"Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos.

O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

Lusa

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f6dc7e2f>

Thu, 08 Mar 2018 19:34:43 +0100

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas.

O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres.

Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer".

Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento.

Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas".

"Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República.

Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres.

"Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos.

O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias

greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Observador Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3b8bd932>

8/3/2018, 19:08

O líder da CGTP anunciou uma manifestação de 500 ativistas para a próxima quarta-feira, em Lisboa. Este é o dia em que vai decorrer o debate sobre legislação laboral.

O líder da CGTP afirmou esta quinta-feira que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas.

O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres.

Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer".

Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento.

Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas".

"Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República.

Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres.

"Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio

Carlos.

O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

Agência Lusa

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f322fb9b>

Thu, 08 Mar 2018 19:34:43 +0100

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas.

O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres.

Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer".

Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável.

Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento.

Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas".

"Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República.

Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres.

"Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos.

O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias

greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

CGTP anuncia manifestação de ativistas para quarta-feira

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 08/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a06387b>

2018-03-08T18:34:43Z

O líder da CGTP afirmou hoje que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas. O secretário-geral da intersindical, Arménio Carlos, falava frente à Assembleia da República esta tarde, no final de uma manifestação para assinalar o Dia Internacional da Mulher que contou com cerca de 200 participantes, a maioria mulheres. Perante os manifestantes, onde se incluíam trabalhadoras da antiga Triumph e da União das Misericórdias, hoje em greve nacional, o líder da CGTP admitiu que há melhorias na área laboral, mas reafirmou que agora "é preciso dar o salto qualitativo" pois "há muito por resolver e muita luta para se fazer". Já na próxima quarta-feira, anunciou, "cerca de 500 ativistas" irão desfilar desde a sede da CGTP, na zona da baixa lisboeta, rumo ao parlamento, onde irá decorrer o debate potestativo marcado pelo PCP sobre legislação laboral. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou. Arménio Carlos considerou que "com a pressão" será possível obter os votos favoráveis dos socialistas, tal como aconteceu com a lei de transmissão de empresa" recentemente aprovada no parlamento. Sobre o Dia Internacional da Mulher, o dirigente da intersindical considerou que "este é o momento de afirmar o direito à igualdade, não só em palavras mas em políticas". "Todos os anos se constata que há discriminação salarial", disse em declarações à Lusa o líder da intersindical durante o protesto que arrancou às 15:00 do Largo Camões em direção à Assembleia da República. Para Arménio Carlos, está na altura de passar das palavras aos atos e de "olhar de uma outra forma, no âmbito da legislação laboral", para os direitos dos trabalhadores, em particular das mulheres. "Esta legislação laboral esmaga os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores e introduz o medo de se exercerem os direitos" laborais, como por exemplo, o direito à maternidade, sublinhou Arménio Carlos. O protesto organizado pela CGTP integra-se numa ação nacional da central sindical que inclui várias greves, concentrações e manifestações a decorrer em todo o país.

Lusa

Mulheres que trabalham em hospitais e grandes superfícies são das que têm mais dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 07/03/2018

Melo: Expresso Online

Autores: Marta Gonçalves

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=aeb66e2f>

Enfermeiras são das trabalhadoras que têm maior dificuldade em conciliar a vida familiar e profissional devido a exigência dos horários Foto António Pedro Ferreira

António Pedro Ferreira

Enfermeiras, funcionárias das grandes superfícies comerciais e trabalhadoras das misericórdias: estas são sobretudo as classes onde a mão de obra feminina é grande e há maior dificuldade em conciliar a vida profissional com a familiar. As mulheres continuam a ganhar menos, são secundarizadas no acesso ao emprego e penalizadas por serem mães. Em entrevista ao Expresso, Fátima Messias, coordenadora para a igualdade entre homens e mulheres e dirigente da CGTP (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses), explica porque "não podemos estar no século XXI e achar que o Dia Internacional da Mulher deixou de ter razão de ser". "O desaproveitamento das qualificações das mulheres é uma realidade"

Marta Gonçalves

Jornalista

Porquê é importante promover uma semana pela igualdade de género?

Aproveitando a comemoração do dia Internacional da mulher, esta quinta-feira, considerámos que a dimensão dos problemas e das reivindicações existentes em termos de igualdade o justifica. Este ano, feita uma análise dos problemas mais sentidos, identificámos seis temáticas: discriminação salarial, que persiste no nosso país; os vínculos precários que afetam muitas mulheres, sobretudo as mais jovens; o exercício dos direitos de maternidade/ paternidade quando a taxa de natalidade voltou a descer e a idade média para o primeiro filho está a aumentar (30,3 anos); a conciliação do trabalho com a vida familiar, os horários de trabalho, a carga horária e a falta de tempo para o lazer e vida pessoal; situações de assédio sexual e moral, casos de tortura em que as mulheres são as principais vítimas; e, por último, as doenças profissionais que afetam sobretudo as mulheres.

Estas são seis temáticas bastante diferentes e, no entanto, em todas elas as mulheres surgem sempre como as mais afetadas. Porque são sempre as mulheres?

Na precariedade, por exemplo, são sobretudo as mais novas - nos menos de 35 anos, 41% têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A partir de uma certa idade passam a ser os homens em situações mais precárias. Mas, de facto, são elas as mais fragilizadas e discriminadas. Isto significa que a igualdade entre homens e mulheres que se conquistou na lei não está ainda efetivada na vida. Por isso, queremos e lutamos para que não existam desigualdades de género e que os problemas que identificámos deixem de ser problema, seja para mulheres ou homens.

Para continuar a ler o artigo, clique [AQUI](#)

(

2018-03-07T18:00:26.000Z

[Additional Text]:

Marta Gonçalves

Marta Gonçalves

Professores do distrito juntam-se em Beja

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 06/03/2018

Melo: Rádio Pax Online

URL: <https://www.radiopax.com/professores-do-distrito-juntam-se-em-beja/>

7 Março, 2018

O Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) agendou para hoje, em Beja, um Plenário Distrital de Educadores e Professores.

Nos trabalhos participa o Secretário-geral da FENPROF, Mário Nogueira.

Este plenário tem como objectivos esclarecer os docentes sobre a situação negocial com o Governo.

O descongelamento das carreiras, a contagem do tempo de serviço, os horários de trabalho, o desgaste e o envelhecimento profissional são matérias em cima da mesa.

Manuel Nobre, presidente do Sindicato de Professores da Zona Sul, acusa o Governo de não cumprir os compromissos assumidos com os docentes em Novembro do ano passado.

O plenário vai ainda apelar à participação na greve dos professores agendada para 13, 14, 15 e 16 de Março. A paralisação será realizada de forma faseada por regiões. Na próxima quarta-feira paralisam os docentes do Sul.

Manuel Nobre espera uma grande adesão à greve, tendo em conta o descontentamento dos professores. Os docentes não afastam a realização de uma grande manifestação nacional.

Rádio Pax



Greve dos educadores de infância

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=b9b6bef9-2216-4b07-b391-80d2515bc413&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Educadores de infância manifestaram-se hoje em Lisboa para exigir a passagem das creches para a tutela do Ministério da Educação e que seja reconhecido o tempo de serviço dos educadores em creche como o serviço docente. Em causa está a educação das crianças dos 0 aos 3 anos e o papel da creche enquanto instituição que permite destacar as potencialidades e necessidades da criança durante a primeira infância.



Greve de educadores de infância

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=75c75c2a-8f44-4788-9bc1-4135292194e9&userId=8c5521c6-acda-4259-b760-a5d7559d3b94>

Os Educadores de Infância afetos à CGTP estão hoje em greve, no âmbito da paralisação está marcada uma concentração nacional junto ao Ministério da Educação às 3 da tarde de hoje, os educadores lutam pela valorização da educação dos 0 aos 3 anos como um direito das crianças pela passagem imediata da tutela pedagógica das creches do Ministério do Trabalho para o Ministério da Educação e pelo reconhecimento do tempo de serviço em creches como serviço docente.

Repetições: TVI - Diário da Manhã , 2018-03-05 08:52

CGTP nas ruas para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/02/2018

Melo: Delas Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3f170e23>

Atualidade

CGTP nas ruas para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

28/02/2018

por

lusa

Array

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 5 e 9 de março. Tratando-se da semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (8 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista em declarações à Lusa.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que serão abordadas nos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Desfile de carros de bebés e greves de educadores entre as formas de protesto

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 8 de março, pelas 16:30. A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 5 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta. Até à tarde desta terça-feira, 27 de fevereiro, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas mil e dez iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP. A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar",

alertou.

Imagem de destaque: Shutterstock

2018-02-28 08:00:30+00:00

CGTP realiza semana para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c4686017>

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março.

Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30.

A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta.

Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP.

A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

27.02.2018

Dinheiro Vivo/Lusa

CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ebcc6d84>

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março.

Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30.

A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta.

Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP.

A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

27.02.2018

CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2b091d03>

2018-02-27T19:53:32Z

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março. Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos. "O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista. A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana. Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30. A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta. Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua. "De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP. A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas". "Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

Lusa

CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4308e287>

2018-02-27T19:53:32Z

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março. Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos. "O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista. A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana. Uma das iniciativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30. A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta. Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua. "De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP. A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas". "Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

Lusa

CGTP realiza ação em março para reivindicar igualdade de género

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8c79910d>

2018-02-27 20:03

Hoje às 20:03FacebookTwitterComentar

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 5 e 9 de março.

Entre os dias 5 a 9 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (8 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 8 de março, pelas 16.30 horas.

A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 5 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta.

Até à tarde desta terça-feira, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP.

A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b4f2a06>

2018-02-27 19:53

LusaHoje às 19:53, atualizado às 19:56FacebookTwitterComentar

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março.

Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30.

A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta.

Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP.

A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

Lusa

CGTP prepara semana de luta pela igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=47b976b4>

Tue, 27 Feb 2018 20:53:32 +0100

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março.

Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos.

"O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista.

A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana.

Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30.

A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta.

Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua.

"De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP.

A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas".

"Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

CGTP realiza semana de luta em março para reivindicar igualdade entre mulheres e homens

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/02/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a260fa3b>

2018-02-27T19:53:32Z

A discriminação salarial, o assédio e a precariedade laboral são algumas das temáticas que vão servir de mote às ações da CGTP durante a semana de luta pela igualdade de géneros entre 05 e 09 de março. Entre os dias 05 a 09 de março, semana em que se assinala o Dia Internacional da Mulher (08 março), a CGTP vai levar a cabo um conjunto de ações, por todo o país, com intuito de "chamar a atenção para alguns problemas que ainda subsistem e colocam em causa a igualdade laboral e familiar das mulheres", segundo explicou à agência Lusa o secretário-geral, Arménio Carlos. "O nosso objetivo passa por reafirmar os direitos das mulheres, que deve ser durante todos os dias dos anos. Expor problemas que ainda se continuam a verificar e que impedem uma verdadeira igualdade de direitos", sublinhou o sindicalista. A discriminação salarial, a precariedade laboral, as doenças profissionais, o assédio, a maternidade e paternidade e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal são as seis questões que servirão de mote aos diversos plenários e iniciativas de rua previstas durante esta semana. Uma das incitativas previstas será um desfile de carrinhos de bebés, em Faro, que se realizará no dia 08 de março, pelas 16:30. A realização de uma greve de 24 horas dos Educadores de Infância, no dia 05 de março, em Lisboa, é outra das iniciativas inscritas nesta semana de luta. Até à tarde hoje, segundo adiantou a GGTP estavam confirmadas 1.010 iniciativas em locais de trabalho e 17 ações de rua. "De ano para ano temos tido um maior envolvimento porque existe uma maior sensibilidade para estas questões, sublinhou à Lusa a sindicalista Fátima Messias, coordenadora da Comissão de Igualdade Mulheres e Homens na CGTP. A sindicalista ressaltou que problemas como a precariedade laboral ou a dificuldade de conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal "são transversais a ambos os sexos", mas que "são as mulheres as mais penalizadas". "Por exemplo, 41% das dos menores de 35 anos têm vínculos precários e a maioria são mulheres. A precariedade promove a insegurança e põem em causa a articulação com a vida pessoal e familiar", alertou.

Lusa



Dia Internacional da Mulher

Data celebrada em várias frentes

CELEBRAÇÃO
Iolanda Chaves
ichaves@jm-madeira.pt

O Dia da Mulher foi ontem assinalado na Madeira de diversas formas, por diferentes entidades, conforme o JM foi dando conta na edição online.



A efeméride suscita reflexão mas também comporta motivos para ser festejada, em nome de algumas conquistas, e isso aconteceu.

As comemorações começaram ainda de manhã e só terminaram altas horas da madrugada, depois dos habituais jantares e convívios de mulheres (com ou sem o sempre controverso striptease masculino).

No Funchal, elementos do executivo camarário marcaram presença, ao longo do dia, em vários eventos municipais, alguns promovidos pelas juntas de freguesia.

Os autarcas quiseram assim vincar a importância da efeméride que, segundo dizem, "continua a ser manifestamente simbólico e cuja importância ninguém deve menosprezar".

"O atual executivo, à luz da forma como tem encarado sempre as questões da Igualdade de Gé-

nero, fez, por isso, questão de associar-se às múltiplas comemorações que tiveram lugar no Funchal, sendo de recordar que a CMF promove igualmente, até domingo, uma semana de atividades temáticas próprias, em vários pontos da cidade", sublinha o executivo camarário em nota enviada ao nosso jornal.

O vice-presidente Miguel Silva Gouveia acompanhou as comemorações das utentes do Centro Comunitário do Funchal, enquanto a vereadora Idalina Perestrelo esteve num almoço com municipais, promovido pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.

A vereadora Madalena Nunes esteve com as alunas do Ginásio Municipal de São Martinho, em encontros marcados pela boa dispo-

Liliana Rodrigues assinala data em Bruxelas

Em Bruxelas, a eurodeputada Liliana Rodrigues assinalou a data participando numa Comissão Interparlamentar sobre o "Empoderamento das mulheres e das jovens nos meios de comunicação". Como membro da Comissão dos Direitos da Mu-

lher e da Igualdade dos Géneros, participou num painel que tinha como objetivo verificar como é que as mulheres podem influenciar os media. Na sua intervenção, a eurodeputada referiu que a construção de sociedades igualitárias é uma

das prioridades dos estados democráticos modernos e que "os meios de comunicação social desempenham um papel importante e único na construção de uma sociedade em que homens e mulheres possam usufruir de direitos iguais". **JM**

sição e convívio entre todas as presentes, conforme nos dá conta uma nota de imprensa da autarquia.

TRABALHADORAS E MÃES

A USAM - União dos Sindicatos da Madeira esteve durante tarde a distribuir informação sobre os direitos, muitas vezes negados, às

mulheres enquanto trabalhadoras e mães. Em declarações aos JM, a porta-voz da iniciativa, Maria José Afonseca, referiu que esta ação esteve integrada também na Semana da Igualdade, promovida ao nível nacional pela CGTP e Comissão para a Igualdade entre Homens e Mulheres.

No panfleto, distribuído a homens e mulheres, a USAM alerta para os problemas relacionados com as desigualdades salariais que ainda persistem, perseguições nos locais de trabalho devido ao género e as dificuldades que existem em conciliar o trabalho com a maternidade. **JM**

Rio Maior: Cerca de 400 trabalhadores aderiram à greve da Nobre

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	09/03/2018
Melo:	Comércio e Notícias Online	Autores:	Paulo Jorge de Pinho Araújo

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=619f1373>

Conforme estava anunciado, os trabalhadores da empresa Carnes Nobre, em Rio Maior, cumpriram ontem, 8 de março, uma greve e manifestação, a qual reuniu cerca de 400 trabalhadores, na sua grande maioria mulheres.

O protesto que se realizou pelas 16h00 junto às instalações da empresa e pré-aviso (entre as 13h00 e as 23h59) fizeram com que a maior parte das linhas de produção da empresa não estivesse em funcionamento ao longo da tarde, sendo exemplo evidente a paragem total da linha de fatiados.

Os trabalhadores seguiram em protesto até junto à Câmara Municipal de Rio Maior, local em que se concentraram e onde uma delegação sindical foi recebida pela Presidente da Câmara, Isaura Morais, a quem pediram solidariedade e compromisso político para consciencializar a administração da empresa para a necessidade da resolução dos problemas dos trabalhadores e cumprimento da lei laboral.

Segundo a União de Sindicatos de Santarém (USS), os motivos da greve e do protesto foram essencialmente os baixos salários (maioritariamente o salário mínimo), a ausência de subsídio de frio (forma de compensar a penosidade de trabalhar em temperaturas negativas), a precariedade generalizada (existindo casos de trabalhadores a trabalharem há 15 anos com contratos a termo incerto), o desrespeito pelas categorias profissionais (aplicação de uma categoria à generalidade dos trabalhadores independentemente das suas funções) e o não cumprimento da lei por parte da empresa em matérias tão elementares como a atribuição de horas para amamentação a trabalhadoras lactantes ou a inserção da meia hora de almoço no horário de trabalho dos trabalhadores em horário contínuo.

Numa manifestação em que esteve presente o deputado do PCP, António Filipe, a USS considera ter sido uma manifestação emotiva e reivindicativa, que contou com a participação de muitas mulheres e muitos jovens empenhados em defenderem os seus direitos, onde houve ainda espaço para individualmente os trabalhadores darem publicamente o seu testemunho. Salientar a trabalhadora que com o seu filho de 16 meses ao colo disse: -"Estamos aqui por eles (filhos), para que tenham uma vida melhor. Os nossos filhos merecem tudo".

Numa nota informativa a USS/CGTP-IN saúda os trabalhadores da empresa Nobre pela sua coragem, "esta foi sem dúvida a mais bela forma de comemorar o dia 8 de Março que podiam ter decidido, pois reivindicar a igualdade e o respeito é a melhor forma de fazer valer os valores emanados do Dia Internacional da Mulher", refere a entidade sindicalista que exalta ainda os trabalhadores da Nobre "a participarem na manifestação da mulher convocada pelo MDM no dia 10 de Março, na Manifestação Nacional da Juventude a 28 de Março e no 1.º de Maio em Santarém, locais onde poderão levar mais longe a sua luta e justas reivindicações".

9 Março, 2018

Paulo Araujo

CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/03/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1b978e03>

2018-03-09T13:56:27Z

A CGTP alertou, pelo menos, 65.000 mulheres para as desigualdades existentes na área laboral em Portugal, no âmbito de uma semana de luta que hoje termina, com a perspetiva de novas iniciativas para os próximos meses.

"Fazemos um balanço muito positivo desta semana de luta pela igualdade, pois ultrapassámos os objetivos definidos. Foram distribuídos 65.000 folhetos em contactos diretos com mulheres, que foram alertadas, na rua ou nos seus locais de trabalho, para a persistência das desigualdades e para os seus direitos", disse a dirigente da CGTP Fátima Messias, que coordena a comissão pela igualdade da central sindical, à agência Lusa.

Segundo a sindicalista, até quinta-feira foram desenvolvidas ações em 1.112 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, quando inicialmente estava previsto que fossem visitados 1.017 locais.

Ao longo da semana pela igualdade, que decorreu sob o lema "Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade", foram ainda realizadas 24 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Ao longo do dia de hoje vão ainda decorrer várias iniciativas, em vários pontos do país, no âmbito da semana pela igualdade.

"Este ano tivemos surpresas, como as greves de mulheres, nomeadamente nas misericórdias, que aproveitaram para se manifestar também na rua", disse Fátima Messias.

As greves de mulheres ocorreram na empresa de componentes Preh, nas misericórdias, nas lojas da EDP de Lisboa e Loures na fábrica da Nobre Alimentação.

"Foi um grande salto em termos de consciencialização das mulheres relativamente aos seus direitos", afirmou Fátima Messias.

Segundo a sindicalista, o objetivo desta semana era "assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras" e, tendo em conta o interesse e a disponibilidade mostrado pelas trabalhadoras, ficou decidido que este trabalho vai ter continuidade.

"Vamos acompanhar os problemas levantados, para que não fiquem para o próximo ano, e é natural que nos próximos meses surjam novas iniciativas pela igualdade", disse.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, foram os temas que estiveram na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

Federação dos Sindicatos Têxteis anuncia greve pelo aumento de salário mínimo

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (Fesete) anunciou, ontem, em Guimarães, um dia de luta setorial com greve e paralisações, para o próximo dia 23 deste mês. Um protesto pela valorização do trabalho e pelo aumento do salário mínimo nacional para os 600 euros.

© RUI DE LEMOS

«Os patrões não podem ficar com o queijo e os trabalhadores apenas com pouco mais que as cascas», atirou a coordenadora da direção nacional da Fesete, Isabel Tavares, que representa os setores dos têxteis, lanifícios, vestuário, calçado e peles, suportando a «justiça das reivindicações» que alicerçam a greve do setor anunciada para o dia 23 deste mês. «A realidade do setor, dito pela boca do patronato, é uma realidade muito positiva, com lucros assinaláveis e é preciso perceber que a realidade



Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis anunciou um dia de luta setorial com greve e paralisações para dia 23

vivida pelos trabalhadores é contrária a isto, com baixos salários, produtividade cronometrada e uma enorme pressão para cumprir prazos», sustentou.

Além daquela realidade, segundo explicou a sindicalista, ontem, em conferência de imprensa, em Guimarães, na qual também marcou presença o secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos, as negociações com as associações de patronato do

setor «estão bloqueadas, havendo mesmo recuos. «Além de não avançarem, há retrocessos, propostas de retirada de direitos. E a questão mais problemática prende-se com os salários», apontou.

Ou seja, «os patrões não querem sair do salário mínimo nacional ou de valores muito lá perto», sentenciou Isabel Tavares.

Por isso, a Fesete anunciou que vai avançar com «um compromisso de in-

tervenção e luta», que prevê um dia de luta setorial com greve e paralisações, no próximo dia 23 deste mês, a par do «esclarecimento, mobilização, envolvimento dos trabalhadores, defesa da contratação coletiva, avançar com cadernos reivindicativo nas empresas, combater o assédio moral e a opressão». Segundo Isabel Tavares, «é preciso dar sinais ao patronato que os trabalhadores estão decidi-

dos a lutar pelos seus justos direitos, o seu aumento de salário e melhores condições de trabalho, assim como a valorização das suas profissões».

De resto, a coordenadora da direção nacional da Fesete deixou, ainda, um «sério aviso» ao Governo e ao patronato de que irá «recorrer a todas as formas de luta no sentido de rechaçar qualquer iniciativa que vise mais ataques aos direitos dos tra-

balhadores e ao trabalho com direitos». Do mesmo modo, o secretário-geral da CGTP avisou o Governo que «não se pode dizer que se é de esquerda e manter legislação laboral de direita», afirmando que o executivo «será confrontado com mais conflitualidade caso mantenha cumplicidade com o patronato».

Arménio Carlos colocou-se ao lado do protesto dos trabalhadores dos têxteis, vestuário e calçado e apelou novamente ao Governo para que apoie também favoravelmente a proposta do PCP que pretende revogar a norma da caducidade e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. «A legislação laboral é, entre outras, uma linha divisória entre a concessão de direitos e a concessão de esquerda e se o Governo do PS quer continuar a manter uma postura de cumplicidade com as confederações do patronato no que respeita à legislação do trabalho, mantendo tudo o que foi imposto pela política de direita e da "troika", assumirá as responsabilidades. Pela nossa parte, será confrontado com mais conflitualidade», sentenciou.



ATIVISTAS

**MANIFESTAÇÃO EM LISBOA
NA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA**

O líder da CGTP afirmou ontem que 500 ativistas vão manifestar-se em Lisboa, na quarta-feira, dia em que decorre no Parlamento o debate sobre legislação laboral, para pressionar os deputados a aprovarem as propostas dos comunistas. Em causa está o fim da caducidade dos contratos coletivos, a regulação dos horários de trabalho e a reintrodução do princípio do tratamento mais favorável. Uma delegação da intersindical irá estar nesse dia, nas galerias da Assembleia da República, a assistir ao debate para "invocar os deputados do PS a aprovar" as propostas dos comunistas sobre a contratação coletiva, declarou.

CGTP : desfile por igualdade salarial**Lisboa Dia da Mulher com protesto na rua**

● A CGTP organizou ontem, em Lisboa, um protesto para assinalar o Dia Internacional da Mulher, que terminou junto à Assembleia da República. Segundo a CGTP, o protesto integra-se numa ação nacional da central sindical, que inclui várias greves, concentrações e manifestações em todo o país. No trajeto, as mulheres pediam que se valorizasse o trabalho. "Igualdade salarial é urgente em Portugal", diziam.

CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/03/2018

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c277836>

2018-03-09 13:56

LusaHoje às 13:56, atualizado às 14:00FacebookTwitterComentar

A CGTP alertou, pelo menos, 65.000 mulheres para as desigualdades existentes na área laboral em Portugal, no âmbito de uma semana de luta que hoje termina, com a perspetiva de novas iniciativas para os próximos meses.

"Fazemos um balanço muito positivo desta semana de luta pela igualdade, pois ultrapassámos os objetivos definidos. Foram distribuídos 65.000 folhetos em contactos diretos com mulheres, que foram alertadas, na rua ou nos seus locais de trabalho, para a persistência das desigualdades e para os seus direitos", disse a dirigente da CGTP Fátima Messias, que coordena a comissão pela igualdade da central sindical, à agência Lusa.

Segundo a sindicalista, até quinta-feira foram desenvolvidas ações em 1.112 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, quando inicialmente estava previsto que fossem visitados 1.017 locais.

Ao longo da semana pela igualdade, que decorreu sob o lema "Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade", foram ainda realizadas 24 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Ao longo do dia de hoje vão ainda decorrer várias iniciativas, em vários pontos do país, no âmbito da semana pela igualdade.

"Este ano tivemos surpresas, como as greves de mulheres, nomeadamente nas misericórdias, que aproveitaram para se manifestar também na rua", disse Fátima Messias.

As greves de mulheres ocorreram na empresa de componentes Preh, nas misericórdias, nas lojas da EDP de Lisboa e Loures na fábrica da Nobre Alimentação.

"Foi um grande salto em termos de consciencialização das mulheres relativamente aos seus direitos", afirmou Fátima Messias.

Segundo a sindicalista, o objetivo desta semana era "assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras" e, tendo em conta o interesse e a disponibilidade mostrado pelas trabalhadoras, ficou decidido que este trabalho vai ter continuidade.

"Vamos acompanhar os problemas levantados, para que não fiquem para o próximo ano, e é natural que nos próximos meses surjam novas iniciativas pela igualdade", disse.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, foram os

temas que estiveram na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa

Centenas de mulheres protestam pela discriminação de género na Baixa do Porto

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/03/2018

Melo: Porto Canal Online

URL: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/148927>

09-03-2018 12:21

Neste Dia Internacional da Mulher centenas de mulheres uniram-se na Baixa do Porto para dar a conhecer as dificuldades com que o sexo feminino ainda se depara nos dias de hoje. A iniciativa conjunta dos sindicatos e da CGTP fez com que centenas de mulheres saíssem à rua para reivindicar igualdade.

Norte Porto Canal

Têxteis em greve a 23 de março

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/03/2018

Melo: Renascença Online

URL: http://rr.sapo.pt/noticia/107617/texteis-em-greve-a-23-de-marco?utm_medium=rss

CGTP diz que é tempo de o Governo "demonstrar que é mesmo um governo de esquerda"

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis (FESETE) marcou, esta quinta-feira, uma greve no setor para dia 23 de março.

"A FESETE e os seus sindicatos vão avançar para um dia de luta sectorial com greve e paralisações no próximo dia 23 de março, pela valorização do trabalho, pela dignificação dos trabalhadores e das profissões, pelo aumento do salário mínimo para o sector de 600 euros", anunciou a sindicalista Isabel Tavares, em Guimarães.

Ao lado estava o secretário-geral da CGTP. Arménio Carlos deixou avisos aos patrões e também ao Governo: "Que tenha o bom senso de registar os acontecimentos e tomar medidas enquanto é tempo".

"E a melhor forma de o fazer é demonstrar que é mesmo um governo de esquerda, porque não se pode dizer que se é um governo de esquerda mantendo políticas que, neste caso concreto, asseguram a manutenção da legislação laboral de direita", sustentou.

08 mar, 2018 - 15:56

Renascença

CGTP alerta 65.000 mulheres para desigualdades no trabalho em semana de luta

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/03/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=fc065f46>

2018-03-09T13:56:27Z

A CGTP alertou, pelo menos, 65.000 mulheres para as desigualdades existentes na área laboral em Portugal, no âmbito de uma semana de luta que hoje termina, com a perspetiva de novas iniciativas para os próximos meses.

"Fazemos um balanço muito positivo desta semana de luta pela igualdade, pois ultrapassámos os objetivos definidos. Foram distribuídos 65.000 folhetos em contactos diretos com mulheres, que foram alertadas, na rua ou nos seus locais de trabalho, para a persistência das desigualdades e para os seus direitos", disse a dirigente da CGTP Fátima Messias, que coordena a comissão pela igualdade da central sindical, à agência Lusa.

Segundo a sindicalista, até quinta-feira foram desenvolvidas ações em 1.112 locais de trabalho onde foram identificados problemas relacionados com o tema, quando inicialmente estava previsto que fossem visitados 1.017 locais.

Ao longo da semana pela igualdade, que decorreu sob o lema "Afirmar a Igualdade -- Emprego/Direitos/Dignidade", foram ainda realizadas 24 ações de rua em todo o país, nomeadamente concentrações, manifestações, tribunas públicas, e quatro greves.

Ao longo do dia de hoje vão ainda decorrer várias iniciativas, em vários pontos do país, no âmbito da semana pela igualdade.

"Este ano tivemos surpresas, como as greves de mulheres, nomeadamente nas misericórdias, que aproveitaram para se manifestar também na rua", disse Fátima Messias.

As greves de mulheres ocorreram na empresa de componentes Preh, nas misericórdias, nas lojas da EDP de Lisboa e Loures na fábrica da Nobre Alimentação.

"Foi um grande salto em termos de consciencialização das mulheres relativamente aos seus direitos", afirmou Fátima Messias.

Segundo a sindicalista, o objetivo desta semana era "assinalar, alertar e reivindicar em torno de seis temáticas concretas que afetam particularmente as mulheres trabalhadoras" e, tendo em conta o interesse e a disponibilidade mostrado pelas trabalhadoras, ficou decidido que este trabalho vai ter continuidade.

"Vamos acompanhar os problemas levantados, para que não fiquem para o próximo ano, e é natural que nos próximos meses surjam novas iniciativas pela igualdade", disse.

A discriminação salarial, a precariedade, as doenças profissionais, os direitos de maternidade e paternidade, o assédio no trabalho e a conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal, foram os temas que estiveram na base da convocação desta semana de luta pela igualdade.

Lusa